

Sabino é inocentado no caso das cédulas falsas

O ex-prefeito do município de Bonito de Santa Fé, atual assessor do deputado estadual José Lacerda Neto e também fiscal de renda do Estado, Sabino Dias de Almeida, suspeito de repassar cédulas falsas, foi liberado ontem pelo Departamento de Polícia Federal onde estava detido desde a última segunda-feira.

A reportagem ontem procurou o DPF que negou-se a dar informações sobre o caso. No entanto, fontes confidenciais, que estiveram a par do fato, relataram que Sabino Dias foi preso realmente pela Polícia Federal, mas pelo fato de ter em sua residência grande quantidade de uísque importado, sem cobertura legal.

Na segunda-feira passada, o Departamento de Polícia Federal de João Pessoa, recebeu um telefonema de uma das agências locais do Banorte, informando que um certo Carlos Lins havia depositado uma quantia em dinheiro, no meio da qual, foi constatada, pelo caixa do banco, a presença de cédulas falsas.

Imediatamente foi procedida a prisão de Carlos Lins que, ao ser interrogado, revelou que o dinheiro foi recebido de pagamento feito por Sabino Dias de Almeida, ex-prefeito de Bonito

de Santa Fé, que também prestou a mesma versão de que teria recebido o dinheiro proveniente de vários pagamentos.

Contando com poucos dados, e necessitando de maiores informações para constatar a veracidade do crime, o DPF determinou a uma equipe de seus agentes que procedessem mandado de busca na residência dos dois suspeitos. Apesar de não ter sido encontrada mais nenhuma nota falsa, ou material que correspondesse à impressão das mesmas, na casa de Sabino, os agentes, deram por conta de duas caixas de uísque importado sem nenhuma cobertura legal.

Depois dessa constatação, Sabino foi chamado a nova audiência onde revelou que o uísque foi adquirido de Rafael de Lourenço, irmão de Orlando de Lourenço, que já é conhecido no contrabando de bebidas na região Nordeste. Assim, o assessor do deputado foi preso e autuado em flagrante. No entanto, em vista do crime admitir fiança, ontem, através do advogado José Augusto, foi solicitada a concessão de fiança ao juiz federal, que a concedeu arbitrando-a em Cr\$ 5 mil. A fiança foi paga e ontem mesmo, às 16h30m, Sabino Dias foi liberado pela PF.

Prefeita paga salários com as vacas do marido

A prefeita Maria do Socorro Silva, do município de Serra Grande, encontrou uma maneira "sui generis" de comercializar o rebanho bovino (do seu esposo) ameaçado de morrer por falta de pastagens: atrasou os salários de todos os vereadores e, quando estes vão reclamar o dinheiro, recebem uma vaca como pagamento.

As vacas do esposo da prefeita estão todas magras e morrendo de fome. No entanto, ela e o marido que é também secretário da Prefeitura, estão vendendo os animais a 20 mil cruzeiros cada um e, como o maior valor de salários atrasados não ultrapassa os 18 mil, os vereadores são ainda obrigados a cobrir a diferença, do próprio bolso.

O vereador Germiniano Leite

Sobrinho, da bancada do PDS, foi uma das vítimas da prefeita. Segundo ele, desde janeiro não recebia os vencimentos e, quando finalmente a sra. Maria do Socorro resolveu pagar-lhe, repetiu o que tinha feito com os outros parlamentares: lhe entregou uma vaca esquelética e ainda exigiu que o vereador pagasse dois mil cruzeiros, uma vez que seus vencimentos somavam um total de 18 mil. Germiniano disse que os vereadores só recebem os bois porque não querem perder de todo o dinheiro, mas estão enfrentando um problema sério, porque não existe pasto para alimentar os animais. Ele denunciou que a prefeita só faz o que o marido quer.

Saúde desiste de reduzir as gratificações

Embora tenha anunciado, dois meses atrás, que haveria uma redução nas gratificações do pessoal da Secretaria da Saúde, em face das dificuldades e da escassez de recursos, o secretário Aloysio Pereira decidiu ontem manter essas gratificações e imediatamente reuniu seus assessores, a quem transmitiu a notícia.

O secretário explicou ontem que a decisão de reduzir as gratificações se deu não só pelas dificuldades financeiras, como pelo excelente índice de aumento concedido aos profissionais de saúde pelo governador Tarcísio Burity.

A redução, que seria em torno de 20 a 30 por cento, não será mais aplicada, em decorrência de um esforço pessoal do secretário que, reconhecendo a situação difícil desses profissionais, providenciou um remanejamento de recursos possibilitando manter, até o dia 31 de dezembro próximo, dentro do Plano de Aplicação Anual, o pagamento das gratificações.

Ainda hoje, o secretário Aloysio Pereira entrará em contato com vários núcleos de saúde do Estado, informando-os de sua decisão.

Terror manda carta fazendo ameaça a Aduf

O grupo terrorista que se auto-denomina Falange Patriótica enviou carta ameaçando a Associação dos Docentes da Universidade Federal e seus integrantes, dizendo que muito em breve os atentados serão iniciados na Paraíba, após ter vários comentários sobre a atual situação política brasileira.

O documento afirma que "querem que o povo escolha entre miséria atual e o falso paraíso marxista. De que adianta votar em partidos iguais com rótulos diferentes? As multinacionais, o capitalismo selvagem da direita reacionária, a corrupção, a burocracia e a demagogia agravarão todos os problemas nacionais e a médio prazo não haverá repressão capaz de impedir o triunfo comunista. Oferecemos ao povo a opção do nacionalismo da direita popular - o único antídoto contra o veneno marxista".

E conclui, dirigindo-se à Aduf: - Já estamos na Paraíba - atentados contra vocês em breve.

Logo que recebeu a carta, que foi colocada numa caixa de coleta de Campina Grande, os dirigentes da Associação dos Docentes dirigiram-se à reitoria da Universidade Federal da Paraíba para denunciarem o fato e solicitarem providências urgentes. Paralelamente distribuíram uma nota à imprensa relatando tudo. (Página 8).



Giselda Navarro anuncia construção da nova Casa do Estudante

Estado tem verbas para reconstruir a Casa do Estudante

O Governo do Estado, através da Secretaria da Educação e Cultura, já dispõe dos recursos necessários para demolição e construção de um novo prédio para substituir o atual ocupado pela Casa dos Estudantes da Paraíba, na rua da Areia, afirmou, ontem, a secretária Giselda Navarro Dutra, aos vereadores, na Câmara de João Pessoa.

A secretária Giselda Navarro Dutra debateu durante quatro horas (de 10 às 14 horas), com os vereadores, todos problemas ligados a Secretaria da Educação e Cultura. A titular da Pasta foi ao Poder Legislativo atendendo convite dos vereadores, através de requerimento de autoria do vice-líder do PMDB, Sebastião Calixto de Araújo, e garantiu, na ocasião, que conversará com o secretário de Administração, professor Oswaldo Trigueiro do Vale, e o governador, para estudar as possibilidades de enquadramento no quadro efetivo do Estado do pessoal do magistério que tenha mais de dois contratos renovados, simultaneamente, pelo prazo de dois anos. A secretária considerou a reivindicação da Câmara justa e prometeu ser a advogada do pessoal do magistério que esteja nessa situação.

A secretária de Educação foi saudada pelo vereador Sebastião Calixto, que destacou a felicidade do governador Tarcísio Burity ao escolher a professora Giselda Navarro Dutra para dirigir os destinos da SEC. Na Câmara Municipal, disse, a oposição sempre fez justiça ao grande "trabalho que V. Ex. vem realizando na Secretaria da Educação", disse o vereador Sebastião Calixto.

CIDADÃ

O vereador Sebastião Calixto apresentou ainda projeto de resolução concedendo o título de "Cidadã Benemerita" da cidade João Pessoa à secretária Giselda Navarro Dutra, pelos "relevantes serviços que tem prestado à causa do ensino no Estado e na capital paraibana". O projeto foi aprovado por unanimidade, faltando agora que a homenagem marque o dia para receber a comenda.

Participaram dos debates os vereadores Heraldo do Egito, presidente da Câmara, que dirigiu os trabalhos, Di Lourenço Marsicano, Derivaldo Domingos de Mendonça, José Paulo Neto, (son Gomes de Lima (líder do PDS no Poder Legislativo), Mário da Gama e Melo, Ernani Duarte, Manuel Virgínio, Manuel Gonçalves, José Anchieta de Souza, Francisco Saldanha, Sebastião Calixto, Raimundo Leovegildo e Newton Novaes. A vereadora Magdalena Alves, que não pôde comparecer, enviou à secretária Giselda Navarro Dutra, através do vereador Sebastião Calixto, um buquê de flores.

A secretária respondeu todas as perguntas dos vereadores, como a reformulação do Estatuto do Magistério, programação teatral do Governo do Estado, recuperação ou construção do prédio da Casa do Estudante, de unidades de ensino, compra de vagas em estabelecimentos de ensino, convênios com os municípios, entre outras.

A titular da Pasta da Educação, por sua vez, fez uma exposição do esforço do governador Tarcísio Burity na área da Educação, destacando a expansão e melhoria da oferta de vagas no ensino de 1º grau, etc.

Prefeito de Sousa deixa Mariz e vai ingressar no PDS

O deputado Antonio Mariz está ameaçado de perder mais um forte aliado em Sousa. Desta vez, é o próprio prefeito Sinval Gonçalves, que está prestes a ingressar no PDS, por não ter mais condições de administrar o município sem contar com apoio da Câmara, 90 por cento formada por vereadores do Governo.

Atualmente, o Partido Popular conta apenas com um vereador na Câmara, pois o outro integrante do partido, vereador Roque Mamédio, aderiu na semana passada ao PDS. O sr. Sinval Gonçalves, além da preocupação com sua condição minoritária no Legislativo, revelou a amigos que não está satisfeito com algumas alas do PP em Sousa.

Por outro lado, o ex-prefeito de Lastro, José de Abrantes Gadelha, acertou seu ingresso no PDS no último final de semana, depois de contatos mantidos com o chefe do gabinete do governador, Johnson Abrantes. A exemplo de Sinval, o sr. José de Abrantes sempre foi um forte aliado do deputado Antonio Mariz.

O deputado Eilzo Matos confirmou ontem que está de relações cortadas com o líder do seu partido, Edvaldo Motta, mas declarou que não pensa em abandonar o PP por causa disso.

Sobre as notícias dando conta de que estaria com um pé no PDS, o sr. Eilzo Matos disse que a sua transferência para o partido do Governo existe apenas na especulação. Todavia, admitiu modificar sua posição no futuro, sem no entanto especificar se mudaria para o PDS ou outro partido oposicionista.

Segundo o deputado, o fato de seu irmão, Elzir Matos, ter se filiado ao PDS e estar disposto a disputar um mandato para a Câmara Federal, não o impede de prosseguir no PP, pois "enquanto o reduto do meu irmão é no Vale do Piancó, eu sou votado na região de Sousa."

Alunos da Autônoma estão solidários com greve nacional

Estudantes dos cursos de Direito, Psicologia, Educação Física e Administração de Empresas, dos Institutos Paraibanos de Educação, decidiram ontem à noite entrar em greve, em sinal de solidariedade aos professores e estudantes que iniciaram idêntico movimento, a nível nacional, lutando por melhores verbas para a educação.

A greve, decidida depois de assembleia geral realizada na Faculdade de Direito, objetiva também forçar o reitor da Autônoma, o negro José Trigueiro do Vale, a devolver parte do dinheiro cobrado indevidamente aos estudantes, quando aumentou, sem autorização do MEC, as anuidades dos alunos matriculados nos seus cinco cursos.

Durante o movimento grevista, que durará até sexta-feira, os estudantes participarão de debates e discutirão os principais problemas enfrentados pela classe. Ao mesmo tempo, uma comissão especial viajará até o final da semana para Brasília, com o objetivo de reivindicar ao ministro da Educação, Eduardo Portela, a devolução das anuidades, já que o reitor da Autônoma nega-se terminantemente atender as reivindicações dos estudantes, mesmo depois de reconhecida a irregularidade da majoração, pelo delegado regional do MEC.

Os estudantes não terão suas faltas anotadas, pois todos os professores se solidarizaram com o movimento. Convidado a comparecer à assembleia, o reitor Trigueiro do Vale não foi nem enviou um representante.

IMPRENSA

JOSÉ NEUMANNE PINTO

"Os estudantes de comunicação não sabem. Eles enrolam os diplomatas debaixo dos sovacos eruditos e discutem a "praxia" da barbicha de Trotski, aquele brilhante jornalista panfletário da Revolução Soviética... Por motivos que lhes escapam também por ignorância, os rapazes não sabem que os jornais vivem uma crise de qualidade séria".

JACQUES FAUVET

"Para os grandes meios de informação que chegam a milhões de pessoas, tal como a televisão, deve-se acima de tudo simplificar a notícia, ainda que mais não sejam, devido aos períodos de tempos concedidos".

GONZAGA RODRIGUES

Concebo os cursos de Comunicação como absolutamente indispensáveis à formação do profissional de imprensa. Eles substituem, com muito mais eficiência, o autodidatismo a que todo profissional se obrigava a cultivar à falta de um programa sistemático".

LUÍZ CUSTÓDIO

"O jornalista formado pela Universidade vai trabalhar com a mesma realidade que o jornalista do batente ou aquele formado pela experiência".

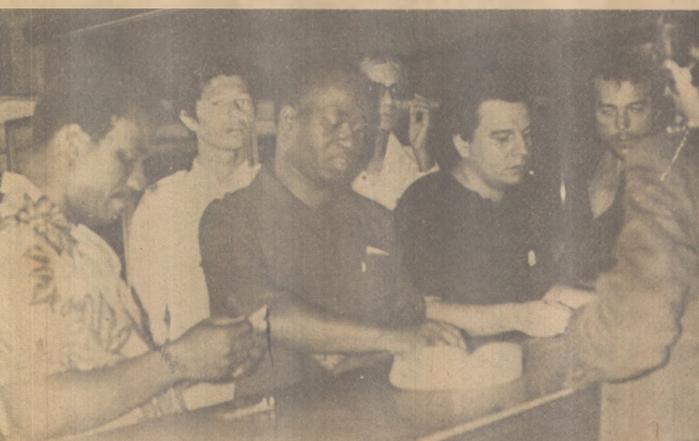
SEVERINO RAMOS

"Já tive oportunidade de afirmar, num artigo escrito me defendendo de investidas de uma professora de Curso de Comunicação Social da UFPB, que jornalista não se aprende na escola". (Caderno Especial).

Saudações jornalistas

O Banco do Estado da Paraíba associa-se, nesta data, às comemorações alusivas ao Dia da Imprensa, reconhecendo a contribuição positiva que os jornalistas tem emprestado para que a nação brasileira, e em particular a Paraíba, continue a sua caminhada em busca dos meios indispensáveis ao seu desenvolvimento integrado.

Malaquias Timóteo
- Presidente -



Técnicos de vários países participarão de curso em João Pessoa

Veja no Diário Oficial as tabelas de aumento das autarquias estaduais

NÓS CONSTRUÍMOS JUNTOS

Como os que, nesta data, comemoram o DIA DA IMPRESSA, nós também construímos alguma coisa para a humanidade, algo perene e duradouro como as palavras que fazem história. E tudo que se edifica, tem a grandeza das causas nobres, dos objetivos sublimes. Como nós, a imprensa também constrói o grande edifício da nacionalidade.



HABITS IMOBILIÁRIA LTDA.

Praça da Independência, 18
João Pessoa - Pb.

NO DIA DA IMPRESSA O NOSSO ABRAÇO FRATERNAL

Cada filme que as fábricas produzem e que distribuímos aos jornais e às revistas, revelam a preocupação de aprimorar a técnica para ilustrar a notícia, dando ao leitor a visão exata do fato. Estamos, assim, intimamente ligados àqueles que, hoje, celebram o DIA DA IMPRESSA, com a mesma alegria com que nós, que a ajudamos a fazer, nos incorporamos às suas festas comemorativas.



Micronorte Serviços Técnicos Ltda.

Rua do Hospício, 202
Recife-Pe.



**COMPANHIA DE ÁGUA
E ESGOTOS DA
PARAÍBA**

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DOS TRANSPORTES,
COMUNICAÇÕES E OBRAS

COMPANHIA DE ÁGUA E ESGOTOS
DA PARAÍBA - CAGEPA

EDITAL DE CONCORRÊNCIA Nº 06/80

1.- A COMPANHIA DE ÁGUA E ESGOTOS DA PARAÍBA - CAGEPA, leva ao conhecimento de quem interessar possa, que fará realizar no dia 30 de setembro, às 15:00 horas, concorrência para aquisição de hidrômetros, registro de gaveta e caixas e tampas de concreto para proteção de hidrômetros, destinados às Agências Regionais do Litoral, Borborema, Brejo, Espinharas e Rio do Peixe.

2.- Os interessados poderão obter o Edital e demais informações na sede da CAGEPA, situada à Av. Feliciano Cirne, s/n, no bairro de Jaguaribe, nesta Capital, no horário normal de expediente.

João Pessoa, 09 de setembro de 1980

CRISTOVAM LIMEIRA DE QUEIROZ
Diretor Administrativo e Financeiro



**ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DA
SEGURANÇA PÚBLICA**

DEPARTAMENTO ESTADUAL
DE TRÂNSITO

O DEPARTAMENTO ESTADUAL DE TRÂNSITO-DETRAN-PB, na pessoa do seu Diretor Superintendente, manifesta o seu mais afetuoso cumprimento e a sua mais terna congratulação à laboriosa classe jornalística neste dia que lhe é dedicado.

E pela voz e pela palavra desses abnegados profissionais da imprensa que se toma conhecimento e se houve críticas e sugestões sobre os acontecimentos culturais, sociais, religiosos, políticos e econômicos que, afinal, formam o arcabouço sobre o qual se constrói o mundo.

Aos jornalistas, pois, nosso reconhecimento, apoio e incentivo pelo que de útil e verdadeiro têm contribuído para salvaguarda das instituições, primado da liberdade, respeito às leis e tradições democráticas.

João Pessoa, 09 de setembro de 1980.

Bel. SEVERINO JUDIVAN CABRAL DE SOUSA
Diretor Superintendente

ORAÇÃO DAS TREZE ALMAS BENDITAS

Oh, minhas 13 almas Benditas, sabidas e entendidas. A vós peço pelo amor de Deus que meu pedido seja atendido. Minhas 13 almas Benditas sabidas e entendidas a vós peço pelo sangue que JESUS derramou, que meu pedido seja atendido. Meu SENHOR JESUS CRISTO que vossa proteção me cubra com vossos braços, e que proteja com vossos olhos. Oh. DEUS de bondade vós fôstes meu defensor na vida e na morte. Peço que me livreis das dificuldades que me afligem. Minhas 13 Almas Benditas, sabidas e entendidas alcançada a graça que vós peço(...) ficarei seu devoto e mandarei publicar esta oração. Rezar 13 PN, 13AM, durante 13 dias. Agradeço graças alcançadas.

M.A. F

MINISTÉRIO DA MARINHA CAPITANIA DOS PORTOS DO ESTADO DA PARAÍBA

EDITAL

A CAPITANIA DOS PORTOS DO ESTADO DA PARAÍBA, comunica aos interessados que, estarão abertas as inscrições para o concurso de Admissão à Escola de Formação de Oficiais para a Marinha Mercante, até o dia 10/10/1980.

Os candidatos deverão preencher os seguintes requisitos:

- Contar menos de 24 anos até 1º de março de 1981;
- Possuir o Certificado de conclusão de 2º Grau; ou estar cursando a 3ª série; e

Apresentar a documentação exigida.

Para maiores esclarecimentos os interessados deverão comparecer à Capitania dos Portos, no horário de 14:00 às 17:00 horas nos dias úteis.

MAURO MAGALHÃES DE SOUZA PINTO
Capitão-de-Corveta
Capitão dos Portos

O PODER LEGISLATIVO

SAÚDA O PODER DA INFORMAÇÃO



Representando o povo paraibano, a ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA une-se às homenagens prestadas à classe jornalística, que interpreta os anseios de todo o povo, denunciando, opinando, trazendo enfim a voz de uma comunidade.

Os deputados paraibanos saúdam os jornalistas pela passagem de sua data, e reafirmam sua confiança numa democracia com uma imprensa livre.

EVALDO GONÇALVES DE QUEIROZ
PRÉSIDENTE

POLÍTICA LOCAL

PROTESTO

CARTÓRIO TOSCANO DE BRITO
1º OFÍCIO PROTESTO
RUA MACIEL PINHEIRO Nº 2 - EDF. ASSOC. COMER-
CIAL

FONE: 222.1017

EDITAL

- Responsável: Aida Valquiria Arruda
Título: Cr\$ 4.000,00
Protestante: Banorte S/A.
- Responsável: Antonio Pádua Charlita Bichara
Título: Cr\$ 3.000,00
Protestante: Banorte S/A.
- Responsável: Ailza Solange Lopes Araujo
Título: Cr\$ 2.000,00
Protestante: Banorte S/A.
- Responsável: Antonio Cassimiro
Título: Cr\$ 10.170,00
Protestante: Eletrolâmpadas Apar. e Ilum. Ltda.
- Responsável: Altair Sales Souza
Título: Cr\$ 3.000,00
Protestante: Bco do Brasil S/A.
- Responsável: Carlos Antonio da Silva
Título: Cr\$ 2.200,00
Protestante: Bep. Caxias S/A.
- Responsável: Constr. Brandão Ltda.
Título: Cr\$ 18.833,33
Protestante: Bep. Central S/A.
- Responsável: Convil Constr. Civil Ltda.
Título: Cr\$ 30.000,00
Protestante: Bep. Central S/A.
- Responsável: Carlos Artur P. de M. Henrique
Título: Cr\$ 5.198,00
Protestante: Fininvest S/A.
- Responsável: Carlos Antonio Gomes Coutinho
Título: Cr\$ 3.450,00
Protestante: B N B S/A.
- Responsável: Doracy Henrique da Silva
Título: Cr\$ 6.804,00
Protestante: Fininvest S/A.
- Responsável: Elpidio Araujo Souza
Título: Cr\$ 2.000,00
Protestante: Banorte S/A.
- Responsável: Edeseio Correia Lima
Título: Cr\$ 2.000,00
Protestante: Banorte S/A.
- Responsável: Eumilton Ferreira Lima
Título: Cr\$ 4.368,00
Protestante: Banorte S/A.
- Responsável: Eudemilton Ferreira Lima
Título: Cr\$ 4.368,00
Protestante: Bco Banorte S/A.
- Responsável: Edite Ribeiro Apolinário
Título: Cr\$ 5.148,00
Protestante: Bco Nordeste do Brasil S/A.
- Responsável: Gilvan Joventino dos Santos
Título: Cr\$ 8.760,00
Protestante: Finasa S/A. Cred. Financiamento
- Responsável: Humberto Nogueira dos Santos
Título: Cr\$ 6.820,00
Protestante: Cezar e Cia Ltda.
- Responsável: João Francisco da Silva
Título: Cr\$ 1.530,00
Protestante: Bco Est. da Paraíba S/A.
- Responsável: João Batista dos Santos
Título: Cr\$ 3.565,00
Protestante: Bco Est. da Paraíba S/A.
- Responsável: José Anselmo Bezerra Nobrega
Título: Cr\$ 4.000,00
Protestante: Bco do Brasil S/A.
- Responsável: José Anselmo Bezerra Nobrega
Título: Cr\$ 3.100,00
Protestante: Bco do Brasil S/A.
- Responsável: José Henrique Xavier
Título: Cr\$ 2.000,00
Protestante: Bco do Brasil S/A.
- Responsável: Luiz Gonzaga Souza Paiva
Título: Cr\$ 4.000,00
Protestante: Bco Banorte S/A.
- Responsável: Martines de H. Rocha Rique
Título: Cr\$ 8.536,00
Protestante: Finasa S/A. Cred. Financiamento
- Responsável: Manoel Carlos Rocha Lima
Título: Cr\$ 3.790,00
Protestante: Fininvest S/A.
- Responsável: Margarida Oliveira Farias
Título: Cr\$ 2.000,00
Protestante: Bco Banorte S/A.
- Responsável: Maria de Lourdes S. Oliveira
Título: Cr\$ 2.000,00
Protestante: Bco Banorte S/A.
- Responsável: Mauro Silva
Título: Cr\$ 1.500,00
Protestante: Bco Banorte S/A.
- Responsável: Mercadinho Martins Ltda.
Título: Cr\$ 11.187,66
Protestante: Bco Nordeste do Brasil S/A.
- Responsável: Mônica Maria Leite Gomes
Título: Cr\$ 4.000,00
Protestante: Bco Nordeste do Brasil S/A.
- Responsável: Marta Maria C. de Medeiros
Título: Cr\$ 1.170,00
Protestante: Bco Nordeste do Brasil S/A.
- Responsável: Maria Zulaide do Nascimento
Título: Cr\$ 3.300,00
Protestante: Bco do Brasil S/A.
- Responsável: Manoel Martins de Souza
Título: Cr\$ 6.500,00
Protestante: Bco do Brasil S/A.
- Responsável: Princesa dos Móveis Ltda.
Título: Cr\$ 38.584,50
Protestante: Bradesco S/A.
- Responsável: Roberto de Oliveira Epaminond
Título: Cr\$ 5.000,00
Protestante: Bco do Brasil S/A.
- Responsável: Sônia Maria Andrade Silva
Título: Cr\$ 2.000,00
Protestante: Banorte S/A.
- Responsável: Supermercado Paraíba Ltda.
Título: Cr\$ 5.130,00
Protestante: Banorte S/A.
- Responsável: Tarciso Fátima Neves Silva
Título: Cr\$ 2.750,00
Protestante: Bco do Brasil S/A.
- Responsável: Valdir Paiva dos Santos
Título: Cr\$ 6.300,00
Protestante: Bco do Brasil S/A.

Em obediência ao art. 29 § IV da Lei Nº 2044 de 31 de dezembro de 1908, intimo as firmas e pessoas acima citadas a virem pagar ou darem por escrito as razões que têm, em meu Cartório à Rua Maciel Pinheiro Nº 02 nesta cidade, sob pena de serem os referidos títulos, protestados na forma da LEI.

João Pessoa, 09 de Setembro de 1980

Bel. Germano Carvalho Toscano de Brito
1º Oficial do Protesto

Marchezan diz que Braga vai governar a Paraíba

O nome do deputado Wilson Braga vem recebendo total solidariedade da cúpula do PDS nacional, que além de estimular a sua ascensão política, creditam ao parlamentar paraibaense todo o apoio na certeza de que ele será o próximo governador da Paraíba.

O deputado Nelson Marchezan, líder do Governo na Câmara Federal, após anunciar que quem quiser concorrer às eleições diretas para Governador em 1982 já pode ir se preparando. Em conversa com o primeiro Secretário da Baixa Câmara no Congresso, disse Marchezan: "Você, Wilson Braga, que já é o nosso Governador, vá para a Paraíba desenvolver a sua campanha. Conte com o nosso apoio e a nossa ajuda. Queremos vê-lo Governador em 82. Iremos todos para sua campanha, porque temos tradições políticas. A sua atuação à frente da primeira Secretaria foi o grande teste que você venceu".

Além de Marchezan, a confiança nas eleições diretas em 82 também atinge o líder do PDS no Senado, senador Jarbas Passarinho, que assinala: "Ainda vou responder esta pergunta umas trezentas vezes: nós vamos ter eleições diretas em 1982". Também o senador José Sarney, presidente nacional do PDS, ratificou as declarações dos dois líderes, afirmando que "vamos voltar às eleições diretas. É um passo importantíssimo".

Sobre a eleição para o Congresso, Nelson Marchezan revelou que, segundo sua impressão, "há um ambiente de simpatia no PDS e no Congresso para a adoção do Distrital", que consite na eleição dos deputados mais votados sem transferência de votos na legenda para seus companheiros.

- E preciso - frisou - deseideologizar as eleições no Brasil, de uma forma que as esquerdas tenham expressão correspondente à sua verdadeira força".

Manuel quer o Nordeste recebendo feijão preto

O deputado Manuel Gaudêncio (PDS) fez ontem, veemente apelo ao ministro do Planejamento, Delfim Neto, para que também estenda ao Nordeste o abastecimento do feijão-preto importado da Argentina, com preço ao consumidor de Cr\$ 25,00 o quilo. Gaudêncio, ao longo do seu pronunciamento, situou o atual estado em que vive os nordestinos, vitimados por uma longa estiagem, vindo por consequência atingir os campos agrícolas em sua totalidade, principalmente na plantação de gêneros de primeira necessidade como o feijão, o milho e o arroz. Entende o parlamentar que o Centro-Sul do país foi beneficiado com a importação, mas o Nordeste, muito mais carente, padecerá desta ação pronta do Governo.

Ainda em seu discurso, Manuel Gaudêncio apresentou, em caráter de urgência, à Mesa da Assembleia, um telegrama dirigido ao ministro Delfim Neto, no qual faz a solicitação do envio do feijão-preto. Na íntegra, o telegrama: "Tomando conhecimento através imprensa falada e escrita Governo Brasileiro importou grande quantidade feijão-preto, abastecendo todo Centro-Sul ao preço de Cr\$ 25,00 quilo, entendo esta providência benéfica deverá se estender região Nordeste Brasileiro levando consideração seu baixo poder aquisitivo e a longa estiagem que assola esse território. Respeitosas saudações Manuel Alceu Gaudêncio, Deputado Estadual, PDS, Paraíba."

Atêncio pede reexame de processo

Providências com vistas ao reexame do processo de reclassificação dos Escrivães de Polícia "que deve encontrar-se há 3 anos na Secretaria de Administração", foram pedidas ao Governador do Estado, pelo deputado Atêncio Wanderley.

Em sua justificativa, disse o parlamentar que fontes fidedignas prestam as seguintes informações: "Há cerca de 3 anos os Escrivães de Polícia prestaram concurso público, para efeito de reclassificação; documentos e informações sobre dados pessoais foram solicitados com urgência, meses depois do concurso; há mais de dois anos o processo de reclassificação se encontra nas estantes da Secretaria de Administração, para as devidas providências e até o presente nenhum resultado foi comunicado aos interessados".

Finalmente, concluiu Atêncio em sua justificativa: "Enquanto os servidores da Polícia Militar auferem as vantagens de gratificação de serviço ativo (Cr\$ 991,00), auxílio de moradia (Cr\$ 619,00), gratificação de localização especial (Cr\$ 371,00), gratificação de habitação P. Militar (Cr\$ 123,00) e indenização de fardamento (Cr\$ 247,00), num total de Cr\$ 2.351,00, o servidor civil não tem direito a nenhuma vantagem".

CARLOS CHAGAS

Respostas e perguntas

Brasília - Tensão, preocupações, perigos - tudo parece no ar, gerando turbulências e obscurecendo o horizonte, a ponto de não sabermos exatamente se a aeronave chegará a bom termo, ultrapassando os cumulos/nimbos dispostos à sua frente.

Vale enfatizar: em suas mais recentes conversas e comentários íntimos, tem o presidente João Figueiredo repetido, até com mais veemência do que de público, não abdicar da missão de transformar o país numa democracia. A pessoas de sua amizade e a interlocutores qualificados que encontra em suas viagens, de duas semanas para cá, ele acentua que nada o fará desistir da meta que se propôs, de transformar o país numa democracia. As anteriores exortações a respeito de "prender e arrebanhar" quem se colocasse contra a abertura política parecem ter adquirido nova roupagem, rótulos semelhantes porém pintados em matizes ainda mais coloridos.

"Não há força humana que me obrigue a recuar, estou disposto a ir até o fim, a pagar para ver, pois a revolução não admite outros retrocessos. Quem pensar diferente estará se colocando contra mim, da mesma forma como se posicionaram os terroristas das últimas semanas, e irá me enfrentar de peito aberto".

Mais ou menos com essas palavras, que se não vão apresentadas literalmente é porque exprem um resumo de diversos diálogos, tem o Presidente abordado a situação. E a pergunta que se faz, mesmo amarga, é de porque, de repente, S. Exa. sentiu necessidade de falar como está falando?

Estaria se dirigindo à oposição? Mas estará a oposição contra a abertura?

A partir da negativa, não há como deixar de concluir: o Presidente fala para setores infensos ou adversos à democratização, incrustados no próprio sistema. Ao contrário de alguns antecessores, seu objetivo não se apresenta fissurado nas peças principais ou nos tijolos de sustentação, pois a começar pelos três ministros militares, todos os seus principais assessores de primeiro nível formam no mesmo time, essa ressalva, porém, não elide e nem afasta a indagação anterior: de onde, então, estariam partindo opiniões, amuos e idiosincrasias diante da democratização, a ponto de obrigar o chefe do Governo a emitir conceitos tão enfáticos?

Fala-se de resistências castrenses, ainda que em escalões inferiores. Grupos se mostrariam temerosos das consequências da abertura, desacomodados que estavam da normalidade, não deixando canhestamente de misturar alhos com bugalhos, ou seja, apontando a grave crise econômica como resultante da liberação dos novos costumes e regras político-institucionais. Terá sido por isso, essencialmente, que o general João Figueiredo, ao profligar dias atrás os atentados terroristas, acentuou que não vai mudar o ministério e que confia nos seus ministros, não admitindo pressões para reformas. O endereço terá sido certo, com o objetivo de separar fatores distintos e inconjugáveis. Se desenvolvimento e estabilidade econômica constituíssem resultante de exceção e de ditadura, estaríamos hoje assistindo a um dos maiores surtos de progresso na África negra e na América Central, ou, mesmo, não se teria notícia de qualquer ebulição social na Polónia ou de mudanças fundamentais na China.

(O problema é que, apesar de tanta clareza, há quem se lembre com saudade dos tempos de Garrastazú Médici, esquecendo-se de que o falso milagre brasileiro apenas aconteceu porque havia repressão e censura, responsáveis por obrigar o povo, temeroso de reivindicações, a imaginar que vivíamos numa ilha de paz e prosperidade).

INSUPORTÁVEL

Do ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, a respeito das eleições diretas de governador, dois argumentos fundamentais: o primeiro, de que não seria justo e nem sério imaginar o presidente João Figueiredo, depois de haver assinado a respectiva emenda constitucional, se dispoendo a dar o dito pelo não dito, modificando o texto formalmente encaminhado ao Congresso, e já em fase de tramitação.

Depois, "porque o país não suporta outra rodada de governadores biônicos"...

Ibrahim continua sustentando que tudo vai mudar, politicamente, entre nós, uma vez aprovada em outubro a emenda das eleições diretas. Os partidos, os grupos dentro dos partidos, as bancadas federais e estaduais, os setores municipais - todos se obrigarão a reformular objetivos e conceitos em função da escolha dos candidatos a Governador. Será, em seu entender, a mais profunda mutação política dos últimos anos.

Indagado sobre resistências porventura ainda existentes à volta ao pleito direto, mostra-se também otimista: as reações já foram piores, meses atrás, pois alguns governadores imaginavam uma reviravolta no processo e até a desejavam. Hoje, estão todos conscientes de que a decisão, por ser irreversível, precisa ser operada, e com competência.

Ainda conforme o ministro, dá o governo a demonstração de que o princípio da alternância no poder não constitui mera teoria, mas se aproxima da prática. Esta, em seu entender, a novidade maior: as oposições ficarão sabendo de que, dispoendo de votos, poderão assumir responsabilidades de governo.

- E se os partidos de oposição, somados, também fizerem maioria no futuro Congresso e, em consequência, no colégio eleitoral que indicará o sucessor do presidente João Figueiredo?

- As regras estão lançadas. Quem ganhar, leva. Apenas, parece-me difícil que as oposições batam o PDS, nas eleições parlamentares. E, se isso acontecer, estaremos fazendo política, mais do que nunca, de modo a buscar entendimentos e composições com setores hoje não alinhados ao governo.

Carlos Chagas

FAZENDA SANTA FILOMENA S/A

RELATÓRIO DA DIRETORIA

Senhores Acionistas,

Apresentamos-lhes o Balanço atinente as atividades de nossa Empresa no exercício findo em 31 de Dezembro de 1979, de acordo com a sistemática da Lei 6404/76 e legislação complementar.

João Pessoa, 28 de Março de 1980.

CARLOS ANTONIO H. COELHO
Dir. Administrativo

OSVALDO MATA PAIVA
Dir. Financeiro

FAZENDA SANTA FILOMENA S/A.

C.G.C. - 08.988.018/0000

CAPITAL AUTORIZADO Cr\$ 16.000.000,00	
CAPITAL SUBSCRITO Cr\$ 7.500.000,00	
CAPITAL REALIZADO Cr\$ 7.500.000,00	

* BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1979 *

ATIVO	
ATIVO CIRCULANTE 220.205,00	
Disponível 8.970,00	
Receivável 211.235,00	
ATIVO PERMANENTE 26.044.000,18	
Investimentos 3.245,00	
Depreciação 11.320.373,90	
Diferenças 14.000.000,28	
TOTAL DO ATIVO 26.170.229,28	
PASSIVO	
PASSIVO CIRCULANTE 1.962.971,00	
Fornecedores 1.007.940,08	
Contas Correntes 955.030,92	
RESERVAS DE EXERCÍCIOS ANTERIORES 276.372,20	
Reservas 1.065.092,08	
(-) Custos e Despesas 1.407.099,29	
PASSIVO PERMANENTE 24.207.258,28	
Capital Social 7.500.000,00	
Reservas de Capital 16.428.633,83	
TOTAL DO PASSIVO 26.170.229,28	

NOTAS EXPLICATIVAS

(1) - Este Balanço foi elaborado em conformidade com a Lei 6404/76;

(2) - O Ativo Permanente e Passivo Líquido foram atualizados monetariamente pelos índices de variação dos DTN's;

(3) - Não foram deduzidas provisões para depreciação;

(4) - Não apresentamos o BALANÇO PATRIMONIAL DE RESERVA em virtude do projeto de Depreciação encontradas em legislação.

João Pessoa, 28 de Março de 1980.

CARLOS ANTONIO H. COELHO
Dir. Administrativo

OSVALDO MATA PAIVA
Dir. Financeiro

OFÍCIO BRASILEIRO DA SILVA
TC-RES. 008/80-5, 014/76-5-86.

-REPORTE DO CONSELHO FISCAL-

Os membros efetivos do Conselho Fiscal de Fazenda Santa Filomena S/A., depois de verificadas todas as páginas, documentos e lançamentos contábeis relativos ao Balanço levantado em 31.12.79 e Relatório de Direção, sob a pena de perderem a função e a que os mesmos não foram aprovados pela Assembleia Geral de acionistas.

João Pessoa, 30 de Março de 1980.

OSVALDO MATA PAIVA
Dir. Financeiro

NOTA DE AGRADECIMENTO

Sebastião Macieira Netto, pai, Léa de Moraes Rego Netto, mãe, Sandra Netto Furtado, irmã, José de Oliveira Furtado, cunhado do inseqüel Siebert de Moraes Rego Netto, quando do seu passamento, pelo desvelo, carinho e solidariedade dos dirigentes e funcionários da SAELPA, vêm expressar-lhes profundo agradecimento.

Assina
José de Oliveira Furtado

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA

SECRETARIA DOS TRANSPORTES E OBRAS

SUPERINTENDÊNCIA DE OBRAS DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO

SUPLAN

EDITAL DE TOMADA DE PREÇOS Nº 77/1980

AVISO

A SUPERINTENDÊNCIA DE OBRAS DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO-SUPLAN leva ao conhecimento dos interessados que fará realizar TOMADA DE PREÇOS no dia 19 de setembro de 1980, às 16,00 (dezesseis) horas para Recuperação do Núcleo de Prevenção e Marginalização do Menor de Guarabira, neste Estado.

2. Os interessados poderão obter o Edital e demais informações no Departamento Técnico da SUPLAN, sítia à Rua Feliciano Cirne, 326 - Jaguaribe, nesta capital, no horário normal de expediente.

João Pessoa, 08 de setembro de 1980.

Engº Hermano Toscano de Lucena Cavalcanti

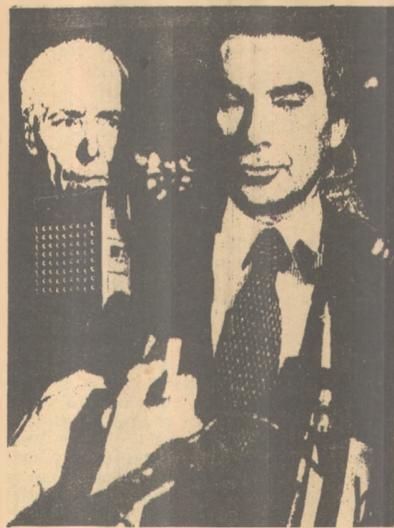
DIRETOR - SUPERINTENDENTE

NUTRIBRÁS S. A. - CARNES E DERIVADOS

C.G.C. 09.293.606/0001-37

Extrato da Ata de Reunião da Diretoria, realizada às 9:00 (nove) horas do dia 28 de agosto de 1980, na sede social. QUORUM: Totalidade dos seus membros. MESA: a) Presidente: João da Mata de Sousa; b) Secretária: Francisca da Silva Lacerda. DELIBERAÇÕES: Por unanimidade de votos foi deliberado: a) abertura de uma filial, a ser instalada à rua da Aurora, 295, con. 1112, Edifício São Cristóvão, bairro da Boa Vista, na cidade do Recife, estado de Pernambuco; b) destaque de uma parcela do capital social no valor de Cr\$ 200.000,00, para as suas atividades normais. ARQUIVAMENTO: Junta Comercial do Estado da Paraíba, em 08.09.80, sob o nº 2590000494-1/1. Aos interessados, poderão ser fornecidas, cópias integrais da referida Ata. Alhandra, 08 de setembro de 1980.

JOÃO DA MATA DE SOUSA
Diretor Presidente



•Gonzaga Rodrigues

Diretor Técnico de A União

Concebo os cursos de Comunicação como absolutamente indispensáveis à formação do profissional de imprensa. Eles substituem, com muito mais eficiência, o autodidatismo a que todo profissional se obriga a cultivar à falta de um programa sistemático e estruturado.

Do ponto de vista prático, entretanto, o problema engendra um paradoxo com a seguinte colocação: o que deveria vir primeiro - os cursos ou a iniciação prática?

A indagação decorre de uma questão fundamental para o exercício da profissão. É que nas demais carreiras o estudante pode habilitar-se sem que para isso, tenha necessariamente uma vocação. A prática tem mostrado que os maiores índices de inscrição no vestibular registram-se nas carreiras que asseguram um meio de vida mais sólido e lucrativo no contexto social. Há mais preferência para a Medicina do que para Enfermagem; para Engenharia do que para Bacharelado em Física ou Matemática; para Direito do que para Letras e Serviço Social. É natural que uma comunidade pobre de meios materiais procure num curso universitário não uma forma de realização vocacional, e sim um status.

O curso de Jornalismo tem de ser uma exceção: ou é procurado por quem se sinta realmente vocacionado, por quem procure no curso um instrumento de realização do espírito público, do compromisso inerte com os problemas sociais e políticos da sua comunidade, ou será um fracasso.

Dai não se saber por onde começar primeiro: se no batente da redação, vivendo e sofrendo problemas, para depois encontrar no curso um instrumento que ofereça métodos mais conscientes de análise, ou se no aprendizado teórico oferecido pela escola de comunicação.

Uma coisa não se discute: o jornalista batizado na redação, portador de um mundo vivo e palpante de experiências, terá no curso de comunicação uma receita sem dúvida eficaz para a arrumação das suas idéias, numa metodologia. Por isso eu acho que a Universidade deveria abrir o curso, sem precisão de vestibular, a todos os jornalistas que apresentassem como único instrumento de habilitação o seu registro profissional no Ministério do Trabalho.

O curso tem muito o que ensinar, não há dúvida, não nos cabendo questionar se no momento está cumprindo esse papel. A verdade é que ele é necessário e não poderia, nos seus passos iniciais, deixar de ter deficiências. Afinal de contas é em São Paulo, onde os cursos de Comunicação têm duas décadas de experiência, que a sua eficácia sofreu as maiores restrições. Repetidas vezes o jornal "O Estado de São Paulo" tem dedicado até editoriais minimizando a importância do curso.

Sobre a rixa, existente entre os jornalistas formados numa redação e os formados pelas escolas de Comunicação, quando a Universidade abrir o curso a profissionais e a não profissionais, a rixa estará absorvida.

Sempre há mercado para os competentes, sejam diplomados ou leigos. As vagas abertas não escolhem entre Doutor e "analfa". O problema é outro: é fazer jornalismo numa sociedade subdesenvolvida, incompatível com o principal instrumento da imprensa, que é a liberdade ou a independência.

Por que essa incompatibilidade? A prática de todos os dias está provando. Provando que a imprensa não pode exercer o seu verdadeiro papel, livre e independente, sem uma comunidade que a sustente e mantenha. Na situação atual, onde apenas 5 por cento da sociedade desfruta do desenvolvimento econômico, são esses 5 por cento que mantêm a imprensa, fazendo a imprensa que lhes interessa. São esses 5 por cento que fazem o salário, o papel e todos os componentes da empresa jornalística. Então o jornalista dificilmente assumirá a posição dos 95% restantes. A tão falada liberdade americana é a liberdade dos 95% restantes. A maioria aqui entre nós o subdesenvolvimento chega a estabelecer um conflito: nem contra ele a imprensa pode voltar-se a não ser em tese, por cima, mas na hora da onça beber água, na hora em que a opinião livre do subdesenvolvimento incómoda, logo aparecerão as pressões que começam econômicas e terminam policiais.

O subdesenvolvimento é incompatível até com o processo técnico do jornal. Veja o exemplo, aqui no Nordeste: passamos a off-set por ser uma conquista técnica e a off-set, na carreira que vai, terminará fechando todos os jornais da região. Os 5 por cento que concentram a fatia magra da renda regional não tem condições de pagar o jornal ao preço do que os americanos fazem. Muito menos bons salários. A conversa é curta, mas é esta.

Severino Ramos

presidente da API

Já tive oportunidade de afirmar, num artigo escrito me defendendo de investidas de uma professora do Curso de Comunicação Social da UFPB, que jornalismo não se aprende na escola. No meu entender, e de muitos profissionais experimentados, jornalismo é acima de tudo vocação. É uma arte e como arte depende em 90 por cento da tendência, da vocação da pessoa para realizá-la. Não basta a vontade de ser jornalista. É preciso, acima de tudo, que a pessoa tenha senso crítico, poder de observação e um temperamento extremamente plômico, questionador, e que possua uma inquietação intelectual acima da média.

O jornalista formado em bancos escolares, se ele não possui esses requisitos mínimos, que eu considero essenciais, fatalmente não conseguirá firmar-se na profissão. Será um jornalista improvisado e, portanto, um improvisador.

Na minha opinião, a grande deficiência do jornalista feito na Universidade decorre da própria deficiência do ensino universitário em nossos dias. Para ser mais explícito: muitos jovens, quando vão se inscrever nos exames vestibulares, colocam o jornalismo como uma de suas opções, não por vocação, mas por oportunismo. Isto é, desejam, a todo custo, adquirir um título, um diploma, porque, dentro de nossa estrutura capitalista, a pessoa que possui um canudo de papel tem maiores chances de conseguir um emprego melhor. Essas pessoas desejam um diploma de nível superior não para vencer na vida, mas para não morrer de fome. Tanto faz se bacharel em Direito, Filosofia, História, Letras, Comunicação Social, Enfermagem e tantos outros. O que importa é que, quando procuram o pistoletão para pedir um emprego, possam dizer que são formados, embora não saibam "tilografia". O que não podem é perder esse emprego.

Não existe, portanto, uma aferição vocacional do estudante que ingressa na Universidade, para descobrir qual a sua verdadeira vocação profissional. No Brasil, já sabemos que a vocação de todo mundo é ser funcionário público.

Não existe nenhuma rixa entre jornalista do batente, o militante e o formado. O que ocorreu, pelo menos das Paraíba, foi um trabalho feito, ostensivamente, por alguns professores que aqui chegaram para lecionar matérias básicas do Curso, sem nunca terem frequentado uma redação de jornal. Professores havia - e ainda os há - no Curso de Comunicação Social da Universidade, que nunca escreveram um artigo para jornal e nem sequer sabem bater em máquina. Então, para auto-valorizar-se, começaram a impingir na cabeça dos seus alunos, pobres incautos, que eles, quando se formassem, é que seriam os verdadeiros cobras e nós, os sem titulação, não passaríamos de meros arremedos. Com isso, eles conseguiram criar um clima de animosidade entre o pessoal do batente e os estudantes de comunicação. Felizmente, esses, quando chegaram às redações, e começaram a conviver conosco, perceberam que a realidade é bem outra. Começaram a sentir quanto precisavam de nossa experiência e de nossa compreensão - que nunca faltaram - para poderem se firmar. Sem nenhum exagero, posso dizer que eles passaram a se mirar em nossos exemplos e não no de seus professores, que felizmente é uma minoria.

Eu sugeria apenas que os estudantes de comunicação passassem a conviver mais conosco, a visitar as redações e participar de nossos bate-papos e inteirar-se de nossas idéias. Acho que o Curso de Comunicação, pelo que me é dado a conhecer, é exageradamente teoricista. Até hoje eu não consegui entender o significado e a finalidade de uma disciplina que é ali lecionada, chamada "Fundamentos Científicos da Comunicação". Se assistindo alguma aula para saber. Como eu sou analfabeto em jornalismo...

O Curso de Comunicação contribui para a formação profissional do jornalista na medida em que oferece ao estudante o instrumental básico para o exercício da profissão, que é a sua formação intelectual. Mas isso deveria ser feito através de uma metodologia rigorosa e não dispersiva, orientada para despertar no aluno o seu interesse pela leitura e no estímulo a produzir bons textos, imitando os grandes autores, sem plagiá-los.

Jomard Muniz de Brito

Professor de Comunicação

P. Qual a sua opinião sobre os jornalistas formados pela experiência?

R. A prática é fundamental para qualquer formação profissional. Questão de talento, de atualização e de "realce" significam um salto qualitativo da prática à praxis, da rotina aos roteiros de criatividade.

P. Qual a sua opinião sobre os jornalistas formados pela Universidade?

O Quarto poder

Petrônio Souto

O que se deve examinar é se a imprensa brasileira é hoje realmente livre, isto é, estruturalmente livre e independente, o que é o que está ocorrendo para que ela seja realmente livre e verdadeiramente independente. As questões de estilo, de forma, de conteúdo e mesmo de legislação são menos importantes. Nisso concordo com Alberto Dines.

Evidentemente que devemos lutar contra a legislação coercitiva e extremamente restritiva que o Governo pretende impor à imprensa. Mas me parece que duas coisas conspiram abertamente contra a liberdade de informação hoje em dia no país: a violência das forças de extrema direita contra os jornais alternativos e a veiledade da imprensa de, em pleno final do século XX, querer continuar sendo "o Quarto Poder", como nos "tempos primitivos e heróicos", como nos bons tempos do "triumfalismo".

É necessário que a imprensa nacional permaneça, porque ela exerce uma função histórica indispensável à sociedade livre. Final, foram os naniços que fizeram o levantamento da corrupção e da repressão para os registros da História brasileira contemporânea.

Por outro lado, a crítica à imprensa é outro aspecto fundamental para que ela pense em ser livre um dia. Enquanto a imprensa se encastelar como um poder, "O Quarto Poder", nivelada (e vinculada) aos outros poderes constituídos, portanto, acima da crítica do povo-em-geral, não estará sendo livre, não estará sendo independente.

Há casos (muitos casos) em que "o Quarto Poder" é repressor e extremamente injusto. Quando, por exemplo, o jornal defende os interesses mesquinhos da empresa contra outro grupo; do Governo contra a oposição, e vice-versa; ou quando, através do jornal, o jornalista defende seus interesses particulares contra outra pessoa que não dispõe de seu espaço privilegiado, a imprensa está sendo agente da repressão, está prejudicando a informação e, conseqüentemente, negando os ideais de liberdade que todos defendemos. Tão abominável quanto a censura à imprensa é a manipulação da notícia.

A imprensa, que caminha agora para o ano 2000, deve despojar-se desse poder e, sobretudo, desvincular-se mesmo dos outros poderes. A possível perda de seu status (social) dará mais substância e legitimidade às suas denúncias, aproximará mais a imprensa de sua missão profética, na luta pela construção da justiça e da liberdade humana.

Enquanto ela se julgar o Quarto Poder, estará sendo prepotente, como tudo que é poder. E - devemos reconhecer - a imprensa é prepotente. E quem é prepotente não admite a liberdade nem para si mesmo.



O DEBATE ENTRE PROFESSOR

A idéia inicial era a de possibilitar um diagnóstico da imprensa local. Uma imprensa, que vive de três jornais e que começa a ter problemas de mercado, com o número de profissionais que a partir deste último semestre começam a sair da universidade, com um diploma debaixo do

braço, batendo nas portas dos jornais, em busca de emprego.

Não fora só isso, era preciso também estabelecer o que, na verdade, existe entre profissionais formados no batente e profissionais formados nos bancos escolares. Há, entre os dois blocos, alguma rixa? Alguma emulação? Algum problema que ve-

R. Em geral, estão mais empenhados nos debates ideológicos, semânticos e polissemicos. Ou seja: apresentam um jeito ou jeitinho mais intelectualizado.

P. Qual a maior deficiência do jornalista atuante?

R. Não ler o jornal onde escreve.

P. Qual a maior deficiência do jornalista formado pela Universidade?

R. Não exercitar o "batente diário" simultaneamente com o nível de criatividade que a Universidade poderia suscitar.

P. Qual a maior virtude dos jornalistas formados pela experiência?

R. É o ofício da competência.

P. Qual a maior virtude dos jornalistas formados pela Universidade?

R. É o ofício da petulância.

P. Por que existe essa rixa entre os formados pela experiência e os diplomados?

R. Rixas de amor e ódio, de inveja e orgulho, de acomodações e inconformismo, de política e crítica das ideologias dominantes - enfim, rixas profundamente saudáveis, afetuosas, dinâmicas e proventos.

P. Qual a sua opinião sobre o curso de Comunicação?

R. Em sendo novo, não tem vícios e virtudes dos cursos antigos, dos "medalhões" dos rituais do formalismo. Consigo respirar um clima de experimentação bastante positivo, sobretudo em suas peculiaridades.

P. Até que ponto o curso de Comunicação ajuda na formação de um profissional?

R. Ajuda os estudantes a se ajudarem, pesquisando e desenvolvendo um espírito crítico-criativo - nem sempre encontrável no sufoco do dia-a-dia, quando o novo é sempre adiado. Gostaria de estar refletindo na posição de um "otimista crítico" quem sabe?

P. Qual a perspectiva dos formados quanto a emprego?

R. O mercado de trabalho institucionalizado está uma "barra", uma campo cercado e fechadíssimo. Cabe aos jovens formados ensaiar novos espaços de atuação: junto as empresas de um modo geral. De qualquer forma, a crise não é apenas nossa. Valeria o consolo?

Cecilio Batista

Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais

P. Qual a sua opinião sobre os jornalistas formados nos bancos escolares?

R. Há que se fazer uma distinção. Tirante os que já prestam serviços nas redações, os que saem formados das Faculdades vão encontrar dificuldades intranponíveis. Faltou-lhes, antes da opção para o curso de jornalismo, o exame vocacional para a profissão.

P. Qual a maior deficiência dos jornalistas formados pela Universidade?

R. A resposta está implícita na indagação anterior.

P. Por que existe essa rixa entre os jornalistas formados e os atuantes?

R. Não sei da existência de rixas. Não há como negar certa emulação entre os profissionais de fato e os de direito, por razões óbvias.

P. Que sugestão você apresenta para acabar com esse problema?

R. Como todo problema, o que porventura existe, segundo minha apreciação, vem sendo solucionado, a medida que as duas partes se comprometem na posição que representam dentro do universo da imprensa.

P. Qual a maior virtude dos jornalistas formados pela Universidade?

R. Virtudes? Como? Podemos dividir méritos, não nos que saem da Universidade, mas nos que se fizeram fora dela.

P. Qual sua opinião sobre o curso de Comunicação?

R. Técnicos e educadores de nomeada têm um ponto de vista, bastante prático, sobre os cursos de Comunicação. Eles são necessários, tornaram-se necessários. Mas daí a alcançar os seus objetivos, medeia uma grande distância.

P. Até que ponto o curso de Comunicação ajuda na formação de um profissional?

R. Ninguém ajuda na formação de um profissional. Pode-se dar-lhe um título, um pergamimho. Nunca o princípio básico de sua formação, que já nasce com ele.

P. Qual a perspectiva dos formados quanto a arranjar empregos?

R. Já o disse e repito: difícil mesmo, principalmente num mercado de trabalho escasso como o nosso.

Luiz Custódio

Professor de Comunicação

Na minha maneira de ver, esta questão deveria ter sido superada há muito tempo. Para mim, por exemplo, é um assunto ultrapassado. A realidade está aí na cara da gente, exigindo posicionamentos, inovações, visões críticas e outras travessias para assegurarmos a nossa sobrevivência. O autodidata consciente sabe disso e não para em questões bizantinas. Avança. Os melhores jornalistas brasileiros, hoje, estão trabalhando ao lado dos estudantes de Comunicação, questionando os mesmos problemas, procurando transformar uma realidade que está aí sobre todos nós, quer dizer, as pessoas estão se unindo e não separando uma classe de profissionais ou de futuros profissionais. Creio que em algumas comissões do recente Congresso de Jornalistas realizado em Brasília, ou mais precisamente na Comissão de Formação Profissional de Jornalistas, ficou muito claro tudo isso. Acredito, respeito e muito aprendi e aprendo com os jornalistas que se formaram pela experiência da mesma forma que tenho consciência hoje de que um curso de Comunicação é um espaço para continuarmos lutando por um jornalismo sério e identificado com os nossos problemas e principalmente questionarmos diariamente como vem sendo feito este jornalismo.

O jornalista formado pela Universidade vai trabalhar com a mesma realidade que o jornalista do batente ou aquele formado pela experiência. Ele deve ser tão preparado, ele deve estar tão equipado quanto o outro profissional. Creio que o instrumental oferecido pela Universidade vai agilizar tudo isso, é uma questão de orientação de encaminhar as pessoas para essa mentalidade de trabalho, de melhor documentar e aprofundar a realidade com a qual está se trabalhando. A criatividade, o nível de consciência diante da realidade, vai ficar por conta de cada um. Um curso de Comunicação tem o compromisso de contribuir para que o aluno não apenas saiba manejar com os técnicos e estilos dos Meios de Comunicação, mas principalmente tenha um domínio crítico sobre a realidade veiculada por estes mesmos meios.

Algumas perguntas relacionadas com deficiência e virtude do jornalista profissional do batente/Universidade, parece-me já respondidas na questão anterior. Não há sentido uma divisão assim. Há questões mais amplas sobre o jornalismo brasileiro no atual momento em que vivemos. Há todo um campo de alternativa de jornalismo que está aí sofrendo repressão e passando por momentos de

impasse como é o caso da imprensa alternativa. Virtude do jornalista é o seu compromisso com a realidade, é encontrar estratégia para aprofundar e veicular a realidade em que estamos vivendo. Deficiência é não assumir a condição de responsabilidade diante de tudo isso.

A rixa entre jornalistas formados em redação e diplomados existe apenas na cabeça das pessoas que vivem o curso de Comunicação, como um espaço para se estudar jornalismo. A proposta do curso, certo, é muito mais abrangente, independente das divisões por habilitação. Eu acho que fundamental em qualquer profissão, ou atividade humana, um constante processo de reflexão, de autocritica, de questionamento mesmo sobre tudo o que está se fazendo. Na hora em que as pessoas compreendem isto de uma forma mais profunda, mesmo, (e isto requer humildade profissional) não mais existirá essa rixa que somente dificulta os caminhos de uma classe profissional que, repito, tem mil outros problemas a serem questionados.

Não acredito em curso de Comunicação porque passei por um, ou porque sou professor em um curso de Comunicação. Antes de entrar em Curso de jornalismo já fazia jornalismo e creio que se o curso não fechou espaços e sim permitiu ampliar minha visão do mundo e para a profissão. Se os cursos de Comunicação apresentam deficiências, claro que sim. E as pessoas têm consciência disso e constantemente professores, jornalistas e estudantes têm promovido debates, promovido campanhas etc... exatamente no sentido de que os cursos de Comunicação ofereçam condições para a capacitação profissional do jornalista.

Na medida em que os cursos de Comunicação habilitem um profissional crítico e tecnicamente para enfrentar a Roda Viva do cotidiano, ele está realmente ajudando este profissional.

Perspectivas de emprego? Vejo o técnico em Comunicação, antes de mais nada, como uma pessoa que deve ser profundamente crítica e por isso versátil. O curso de Comunicação não forma apenas jornalistas e relações públicas, não obstante a delimitação das habilitações.

Acredito nas agências de desenvolvimento, nos trabalhos de extensão rural e outras áreas de atuação já existentes e nos espaços que serão criados ainda por esta área profissional. O que é necessário é que os técnicos saibam realmente conquistar novos espaços e procurem defender estes espaços.

Os comunicadores rurais por exemplo, não apenas por imposição de Agências Desenvolventistas, mas também por desconhecimento seu papel enquanto técnicos, têm encontrado enormes dificuldades para exercerem suas atividades na área rural.

Elmano Augusto

A prática jornalística, o dia-a-dia do batente, o convívio com a redação são elementos imprescindíveis para o aperfeiçoamento do jornalista. No entanto, a prática em si não oferece ao profissional todas as prerrogativas para o bom desempenho do jornalismo. Dai porque acho extremamente necessário também o aperfeiçoamento teórico que possibilite o preenchimento das lacunas não suprimidas pela prática. Por isso considero deficiente a formação única e exclusivamente empírica.

As perspectivas de emprego dos diplomados são as mesmas da grande maioria dos jornalistas profissionais do país. Ou seja, imensamente limitadas. Isso se deve, em última análise, à atual crise econômica que assola o Brasil e se reflete também na área empresarial da comunicação de massa. Um exemplo disso foram as recentes demissões coletivas patrocinadas pelos três jornais de cidade, argumentando contenção de despesas. O Norte demitiu, entre técnicos da oficina, funcionários da burocracia e jornalistas, cerca de 50 pessoas. O Correio da Paraíba seguiu atrás demitindo mais de 40 trabalhadores. A União não ficou por baixo e promoveu demissões nos mesmos índices. Em outros Estados está se verificando coisas do gênero.

A maior deficiência dos jornalistas formados no batente é exatamente não possuírem um conhecimento teórico-científico do jornalismo. Hoje o jornalismo já está assumindo um estágio quase que científico. Diversas ciências, como a semiologia, cibernética e outras do campo da informação servem de subsídios para a prática jornalística. Os profissionais que nada sabem sobre isso só tendem a se tornarem ultrapassados frente a evolução da própria prática jornalística.

Essa rixa entre os formados em redação e os diplomados não existe. O que acontece, na verdade, é uma ferrenha briga pela ocupação do mercado de trabalho. A luta está com os jornalistas em sua maioria, pelos profissionais do batente. Com o aperfeiçoamento do curso de Comunicação e a saída da primeira turma, novos profissionais surgem no mercado e procuram lutar por uma vaga. A briga é só essa, não existe rixa por questões que sejam outras. Os jornalistas formados pela Escola de Comunicação, como também os estudantes mantêm um forte respeito frente aos seus companheiros do batente.

Como o problema da rixa não existe, pois o que realmente há é a luta pelo mercado de trabalho, acho que uma solução para isso seria a abertura do campo de atuação profissional do jornalista paraibano, em especial pessoense. Uma das possíveis soluções seria a criação de uma cooperativa de jornalistas em João Pessoa. Iniciativas semelhantes estão tendo grande êxito em outros Estados do país. No entanto, não devemos esquecer a luta através do sindicato contra os abusos perpetrados pelos donos das empresas. Problemas como o das recentes demissões devem ser combatidos através da união dos jornalistas em torno do nosso sindicato.

A maior virtude dos profissionais do batente é a perseverança no trabalho. Muitos começaram como revisores ou até contínuos e hoje despontam nas colunas dos jornais e possuem grande crédito frente a população.

O curso de Comunicação tem real importância na formação do jornalista a partir do momento em que ele oferece condições para que o profissional avalie & critique & reflita & enriqueça & aperfeçoe a sua prática. O curso de comunicação, apesar de suas deficiências, tende a criar uma nova mentalidade no jornalismo paraibano, dando uma visão mais ampla do que venha ser a atividade jornalística.

Possuir um bom texto, titular bem as matérias ou, mesmo, ter velocidade ao bater a máquina não são as únicas exigências para que a pessoa seja considerada um verdadeiro jornalista. O profissional competente é aquele que além de fazer tudo isso possui consciência de sua prática enquanto indivíduo envolvido com todo um sistema social. Nesse sentido, o curso de Comunicação está prestando uma considerável contribuição ao jornalismo paraibano.

Lena Guimarães

O jornalismo é uma profissão muito intuitiva e por isso acredito que a qualidade de trabalho de comunicação independe de um diploma universitário. Não sou contra os cursos de Comunicação. Questiono os métodos de ensino deficientes, que permitem que pessoas sem qualquer qualificação sejam consideradas aptas para exer-

JORNALISMO

ES, ALUNOS E PROFISSIONAIS

...nha a se refletir no relacionamento dos profissionais?

Não havia outro caminho, senão o de tomar depoimentos de jornalistas autodidatas, de profissionais formados nas escolas e (por que não?) professores do curso de Comunicação Social da UFPb, cuja

criação foi uma reivindicação da própria classe.

A seguir, a palavra está com Gonzaga Rodrigues, Jomar Muniz de Brito, Cleane Costa, Severino Ramos, Luis Custódio, Cecilio Batista e vários outros. Em todos, o interesse de contribuir para a melhoria da classe.

Entrevistas a Luiz Carlos de Souza

...nem uma profissão que exige muitos conhecimentos. Vários exemplos de sua falta de preparo aparecem diariamente. A ética não me permite citar nomes, mas há poucos dias, quando o governador tombou a cidade de Pilar, um jornalista diplomado me perguntou apavorado: "ele explodiu mesmo a cidade inteira?". Não quero dizer que essa ignorância seja uma regra geral, como é na forma de redigir qualquer informação. Pode ser até a exceção. Mas existe.

Não há uma deficiência específica no jornalista formado pelos cursos de Comunicação. As deficiências começam na hora de ir buscar a informação - quando os principais detalhes são esquecidos - até a hora de redigir.

Rixa entre os jornalistas formados em redação e os diplomados em Universidade? No meu entender existem opiniões contrárias aos cursos de Comunicação e a favor. Favoráveis e contrárias a regulamentação da profissão. Há também uma luta nacional dos que se sentiram prejudicados com a lei nº 83.384, de 13/03/79 que regulamenta a profissão dos chamados "jornalistas irregulares", que muitas vezes entra em choque com os interesses dos diplomados pelas Universidades.

A solução para esse problema, pode vir com um levantamento que está sendo realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, sobre a situação dos trabalhadores nas empresas de comunicação - profissionais, provisionados, irregulares e diplomados. A partir de dados reais, estudos serão realizados e debates nacionais promovidos para que se chegue a uma solução justa. Pelo menos essa é a proposta, e primeira etapa de uma luta que, no meu entender deve prosseguir reivindicando a qualificação das escolas de Comunicação.

A lei assegura aos formados pelas Universidades todas as facilidades, até a demissão de um profissional irregular competente. Mas sempre haverá vagas no mercado de trabalho, para os bons profissionais, sejam ou não diplomados.

Walter Rafael Bezerra

Estudante de Comunicação

Bom, almejo que o curso de Comunicação Social me dê condições suficientes para que nos ensine a transformar um fato ou idéia em uma matéria informativa para o público em geral e assim exerceremos a profissão a altura de um jornalista profissional.

As possibilidades de um bom emprego, neste ou em qualquer outro campo de trabalho, não são muito boas, mas cabe ao profissional se dedicar mais ao seu trabalho para que ele se torne especializado no seu campo de trabalho.

Acho que o curso de Comunicação dá condições suficientes para que nos tornemos um jornalista profissional. Agora quanto a qualidade deste jornalista vai depender de uma série de qualidades próprias, tais como: interesse, técnica, fácil comunicação e outros para que nos tornemos um bom profissional.

Quando a uma especialidade, que o jornalista pode exercer ou obrigado a escolher a de redator de uma vez que não tenho um bom timbre de voz. Mas mesmo assim, me sinto feliz em poder colher fatos ou idéias e transmitir através de matérias, para um melhor esclarecimento de toda a comunidade.

Cleane Costa

Os jornalistas formados pela experiência são pessoas que merecem total respeito de nós comunicólogos, principalmente por terem passado por uma longa caminhada para alcançarem o que se podia chamar "sucesso total". Geralmente são pessoas que atravessaram toda hierarquia formada no campo jornalístico para depois chegar a um grau de redator, chefe de reportagem, editor...

Por isso existe uma grande vantagem, por serem eles vividos em uma prática que é fundamental para qualquer pessoa que queira seguir qualquer carreira. Enquanto que nós, comunicólogos, ao entrarmos numa redação de jornal sempre queremos logo ser redatores.

Como me dizia uma vez o jornalista Gonzaga Rodrigues, ele começou como revisor para depois chegar a uma redação e ser o que é hoje.

Porém discordo muito de algumas pessoas que pertencem a classe dos que se formaram pela experiência, que se dizem jornalistas, mas no entanto, não sabem sequer captar uma notícia, quanto mais redigi-la, além dos erros de português que seriam incoportáveis.

Por isso é bom que exista o curso de Comunicação para que o jornalismo não se torne uma profissão, podemos dizer assim, marginalizada, onde qualquer pessoa sem o mínimo de senso profissional possa dizer "eu sou jornalista".

Quando a minha perspectiva de emprego não é das piores, pois atualmente me encontro empregada até o dia em que a empresa não me renova. Mas nesse país e nesse sistema, parece que a gente nunca pode dizer que está situada, pois quanto os patrões não querem mais você no emprego, não reparam nem se você tem competência ou não, ou só faz o trabalho exigido.

Eu não diria que existe deficiência nos jornalistas atuantes. Eu vejo sim, uma certa acomodação em sempre fazer as mesmas coisas, o mesmo modo de jornalismo, sem uma inovação. Essa mesma acomodação se vê em relação aos patrões, que sempre são os senhores da situação e pagam ínfimos salários sem que ninguém conteste ou exija até melhores condições de trabalho.

É nisso que está a deficiência, se é que ela existe, em não serem pessoas combativas. E me lembro bem que um deles me disse: "Não adianta a gente se rebelar, pois sempre a razão está com eles, por isso devemos aceitar". Creio que dizer isso é não ter consciência do que faz no batente do dia a dia.

Eu acho que não existe rixa, entre os jornalistas formados pela experiência e os formados em bancos escolares, isso está nas cabeças das pessoas, mas sim um certo temor quanto a concorrência, pois o mercado de trabalho está cada vez mais resumido, e isto, entre alguns dos jornalistas atuantes, faz criar um certo medo que os comunicólogos "tomem" os lugares porque têm um "canudo" de trás do braço. Mas acho que eles precisam olhar pra trás e ver o que o trabalho executado por eles e ver que a gente pretende apenas ingressar numa redação de jornal, por ter sido uma profissão escolhida por nós, para sobreviver num regime, que todos nós estamos cansados de saber, que só visa o lucro "para os mesmos".

Acho que a rixa não é um problema, mas vejo que seria necessário que os jornalistas atuantes nos vissem como pessoas que estão entrando para engajar em uma luta por uma causa justa, seja ela qual for.

Em relação a nós comunicólogos, a maior virtude do jornalista formado pela experiência, creio que seja a tão falada prática que não temos de uma forma cotidiana, não sei se essa é a palavra, nos bancos da universidade.

Como todos os cursos que começam, o curso de Comunicação ainda está na fase embrionária, e acho que só agora que formou uma turma e teve uma experiência, ele irá se estruturar melhor.

No curso de Comunicação, como alguns dizem, através crises, sem condições materiais e outras coisas, isto faz parte de um sistema estruturado em um país, onde as verbas para a educação são as mais restritas, porque isso faz parte de um jogo: os dominantes do regime não estão interessados em que o povo seja alfabetizado e conscientizado, mas apenas saiba assinar o nome, para que nas eleições possam votar após toda uma preparação, na qual são prometidas várias coisas.

Wellington Farias

Reporter

O processo avançado de modernização no campo jornalístico brasileiro e a consequente mentalidade nova que se cria, já nos revela a necessidade de dar mais um passo adiante, de forma que possamos sair definitivamente do empirismo ao qual estamos apegados, ainda. A mentalidade provinciana e conservadora que julga dispensável a passagem de um pretensso jornalista por uma escola superior, para que ele possa tornar-se um profissional mais (ou altamente) qualificado é, hoje, incompatível com a realidade. Dizer, apenas, que um jornalista nasce feito e portanto, não se faz, não é tudo. Pode-se dizer, está certo, que qualquer pessoa de vocação pode ser um bom jornalista sem nunca precisar ir à escola profissionalizante, enquanto que o outro, sem vocação, pode, por outro lado, frequentar eternamente cursos e mais cursos, de qualquer nível, sem nunca chegar ao mínimo satisfatório. Mas, para que se possa desenvolver a capacidade total de um aspirante do jornalismo, como em outras profissões, é necessário, realmente, o novo passo a ser dado: a especialização em cursos superiores. A idéia também foi, a princípio rejeitada até mesmo nos países desenvolvidos, onde as reações contrárias, oriundas dos mais conservadores que só acreditavam nos chamados jornalistas dromedários; no tempo em que a capacidade de um profissional de imprensa também se media pela sua capacidade de mentir, quando lhe faltasse notícia. Não é antiga a nova concepção de uma formação especializada de jornalistas. Só a partir de 1930 é que se iniciou esse novo estágio, nos EUA, e, na Europa, só depois da II Grande Guerra. E os resultados foram altamente satisfatórios. Entretanto, é preciso e fundamental, que as escolas para especialização de jornalistas se ajustem bem ao novo contexto, a realidade, e esteja, pelo menos, um grau acima do empirismo, do modo de ser dos jornalistas dromedários, o que, infelizmente, ainda não se vê no Brasil, onde o empirismo, em grande e longa escala, um passo mal dado para o progresso do jornalismo brasileiro, que foi, indiscutivelmente, a criação de simbólicas escolas de Comunicação Social, onde se pode aprender a fazer tudo, menos a ser um jornalista, nem de segunda categoria. Os resultados negativos - que justificam até a extinção desses cursos - revelam a precariedade dos atuais cursos de Comunicação Social brasileiros, indistintamente: são cursos onde fazer a notícia - o critério fundamental para admissão de jornalistas nas empresas - e a função principal de homem da imprensa, é o fator menos importante. E, por isso, geralmente os comunicólogos são rejeitados pelas empresas jornalísticas que preferem investir num jornalista com experiência de "batente", do que num estudante de Comunicação Social inteligente, sabedor de tudo, mas que não faz uma notícia. Ele só inflama, realmente, como qualquer outro que vai a um jornal pela primeira vez; e são obrigados a aguardarem uma oportunidade, aberta para qualquer um, independente do canudo, para que possam, mais tarde, iniciar a aprendizagem no campo jornalístico. Isso, sem falar nos que revelam falta de vocação ou de interesse. Num dos seus recentes livros, no qual, inclusive, defende a existência de cursos para especialização de jornalistas, Luiz Amaral um homem de larga experiência na ciência da Comunicação revela: "Mas se a solução para se fazer um bom jornalista é preparar gente para a profissão, resta saber se, entre nós, a solução para os futuros jornalistas está nas escolas existentes, ou nos moldes em que é feita a preparação". E acrescentou que "de uma maneira geral, as universidades não mantêm os cursos de jornalismo pela importância que têm as ciências de comunicação coletiva no contexto da civilização contemporânea. Sim, porque constituem um bom negócio e por estarem na moda.

Quando você entra na universidade é como estivesse abrindo as portas para um novo mundo. Um mundo que até então era desconhecido. Isto aconteceu comigo e creio que aconteceu com vários amigos que pela primeira vez entraram numa universidade.

Portanto se você acha que é um novo mundo, você espera que este lhe ofereça coisas e experiências nunca vividas antes. E creio que isto o curso de Comunicação oferece, como qualquer outro curso pode oferecer. Pelo menos para mim contribuiu muito para minha formação profissional, principalmente porque adquiri uma coisa muito importante para qualquer carreira, a consciência profissional, que acho ser uma das coisas primordiais para você ser um bom profissional.

Apesar do curso não oferecer a tão falada prática, porque acho que isso é uma coisa que se aprende na redação do jornal e lendo sempre, observando em um jornal como se estrutura uma notícia, o curso de Comunicação lhe oferece uma coisa também muito importante, a teoria, que se você souber aplicá-la bem à prática, o fará um bom profissional.

Alguns dizem que os comunicólogos não sabem redigir sequer uma notícia. Também não é assim. Eu, pelo menos, quando entrei para a redação de um jornal podia não ser uma expert, como ainda não sou, mas não entrei leiga de todo. Porém vejo que hoje, após quase um ano de trabalho, aperfeiçoei a minha redação. Isto também cai muito naquele ponto que a gente chama de vocação; se você não tem vocação e não luta por uma melhor qualidade do seu trabalho, você não será um bom profissional e terá vergonha de mostrar o seu trabalho, como também meo.

Adeildo Bezerra

Estudante de Comunicação

Inicialmente, quero dizer que a simples experiência profissional é insuficiente, para dotar o profissional de conhecimentos suficientes para permitir uma compreensão objetiva dos fatos sociais. Essa incompreensão, provoca ocasionalmente uma certa indefinição de propósitos no trabalho. Essa mesma incompreensão, não é exclusividade apenas da maioria dos profissionais formados pela experiência diária, ela também pode atingir os quadros formados na Universidade. A diferença que se registra, é que, com base nos ensinamentos acadêmicos, esse novo profissional tem clareza si, para que lado, classe social, está sendo dirigido o produto do seu trabalho.

A compreensão dos movimentos sociais e dos determinantes das grandes decisões, governamentais, é apenas o resultado de um aparelhamento individual, com teorias científicas de análise dos componentes econômicos, e outros ramos da ciência. Isso pode ser conseguido por qualquer pessoa, no entanto, os acadêmicos, por uma peculiaridade do próprio ambiente, mantêm um contato mais intenso com essas teorias que ajudam muito o profissional a perceber as causas, determinar as consequências dos acontecimentos e fazer uma opção menos desastrosa e dirigida para o bem comum da maior parte de qualquer comunidade.

A perspectiva de trabalho para os formados é negra. Hoje, até mesmo nas áreas mais carentes, como é o caso da saúde, existe desemprego em massa. Isso é uma consequência da própria política econômica do Estado, que precisaria de um comentário mais criterioso e profundo. Na área do jornalismo, o que vemos, é a crise nacional da imprensa, concentração da informação nas mãos dos monopólios e a extinção das pequenas e médias empresas da informação. Isso tudo só contribui para reduzir o espaço de trabalho dos jornalistas.

É importante porém ressaltar, que essa crise não é um fato espontâneo. A política do governo impõe restrições ao desenvolvimento da indústria gráfica, como forma de conter a desvalorização da informação, e inclusive golpear a imprensa popular, representada pelos jornais alternativos.

A atuação dos profissionais, no sentido de participação política de Classe, pelas informações que tenho é bastante restrita. Pelo que tenho acompanhado, somente muito recentemente, é que alguns começam a se articular tendo em vistas as eleições sindicais. Esse debate no entanto vem sendo feito de forma restrita, e pelo que sei os seus resultados não trarão nenhuma contribuição para o amadurecimento político da categoria. Até o momento, nosso Estado, permanece firme e a estrutura sindical pélgica. Esse é o grande momento da entidade sair do silêncio tumular em que sempre viveu, para acompanhar os reclames da categoria dos jornalistas, que em todo o país reclamam por transformações, se não radicais, mais profundas. No entanto, conforme estão sendo feitas as articulações, ao invés de se abrir o espaço sindical para os profissionais discutirem a sucessão, as forças mais representativas da categoria se isolam numa discussão restrita para formar uma nova diretoria, com os mesmos pecados da atual. Decisões capituladas sem a participação sequer indireta da massa dos jornalistas.

A rixa existente entre os formados em redação e os formados pela Universidade é para mim o princípio fundamental das transformações e do aperfeiçoamento, elas deverão continuar existindo. Se faz necessário porém, que um processo de convivência e de discussão se instaure para que as duas partes possam emitir seus conceitos, e a maioria, com base nas discussões, aprovar aquele que for mais correto e dele se utilizar para determinar uma ação consensual.

Para mim o curso de Comunicação como toda Universidade brasileira tem suas deficiências, que só serão superadas pela pressão dos próprios interessados. Mesmo assim, fornece subsídios suficientes para despertar em cada um a necessidade constante de se estar informado para informar bem. Os conceitos sociológicos estudados na Universidade - é aí onde o curso ajuda - são fundamentais para se compreender o funcionamento da sociedade. As teorias da informação lhes dão a dimensão de uma informação, seus objetivos e de suas consequências. De forma insuficiente, claro. O aperfeiçoamento no fim fica por sua conta, dependendo do seu interesse e de suas possibilidades de se aperfeiçoar teoricamente.

Ribamar Corrêa

Estudante de Comunicação

É tudo uma questão de momento histórico e, consequentemente, cultural. O jornalista formado pela experiência é, hoje, no Brasil, um profissional em extinção, já que um mecanismo constitucional não mais permite sua existência a nível de categoria. No entanto, acredito que o processo empírico de formação de um jornalista é o mais rico possível, dependendo apenas de seu grau de percepção. A eficiência do empirismo é inquestionável, só que se torna incompatível com a evolução e a tecnificação do mundo. Eles foram tudo no seu tempo, e hoje são algo ainda importante mas em decadência.

A perspectiva de emprego é péssima. O profissional não é

valorizado, o mercado de trabalho é restrito e a consciência de classe é sofrível. O jornalista está a cada dia mais proletarizado, com sérias tendências a "bola fria", pois não há expansão de sua "indústria", o que resulta na redução do mercado de trabalho.

Para mim a maior deficiência do jornalista atuante é a auto-censura. Só que ela não é imposta por sua consciência, mas pelo controle da informação mantido pelo interesse empresarial.

A meu ver não existe uma rixa entre os formados em redação e os diplomados. O que existe, na verdade, é uma luta da categoria pelo mercado de Trabalho. Quanto à "rixa", talvez exista um choque entre duas concepções de mundo, o que é muito natural num confronto cultural deste tipo. É algo que incomoda um pouco, mas não causa grandes danos, pois é mais uma constatação da deformação cultural de nossa sociedade.

Não existe nenhuma sugestão para acabar com ela pois se trata de um problema histórico e cultural de uma sociedade, digamos, conservadora, que vive os choques da transformação. Ele será naturalmente suprimido quando houver um nivelamento cultural, que já iniciou seu processo de efetivação. O que se precisa mesmo é consciência de classe, todo mundo no sindicato lutando por seus direitos. E quando todos percebem que não há desigualdade profissional.

A maior virtude dos jornalistas formados pela experiência é exatamente eles se terem formado pela experiência. Evidencia uma escolha, a crença em algo.

O curso de Comunicação é interessante. Está pecando exatamente no "X" do problema: não está oferecendo condições para a prática de jornalismo. E aí que entra o choque, pois os jornalistas do batente sabem fazer um jornal. O que não é o caso dos alunos formados por este curso. Por outro lado, é extremamente importante o aparato teórico por ele oferecido para a formação de uma visão de mundo. Só que a maioria dos alunos, por não terem uma formação cultural adequada, fica bolando diante da complexidade teórica, sem compreender exatamente nada. É um curso que precisa reformar sua estrutura curricular, equilibrando teoria e prática.

O curso de Comunicação ajuda na formação de um profissional a partir do momento que ele permite ao aluno se situar no meio social, compreendendo a realidade social, já contribui fundamentalmente para a formação de um bom profissional. Quanto ao resto, se precisa discutir mais amplamente, pois ainda é cedo para julgar, pelo menos na Paraíba, apesar de muitas deficiências já localizadas.



O repórter e o político

Fernando Melo

O relacionamento dos jornalistas com os deputados na Assembléia Legislativa tem sido, ao longo do tempo, perfeito no que diz respeito à busca da notícia. Qualquer deputado convocado para uma entrevista, manifesta sempre a sua satisfação, mesmo que a pauta não seja muito do seu agrado.

Neste particular vale aqui assinalar um fato curioso, que apesar de passar despercebido por muitos, tem a sua razão de ser e é o que nos propomos neste breve artigo. Muitos deputados antes de prestarem uma entrevista, fazem um julgamento quase que inconsciente, de que o repórter está interessado em determinado assunto por influência de terceiros, ou seja, de outros deputados.

Vamos exemplificar. Indagar do deputado A se a atitude do deputado B em relação ao desgaste político do Prefeito de tal cidade, é uma questão que prejudica o Município, leva o interpelado a julgar que o repórter já conversou com o deputado B e portanto começará a dar uma interpretação que não condiz com a realidade, ou seja, não responde à pergunta enfocada, mas sim passa a ser uma resposta direta ao deputado B.

Isto acontece muitas vezes e o jornalista depara-se com um problema. Pois se antes a sua intenção era focalizar os prejuízos do Município, agora ele passa a ter uma opinião puramente pessoal de um deputado, e nunca a de um homem público representante de seu povo.

Cabe aí, a insistência do jornalista em catar do entrevistado o que realmente ele deseja. Não interessa ao repórter alimentar antipatias de deputados, mas sim o fato que atende a toda uma comunidade.

O político é habilidoso e vive dentro de uma arena. Para ele tudo é fruto da astúcia. O convívio diário e permanente com os jornalistas, leva os políticos a identificarem o profissional de imprensa como uma pessoa a seu serviço. Isto é um erro, porque o compromisso do verdadeiro homem de imprensa é com a notícia.

Quando a informação de um deputado tem um endereço certo, quando ela não atende ao interesse de uma comunidade, mas ao seu próprio interesse, o que aliás é muito comum, deve o repórter desprezá-la e buscar, na sua missão de bem informar, a verdadeira notícia. Não deixa de ser uma tarefa difícil, mas é fundamental para que o trabalho seja digno de credibilidade.

Este comportamento, por mais simples que possa parecer, ainda não está totalmente firmado no relacionamento dos jornalistas com os deputados. No mais, repetimos o que está no lide deste artigo, e não podemos esquecer o interesse do deputado em procurar a imprensa. Ambos se confundem quando buscam informar o público, apenas existe o pecado de quando se procura para uma promoção pessoal.

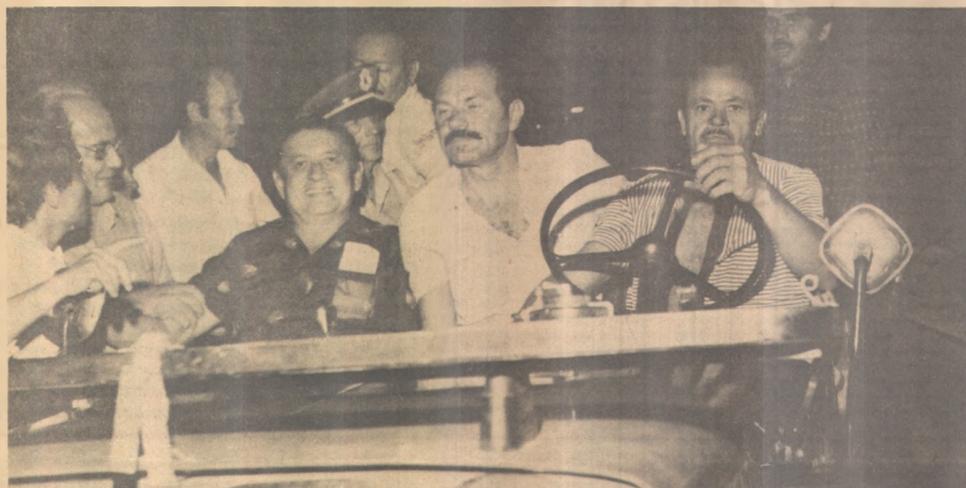
Um jornalista comunicólogo, a meu ver, é apenas mais um concorrente que não cursou a Universidade mas que não pode, jamais, louvar-se do seu diploma para justificar uma eventual admissão numa empresa jornalística. É um jornalista com característica totalmente diferente da do jornalista realmente jornalista. Nota-se, facilmente, que o comunicólogo parece mais como um candidato a jornalista cuja capacidade profissional foi atrofiada durante a sua permanência num banco escolar.

Prorrogação em Cajazeiras:

“O POVO COMEMOROU COMO A REELEIÇÃO DE MATIAS ROLIM”



Matias Rolim assegurou governar o município mais dois anos com o povo



O prefeito desfilou em carro aberto pela cidade



Na rua, a alegria dos correligionários e amigos



Quirino afirmou que continuará ajudando a administração de Chico

“O povo de Cajazeiras que já elegeu Chico Rolim para governar 8 anos e seis meses, só poderia estar satisfeito em saber que ele governará por mais dois anos” com frases deste tipo e tantas outras mais de apoio a permanência do prefeito Francisco Matias Rolim a frente dos destinos de Cajazeiras, o povo cajazeirense vibrou e comemorou ao tomar conhecimento de que a prorrogação estava confirmada pelo Congresso Nacional. Um fato foi notório neste anúncio da prorrogação dos mandatos dos prefeitos, enquanto em outras cidades a notícia era recebida com frieza e até com protesto de alguns setores, em Cajazeiras foi diferente. Surgiram de imediato vários movimentos de apoio ao nome de Chico Rolim, com a realização de festa em residências de líderes do PDS desta cidade. Muitas foram as notas de solidariedade a administração municipal. Na sexta-feira dia 5 de setembro, Cajazeiras amanheceu em clima de festa para receber o prefeito que vinha de Brasília, sendo notada a colocação de faixas em pontos os mais diversos da cidade, se solidarizando com a permanência do prefeito por mais dois anos. Em frente a prefeitura uma faixa chamou a atenção de todos: “O povo quis, Figueiredo atendeu, Chico Rolim mais uma vez”.

UMA FESTA DIFERENTE

Desde o momento em que foi submetida à votação pela última vez pelo Congresso Nacional, a emenda Anísio de Sousa, prorrogando os mandatos de prefeitos e vereadores, já causava grande expectativa em Cajazeiras, principalmente junto as hostes pedessistas que estavam mais do que confiantes na permanência do prefeito Francisco Matias Rolim, por mais dois anos à frente dos destinos do Executivo local.

Depois das longas horas de tensão e quando foi anunciado o resultado final com a aprovação definitiva da Emenda, iniciou-se uma verdadeira movimentação junto aos políticos locais que pertencem ao partido oficial, os quais resolveram de imediato prestar uma significativa homenagem ao prefeito Matias Rolim, o qual em Brasília, havia acompanhado passo a passo todos os trâmites da votação da Emenda Anísio de Sousa. Uma festa bastante diferente foi o que se verificou em Cajazeiras, na última sexta-feira à noite. Uma grande multidão se comprimiu às margens da BR-230, na periferia da cidade aguardando a chegada do Chefe do Executivo cajazeirense, para acompanhá-lo numa passeata comemorativa que seguiu pelas principais ruas da cidade para findar em frente a Prefeitura Municipal, local, onde se armou um palanque de improviso e onde vários oradores fizeram uso da palavra, dentre eles o próprio homenageado contemplado.

MATIAS ROLIM: ESTES DOIS ANOS E UM DESAFIO

“Eu sou um homem satisfeito com a minha vida, e mais satisfeito ainda porque tive a oportunidade de ajudar esta terra” - afirmou o prefeito Matias Rolim, bastante emocionado com as ovações que lhe eram prestadas ao empunhar o microfone da Rádio Alto Piranhas, que transmitiu todo o desenrolar do acontecimento, para prestar seu agradecimento ao povo de Cajazeiras que mais uma vez lhe prestava considerável homenagem na sua carreira de homem público. A seguir comentou o prefeito Francisco Matias Rolim, que os próximos dois anos que tem à frente com a prorrogação de mandatos servirão para compensar os dois primeiros anos de sua administração, que sofreram abalos devido a perseguições políticas: “minha vontade de trabalhar por Cajazeiras sempre foi muito grande. Tive grandes dificuldades nos dois primeiros anos de administração. As perseguições políticas me entravaram, me prejudicaram, nos prejudicaram falando em termo geral da nossa administração. Mas, graças a Deus, nós temos mais dois anos à frente para compensar exatamente os dois ou três anos que me perseguiram, em que a política não me deixou trabalhar”.

O prefeito Francisco Matias Rolim demorou-se também a salientar algumas de suas importantes obras durante todo o tempo em que se encontra à frente da administração, desde o seu primeiro mandato até agora. Afirmou que vem se empenhando com afinco no sentido de tornar a sua administração, uma administração dinâmica sempre voltada para os interesses da população, o que vem conseguindo graças ao seu tino administrativo: “nós cajazeirenses, na minha pessoa, temos a satisfação de dizer que, pode fazer um levantamento, talvez em todo o território nacional, que não se encontrará cinco por cento das prefeituras que estejam na situação que a nossa está. Isto me refiro, principalmente no ponto de encargos sociais do nosso funcionalismo”.

ESPÍRITO DE JUSTIÇA

O deputado Estadual Antônio Quirino de Moura, representando a Assembléia Legislati-

va do Estado, também esteve presente às comemorações da prorrogação de mandatos de prefeitos e vereadores, em Cajazeiras, e quanto a este evento ele também falou em praça pública, durante a homenagem prestada ao sr. Matias Rolim: “São as bênçãos de Deus num momento que se faz necessário. É esse espírito de justiça que a própria natureza fez ao povo de Cajazeiras, em inspirar o Congresso Nacional, representante de todos os brasileiros para que, em reunião permanente, decidisse que os mandatos dos senhores prefeitos, vice-prefeitos e vereadores tivessem a sua continuidade em todos os quatro mil municípios brasileiros. Aqui, para a comunidade de Cajazeiras tenho sentido tudo positivo, é a justiça que o Congresso faz ao município de Cajazeiras, porque só assim, esta comunidade terá a continuação de uma administração séria, de uma administração voltada para o interesse público, para os problemas maiores da comunidade, como nós temos a oportunidade de ver com muita frequência através das inaugurações, das realizações que são tantas e notáveis” - enfatizou o parlamentar cajazeirense, enlevando a administração municipal.

Finalizando destacou Antônio Quirino, a sua “alegria pela continuação da administração do prefeito Francisco Matias Rolim, do sr. Antônio Dias, como vice-prefeito, e, com todos os senhores vereadores que lhe darão apoio nas suas decisões legislativas”.

ESTA PERMANÊNCIA FOI PARA O BEM DE TODOS

Iniciando por dizer que embora não fosse do seu propósito falar naquele instante o veterano sacerdote, Monsenhor Vicente Freitas - Secretário da Educação e Cultura do Município de Cajazeiras, também subiu ao palanque instalado em frente à sede da edilidade para dizer de sua satisfação em ver prorrogado o mandato do sr. Matias Rolim, e principalmente por ser co-participante da administração local, na qualidade de responsável pela pasta da Educação. “Esta não é uma festa patidária, mas uma festa de toda comunidade cajazeirense, porque o triunfo que é festejado, atinge todos os partidos, os poderes Executivo e Legislativo e indiretamente também o Judiciário” - afirmou o Mons. Vicente Freitas explicando que “onde o prefeito é de um partido, diferente do de Cajazeiras, não é pelo partido, de ser ou não, de situação, mas é pela função ou pelo cargo que ele exerce que ele teve o seu mandato prorrogado, acrescido de mais dois anos. E o mesmo conceito se aplica ao Poder Legislativo Municipal, seja do Partido de situação ou de oposição. qualquer um vereador brasileiro teve o seu mandato prorrogado”.

Salientou em seguida que, “aqui só há uma circunstância a ser ponderada: é a de felicidade do município que tem um Poder Executivo Municipal capaz, competente, eficiente e honesto, enquanto que, o município que não teve essa felicidade é claro que não vai gostar. E a mesma coisa - frisou - digo com relação ao Poder Legislativo Municipal: uma Câmara Municipal também competente, tem o mandato prorrogado, o que é uma felicidade. Entretanto, julgar que é ou não competente não cabe a nós individualmente, devemos sempre pensar que todos são bons. Quanto aos que não são bons, vamos fazer um apelo para que se transformem em baluartes de seus municípios” - apelo o Monsenhor Vicente Freitas.

DECISÃO DA MAIORIA

O deputado federal Wilson Leite Braga, foi representado nas comemorações pelo médico Júlio Maria Bandeira de Melo, o qual ao fazer uso da palavra afirmou textualmente “a oposição que contesta, mas que aceita e que não renuncia, combate a decisão daqueles que ela elegeu através do povo como seus representantes no Congresso Nacional. Diz coisa e não aceita uma decisão da maioria e com isso pretende dizer que não é democracia. Eu entendo como democracia o aceita da decisão de uma maioria. Mas infelizmente uma oposição radical, inconformada, incapaz de luta no verbo, mas capaz de luta na agressão, fez com que hoje aqui não estivesse presente o deputado Wilson Braga, que foi agredido no Congresso por defender os votos outorgados pelo povo através de seus representantes”. Em seguida o facultativo teceu palavras elogiosas a administração Matias Rolim, fazendo votos de pleno êxito ao longo de mais dois anos com a prorrogação.

A Câmara Municipal de Cajazeiras, foi representada na ocasião pelo vereador José Lopes, que também disse do contentamento do legislativo com a prorrogação. O Secretário Marcos Pereira, também falou enaltecendo a administração do Sr. Matias Rolim.

Lena Guimarães

ONDE ESTÁ O PODER?

Onde está o poder dos integrantes do quarto poder de que Petrônio Souto fala em seu artigo? Quando eu cheguei em Brasília, no dia 1º de agosto, para participar do Congresso Nacional dos Jornalistas Profissionais, tinha a ilusão de que a delegação da Paraíba, da qual eu fazia parte, iria participar ativamente dos debates, buscar soluções com os colegas dos outros Estados para os nossos problemas comuns e retornaria a João Pessoa sem o rótulo de "turistas".

Chegamos ao meio dia e a abertura do Congresso estava marcada para às 16 horas. Infelizmente, um colega adoeceu e atrasei-me. Mas não o suficiente para impedir-me de constatar que a maioria dos Estados, em seus próprios Sindicatos, haviam indicado os seus líderes e vice-líderes de Delegações, e distribuído os delegados nas cinco comissões que analisariam temas como a Liberdade de imprensa, legislação, mercado de trabalho e sindicalismo.

Esses temas, eu também pude observar, haviam sido amplamente debatidos nos demais Sindicatos, e a partir

daí, teses e moções foram retiradas para apreciação no Congresso. Mais tarde comprovei, em conversas com colegas de outros sindicatos, que o meu raciocínio inicial estava correto.

Esta constatação não foi suficiente para me desestimular. Terminada a sessão de abertura, fui informada pelo Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba que ele havia me designado para a comissão de Mercado de Trabalho, e me revolttei, porque não havia sido consultada, assim como também não foi a nossa companheira Adalgisa Veiga e acredito, os demais integrantes da Delegação paraibana.

E com a "Gisa", me apresentei na comissão que debatia os problemas ligados à liberdade de informação. Pouco tempo depois saímos e começamos uma peregrinação pelas outras comissões. E em nenhuma ficamos porque em todas sentíamos o mesmo problema: não tínhamos condições de debater, de analisar profundamente os problemas que ali eram colocados, até

porque só tomamos conhecimento do temário do Congresso em Brasília.

Os que ali falavam era em nome de Sindicatos muito embora discordassem do que estavam defendendo, mas representava o interesse da maioria dos associados. E faziam questão de frisar isso. Nós só fomos saber que o vice-líder de nossa delegação era Gilvan de Brito quando Agnaldo Almeida, o representante do Sindicato junto a Federação (que assumiu em Brasília uma posição louvável, deixando de votar na chapa que integrava para votar na de oposição, com quem mais se identificava), retornou a João Pessoa.

Os votos da Paraíba no Congresso Nacional não foram do Sindicato, mais do associado que estava com o voto. Em nenhum momento, o voto foi colocado em discussão. O presidente, ao invés de ficar com a Delegação, participando ativamente do Congresso, primeiro viajou a Manaus e depois, no terceiro e mais importante dia do encontro, retornou a João Pessoa deixan-



do em Brasília três dos seis membros iniciais da Delegação do Sindicato: E tanto eu como Gisa devíamos ter retornado também, porque ficamos apenas assistindo, sem nenhum poder de decisão, ao vice-líder da bancada votar sem aceitar discutir esses votos.

E voltamos turistas. Enquanto escrevo esse artigo ouço o Presidente do Sindicato anunciar que não vai estar em João Pessoa no dia em que os profissionais de imprensa e os donos das empresas de Comunicação vão se reunir para discutir o aumento da classe, pois prefere passear. E me pergunto: como é que uma classe que não tem poder econômico, não tem um Sindicato representativo, que defenda seus direitos, pode ser forte num país capitalista? Onde está o poder?

Hoje é dia da Imprensa. De reflexões sobre os nossos problemas. Um dia que na Paraíba só será comemorado na Associação Paraibana de Imprensa. Mais um dia de omissão do que deveria ser o nosso órgão máximo de representatividade.

Marcos Tavares

ANUNCIANDO O ANÚNCIO

Uma dor de cabeça para o editor, e uma alegria para o homem de vendas. Para o público mais uma informação, um serviço. Para o anunciante um investimento, de onde ele espera obter o retorno devido ao seu dinheiro empregado.

Essas são as facetas principais do anúncio, tão velho quanto a imprensa, ou até mesmo anterior a ela, já que mesmo antes dos jornais periódicos, os prospectos enchiam as ruas de Londres e Paris, apregoando as virtudes de um novo Elixir, ou a partida de um pacote para a esperançosa América.

Mesmo sofrendo grande assédio dos meios de comunicações ditos ele-

trônicos, o rádio e a TV, a mensagem escrita ainda faz parte da grande mídia publicitária de todo o mundo, não somente pela sua ampla gama de possibilidades em criação, como pela sua durabilidade, onde uma simples inserção é muito mais eficaz do que os circunstanciais quinze segundos de vídeo ou de áudio.

Poderia aqui se fazer uma ressalva sobre o problema do analfabetismo, principalmente em áreas da América do Sul - a nossa África e Ásia, argumento pouco válido, quando se sabe que toda a pesquisa publicitária, é feita tomando-se por base uma classe que consome, e de quem espera-se o requi-

sito mínimo da instrução alfabética; traduzindo em miudos: quem não lê também não consome, e como tal é desinteressante para qualquer tipo de mídia publicitária.

O leitor não gosta de anúncios.

Essa é uma premissa muito utilizada para se fazer frente a um tipo de atividade, que já está integralmente ligada ao jornalismo, constante de currículos de cursos, e da própria imagem desse meio de comunicação.

A resposta é simples.

O leitor não gosta de nada que é feio, que é mal feito, seja ele notícia, anúncio, foto, cor, ou diagramação. O bom anúncio em mídia impressa - jornal e revista - é tão bem aceito quanto

a boa notícia, e devido o seu caráter ilustrativo, compõe quase como uma foto a página onde está inserido, levando o leitor a ser despertado pela mensagem nele contida.

A boa ou má qualidade do anúncio é uma preocupação mínima de qualquer bom publicitário, já que a máxima é conseguir um bom anúncio que seja original, criativo e principalmente que venda o produto que anuncia.

A presença de mais ou menos anúncios num jornal, é uma possibilidade que esse mesmo veículo tem de fornecer mais e melhores - ou menos e piores - informações. Sustentáculo econômico de toda a empresa, o anúncio

impresso, é por si só um termômetro de como andam as coisas, e de até quando elas andarão.

Numa imprensa de cunho nitidamente capitalista como a nossa é de se esperar que a atividade publicitária no jornal, cresça cada vez mais, na proporção em que for crescendo o índice de consumo do próprio veículo e de todos os outros bens que ele apregoa.

É preciso que se tenha em mente que o primeiro produto que o jornal vende é ele próprio, e somente a partir da sua fixação como agente de mensagens é que ele passa a ser interessante para a divulgação de outros produtos, o que equivale a dizer, anunciar mais é anunciar si mesmo.

Tarcísio Neves

A IMPRENSA ESPORTIVA

Dizem os grandes especialistas da cultura física, que o homem para viver muito é necessário praticar esporte. E isso na verdade é provado pelos destacados cidadãos do mundo, começando pelo papa, pois, na sua tarefa de visitar os incontáveis países, é necessário uma boa preparação física. O esporte, hoje, não se faz presente apenas como estimulante para a conservação do corpo, mas, embora lamentavelmente, tem sido arma para os problemas políticos das nações.

Para chegarmos a um exemplo mais recente, citamos as Olimpíadas de Moscou, que não viu brilhar os grandes atletas de diversas partes do mundo, em razão do boicote dos Estados Unidos. As notícias sobre as Olimpíadas estavam tão presente no dia a dia do povo do mundo inteiro, como o café da manhã na mesa do rico, ou como a mordomia dos que o utilizam como arma para beneficiar os interesses pessoais.

No Brasil, pelo menos, sabemos que o futebol, como o grande esporte deste povo sofrido, que a cada instante recebe os açoites da inflação, teve papel decisivo na sua política, com a conquista do tri-campeonato do México. Isso ficou comprovado nas diversas reportagens publicadas ao longo desses dez anos.

E hoje, o brasileiro se vê privado de sua maior alegria, em função da política existente, cujo marco está espelhado nas campanhas da Seleção, desde a Copa do Mundo, de 74. As vésperas do Mundialito, a ser realizado em janeiro, no Uruguai, ainda não temos um time definido.

Um país como o Brasil cheio de mares, lagos e rios, não estimula o esporte amador. Conseguimos quatro charradas medalhas de ouro nas Olimpíadas, e, ainda dizem: foi um sucesso. Não participamos com o futebol porque a Seleção foi logo eliminada. O resto foi apenas decepção.

Desde que o Eder Jofre deixou de lutar, nunca mais surgiu um lutador para representar o Brasil condignamente, isso porque, segundo os dados fornecidos ultimamente, em São Paulo, um pugilista ganha quatrocentos cruzeiros por semana. Um exemplo mais perto de nós é a própria Kay France. Sua história não é necessário lembrar porque todos já sabem.

Mesmo assim, fazendo uma montagem de tudo, chegamos a conclusão de que o esporte é o maior gozo do brasileiro e, no meio a tudo isso, vivemos nós, os jornalistas esportivos, sempre dispostos a deixar o povo alegre com as vitórias e irremediavelmente triste com as derrotas.

Dizem os grandes jornalistas, que um jornal sem uma página de esporte sofre um grande desfalque. O Pelé, por exemplo, a grande arma para os faturamentos esportivos americanos, contribuiu muito para esgotar edições esportivas incontáveis nos Estados Unidos. E quem naturalmente estava tentando se livrar das preocupações da Casa Branca, num outro dia de muitas tarefas, com certezas estaria vendo o esportista do século correr atrás da bola vestido com a camisa do Cosmo.

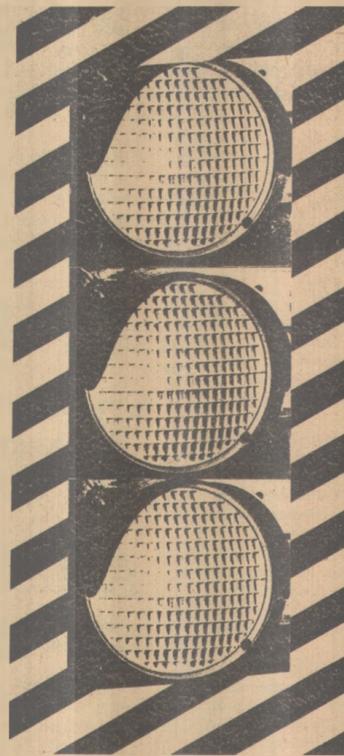
E perguntamos: quem são os responsáveis por toda essa alegria? É óbvio, os cronistas esportivos, que enfeitam o mundo dessa cultura, um pouco indigesta para muitos. Reforçamos mais ainda o trabalho, pois, ele é feito com amor. Você deixa o estádio à tarde, entra na redação do jornal e penetra na madrugada do domingo. Não é fácil. Mas no dia seguinte, quando observa o povo vivendo os lances nas entrelinhas, chega ao clímax da prazer.

Mas ainda falta muito. Hoje, a imprensa esportiva da Paraíba, lamentavelmente está falida. Muitos profissionais ainda conseguem sobreviver, graça ao sacrifício. As emissoras de rádio não tem condições para sustentar suas equipes de esportes, e, quem sofre com isso é o povo. Existe uma carência de recursos muito grande, e as autoridades deviam ajudar.

Vivi a experiência nos outros setores de jornal, mas não sei bem se foi por ironia ou por outro tipo de coisa que hoje me dedico ao esporte. Muitos pensam que pelo simples fato do jornalista esportivo se dedicar inteiramente ao esporte, ele só sabe curtir esporte.

Se na verdade o esporte faz parte da vida, é responsável pela vibração de um povo, como a música e outros tipos de arte, o jornalista esportivo luta para ver se este tipo de mordomia (?) que ainda resta para o povo, não chegue ao fim, pois, se isso acabar, o povo explodirá na sua pirâmide social...

Então, fazer esporte não é tão fácil como muitos imaginam.



Se Você confunde verde com vermelho seu futuro é negro
Ou no mínimo Você pode ficar amarelo de susto.

Além do mais, mesmo esquecendo os prejuízos materiais e físicos que Você possa causar, uma boa soma dos impostos que Você paga é aplicada na sinalização do trânsito, cuja única finalidade é proporcionar ordem e segurança.

Obedecendo à sinalização Você aproveita melhor as cores da vida



DETRAN - PB

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
Departamento Estadual de Trânsito

BURTY

ADUF-Pb recebe ameaça de terroristas

Secretário destaca a importância dos projetos do CTA

O Secretário José Costa, da Agricultura, disse ontem que a matéria assinada pelo cientista Roberto Venerano Pereira, na A UNIÃO de domingo, na qual enfoca a fragilidade dos projetos da Comissão Técnica Aeroespacial, era um tanto limitada, "pois esses projetos do CTA possuem uma direção mais social, enquanto que a denúncia envolve apenas o aspecto científico da questão".

Na opinião do secretário José Costa, os trabalhos do CTA, embora não possuam muito rigor científico, cumpre um papel social e de muito mais importância para o Nordeste. "Em nenhum momento o CTA deixou de reconhecer a fragilidade de seus projetos do ponto de vista científico. Esses projetos têm a função de alertar para o que possivelmente venha a ocorrer no Nordeste, numa nítida intenção de advertência e de, consequentemente, evitar danos à Região", acrescentou.

Indagado sobre a possibilidade de que essa denúncia venha a ser uma tentativa de apagar o tratamento diferenciado à Região Nordeste, o titular da Pasta da Agricultura afirmou que não acredita nessa possibilidade. "Isto me parece mais uma pequena disputa entre entidades científicas, por sinal muito comum. Não será essa denúncia que irá fazer com que seja cortado o tratamento diferenciado para o Nordeste, já que a pobreza da região não atinge só o campo da seca", finalizou.

Receita atenderá contribuintes nos dois expedientes

A partir desse mês todos os órgãos da Receita Federal na Paraíba estão atendendo ao público contribuinte nos dois expedientes, ao contrário do que antes acontecia, quando apenas o turno da tarde era reservado para atendimento externo.

Segundo informações liberadas pelo delegado Guilherme Nogueira, das 18 unidades da Receita Federal existentes na Paraíba, a do órgão-sede da Capital, a agência de Santa Rita e a de Campina Grande funcionam no horário das 8 às 12, enquanto as restantes, devido a peculiaridades locais, passaram a ter seus expedientes no horário das 7 às 12 e das 14 às 17 horas.

Também o Plantão Fiscal, em funcionamento no 2º andar do prédio da Delegacia da Receita em João Pessoa, já atende aos contribuintes nos dois turnos diários, objetivando dar a maior assistência tributária àqueles que procuram este serviço para esclarecer as dúvidas surgidas na aplicação da legislação fiscal.

Por outro lado, a Receita local está tomando as providências iniciais para instalar, em local bem visível e de fácil acesso, uma caixa de coleta de sugestões, com a finalidade de tomar conhecimento das opiniões dos contribuintes acerca da realização de seus serviços, assim como as dúvidas e dificuldades encontradas no deslinde de suas pretensões junto à repartição, dando efetivo aproveitamento dessas informações.

Vinte e sete mil estão inscritos para o vestibular

Vinte e sete mil 459 estudantes estão inscritos para o próximo Concurso Vestibular, conforme informações do presidente da Comissão Permanente do Concurso Vestibular na Paraíba, professor Francisco Xavier Sobrinho, após um levantamento efetuado na Secretaria da Coperve, que será enviado hoje, ao computador da UFPA para a devida comprovação.

Desses candidatos, 16.322 fizeram as suas inscrições em João Pessoa; 8.278, em Campina Grande; 1.934, em Cajazeiras e 924 na cidade de Patos. Os candidatos inscritos para o Vestibular-81 concorrerão a 6.444 vagas oferecidas pelas Instituições promotoras do Concurso (Universidade Federal da Paraíba, Universidade Regional do Nordeste e Institutos Paraibanos de Educação).

Para os 27 cursos da Área I são oferecidas 1.580 vagas. Para os 18 cursos da Área II são oferecidas 1.054 vagas. Enquanto que para os 44 cursos da Área III existem 3.810 vagas. Como nos anos anteriores, segundo o Presidente da COPERVE os cursos mais concorridos são Medicina, Engenharia Civil, Administração de Empresa e Direito.

As duas primeiras etapas do Concurso Vestibular serão efetuadas ainda este ano, enquanto que as duas subsequentes serão realizadas no início do próximo ano. No dia 30 de novembro os candidatos submeterão ao exame de Comunicação e Expressão e no dia primeiro de dezembro farão provas de Estudos Sociais. Já no dia quatro de janeiro serão realizadas as provas de Física e Matemática e no dia cinco do mesmo mês submeterão aos testes de Química e Biologia.

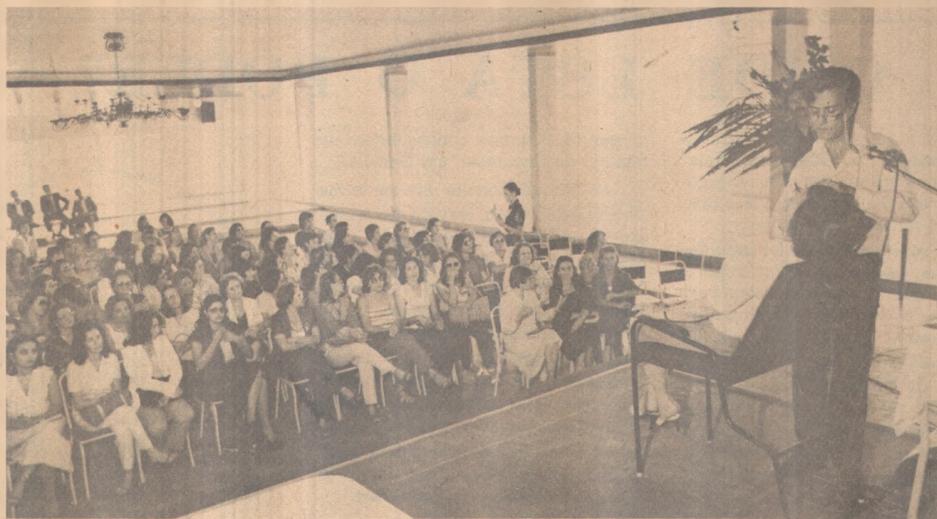
Presidente do TJ instala quatro Varas em Campina

O presidente do Tribunal de Justiça do Estado, desembargador Artur Virgínius de Moura, instalará na próxima sexta-feira, na cidade de Campina Grande quatro Varas de Justiça, que visa proporcionar aquela comarca melhores condições de trabalhos, principalmente no que se refere ao andamento dos processos com maior rapidez.

A solenidade será realizada, às 10h, no Fórum Afonso Campos, e contará com a presença do vice-presidente do TJ, desembargador Almir Fonseca; do juiz Corregedor, Manoel Taigy; do Procurador Geral da Justiça, bel. Vanildo Cabral, magistrados e representantes do Ministério Público, além de outras autoridades.

Conforme informações da Secretaria do Tribunal de Justiça, serão duas Varas de caráter Civil e duas com atribuições criminais. Estas instalações trata-se de uma velha reivindicação dos juristas campinenses que vinham sentindo certas dificuldades diante do acúmulo de processo por falta de mais organismos capazes de substituir os trabalhos.

Já no próximo dia 15 de outubro serão instaladas seis Varas em João Pessoa, sendo três de caráter Civil e duas de caráter Criminal. Neste sentido, a Secretaria do TJ vem tomando todas as providências para que a data não seja novamente adiada.



Técnicos de todo mundo vêm assistir seminário

Técnicos, cientistas e autoridades ligadas à mineração do Brasil e de vários países do Terceiro Mundo já se encontram em João Pessoa para participar do Curso de Economia Mineral Aplicada, que será aberto hoje, no Salão de Convenções do Hotel Tambaú, em solenidade a ser presidida pelo governador Tarcísio Burity, com a presença do ministro César Cals, das Minas e Energia, e do professor Bascara Rao, representante da Associação de Geocientistas for International Development - AGID e diretor do curso.

O Curso, que tem como objetivo estudar a aplicação de recursos no setor de mineração em países em desenvolvimento, é uma promoção da AGID, Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais - CPRM, UNESCO e Governo do Estado da Paraíba. Dele participarão 50 técnicos de países latino-americanos, africanos e asiáticos, que estudarão a problemática do setor mineral no período de 12 a 26 de setembro.

FORUM

Como parte da abertura oficial do Curso de Economia Mineral Aplicada, será realizado, a partir de amanhã, à 9 horas, um Fórum de Debates sobre Economia Mineral, quando técnicos, cientistas, empresários e políticos, além de jornalistas ligados ao setor econômico, farão exposições e conferências, cujos temas serão debatidos pelos participantes. Um dos expositores será Wolfgang Gluschke, que estará representando as Nações Unidas e falará sobre o tema *Política Mineral para Países em Desenvolvimento*.

A solenidade de abertura do Fórum de Debates será presidida pelo governador Tarcísio Burity, que dirigirá mensagem em nome do Governo do Estado aos participantes do Curso, aproveitando ainda a oportunidade para fazer o lançamento do projeto de construção do Espaço Mineral de Campina Grande. O projeto faz parte do programa do Governo estadual para o setor de mineração.

Crispim retorna da Argentina

Retornou de Buenos Aires o presidente da PBTUR Luiz Augusto

Acusações a gricultores têm repúdio da Federação

Citando a lei 4.504, do Estatuto da Terra, que determina ser "a propriedade privada da terra destinada, intrinsecamente, a uma função social e seu uso é condicionado ao bem estar coletivo previsto na Constituição Federal", o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, sr. Álvaro Diniz, discordou ontem da nota oficial divulgada pela Associação dos Produtores Rurais, que acusa o presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Salgado de São Felix de subversivo e os agricultores da Fazenda Riacho dos Currais de agitadores.

O sr. Álvaro Diniz declarou que o presidente da Associação dos Produtores Rurais, Heráclito Veloso Borges, confundiu o trabalho do presidente do STR de Salgado, Severino Rodrigues, considerando subversivo o fato dele defender os direitos dos trabalhadores, outorgados pela própria lei.

Na sua opinião, a nota oficial assinada pelo sr. Heráclito Veloso é contraditória pois "ele afirma que os trabalhadores ficaram na área mas não a utilizam na agricultura e, no item seguinte, informa que a propriedade possui 550 hectares, com a metade ocupada pela lavoura".

Crispim, onde participou de um Seminário de Turismo Internacional, apresentando o Nordeste, divulgando a potencialidade da região aos empresários e hoteleiros argentinos, que mostraram-se interessados em investir recursos na implantação de convênios turísticos.

Crispim disse que o principal objetivo da viagem foi despertar os órgãos e empresas argentinas para a grande potencialidade da região nordestina, já que, hoje, o Turismo representa o 3º maior negócio do mundo, perdendo apenas para o comércio do petróleo e o de vendas de armas. Por isso define a sua participação no seminário com "um negócio turístico", com bons resultados.

Disse que ano passado o turismo rendeu recursos na ordem de 400 milhões de dólares, gastos por argentinos no Brasil e que ficaram concentrados na região sul, distribuídos entre os Estados de Santa Catarina, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Segundo Crispim é necessário que se canalize esses recursos para uma região carente e que possui um grande potencial, ressaltando que os investimentos governamentais serão quase nulos.

QUEBRA DE PROTOCOLO

Explicou que contatos foram mantidos com empresas aéreas e terrestre como a Cruzeiro do Sul, Aerolíneas (Argentina) Pluna e hoteleiros argentinos que participaram do Seminário. Disse que na organização de Seminário excluíram a delegação nordestina presidida por ele como presidente da CTIN (Companhia de Turismo Internacional do Nordeste), e que foi necessário quebrar o protocolo para poder apresentar os projetos turísticos da região. Pois, mais uma vez o Sul concentrou todas as atenções e preencheu a palta.

Luiz Augusto Crispim adiantou que resultados do Seminário já começam a chegar através de cartas que revelam interesse de explorar o potencial turístico da região nordestina. E revelou uma carta recebida da maior agência turística da Argentina, responsável pelo ingresso de milhares de turistas no Brasil, a Luge e Associados.

Quase cem senhoras da sociedade campinense participam do Curso *Socila de Atualização da Mulher*, aberto segunda-feira última e devendo prosseguir até sexta-feira no Clube Médico Campestre. A abertura foi feita pela sra. Glauce Burity, que apresentou a coordenadora Maria Augusta. A pauta do curso inclui maquiagem, vestuário e etiqueta. A promoção, que conta com o apoio da sra. Virgínia Ribeiro, tem fins filantrópicos. Dona Glauce Burity também estará presente ao encerramento.

Burity receberá comenda

Outorgado pela União Nacional dos Vereadores do Brasil, o governador Tarcísio Burity receberá na próxima segunda-feira, em Minas Gerais, a comenda da Ordem dos Democratas Milton Campos, numa solenidade que culminará com o encerramento do XVII Congresso Nacional de Vereadores e Prefeitos que está sendo realizado em Belo Horizonte.

Para participar dessa homenagem, o governador Tarcísio Burity viajará a Belo Horizonte, no próximo domingo, acompanhado de uma comitiva paraibana. A Casa Civil do Governo do Estado recebeu o comunicado através do vereador Paulo César Stocklos Portugal, presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte. A solenidade ocorrerá, às 20 h, no Palácio dos Despachos daquele Estado, e contará com a presença de inúmeras autoridades representativas do Norte e Nordeste.

Exposição é aberta em Guarabira

Começa amanhã em Guarabira a V Exposição-Feira Agropecuária, devendo prosseguir até o próximo domingo, numa promoção do Governo do Estado, através da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, com o apoio da Prefeitura local, estabelecimentos de crédito da área, criadores e expositores, além de técnicos da SAA e Emater.

Estarão à disposição dos expositores postos de financiamento para a aquisição de animais através dos bancos do Brasil, Estado e Nordeste, esperando-se uma movimentação de recursos em torno dos 50 milhões de cruzeiros.

Carca de oitenta currais já foram selecionados pelos expositores e foi grande a procura de inscrições. A entrega dos animais poderá ser feita até ao meio dia de amanhã, obedecendo-se a exigência de certificados de vacinação contra febre aftosa e soro aglutinação (brucelose), dentro da validade.

O grupo terrorista auto-denominado Falange Patriótica ameaçou a Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba, AdufPb-JP, através de carta na qual faz conceituações a respeito da redemocratização e anuncia para breve atentados contra a entidade e seus filiados.

A carta chegou ontem pelo Correio e foi depositada numa caixa coletora em Campina Grande, no último dia 4. A Aduf comunicou o fato à Reitoria, que prometeu reivindicar providências junto às autoridades competentes. A Associação dos Docentes distribuiu com a imprensa uma nota dirigida à população, em repúdio aos atos terroristas, e uma xerox da carta enviada pela Falange Patriótica.

FALANGE

Na íntegra, eis a carta do grupo terrorista:

A Falange Patriótica - O partido da civilização brasileira, fundado por militantes nacionalistas em 27 de fevereiro de 1962 - protesta contra a legislação eleitoral totalitária, que transforma a legalidade partidária em privilégio dos grupos de políticos profissionais e do movimento comunista internacional.

Querem que o povo escolha entre a miséria atual e o falso paraíso marxista. De que adianta votar em partidos iguais com rótulos diferentes? As multinacionais, o capitalismo selvagem da direita reacionária, a corrupção, a burocracia e a demagogia agravarão todos os problemas nacionais e a médio prazo não haverá repressão capaz de impedir o triunfo comunista. Oferecemos ao povo a opção do nacionalismo da direita popular - o único antídoto contra o veneno marxista.

Lutamos por um Brasil brasileiro para os brasileiros - pela nacionalização do capital estrangeiro e pela libertação da Pátria da dependência externa. Lutamos pela cultura nacional, pela preservação da natureza, pela reforma agrária, urbana e educacional e pela gratuidade da medicina e da educação. Lutamos por uma Nova Ordem fundamentada no fortalecimento físico, moral e cultural do povo, no império da lei, na verdadeira democracia, na igualdade de oportunidades, na liberdade responsável e na justiça social.

O Estado Nacional planificará o desenvolvimento econômico e deterá o monopólio do comércio exterior, dos bancos, do seguro, da mineração, da energia, dos transportes, das comunicações e da indústria pesada, preservando a iniciativa privada nos demais setores.

A Falange Patriótica, ao contrário dos partidos eleitorais, é uma escola democrática, apoiando sua política nas deliberações das bases, aprovadas após amplos debates, e elegendo seus dirigentes através do voto direto. Conclamamos todos os nacionalistas a ingressar em nosso partido para lutar conosco pelo seu fortalecimento e legalização. Participando de eleições realmente democráticas, armado com a nossa doutrina e mística, o povo unido derrotará os seus inimigos solucionará os seus problemas e construirá a civilização brasileira.

Já estamos na Paraíba - Atentados contra vocês em BREVE

ADUFPB

Eis a nota da Associação dos Docentes à população:

Após o telefonema anônimo em 02.9.80 comunicando a EXISTÊNCIA DE UMA BOMBA em suas dependências, a ADUFPB-JP recebeu ontem pelo correio uma carta contendo novas ameaças do grupo fascista autodenominado Falange Patriótica.

A exemplo da "Nota à População" distribuída no dia 02/9/80, a ADUFPB-JP reitera que tais atos terroristas, como os que vem ocorrendo em todo o país, visam intimidar a todos os setores que se empenham nas lutas pela democratização da sociedade em todos os níveis.

A ADUFPB-JP vem mais uma vez reiterar seus firmes propósitos de continuar defendendo intransigentemente a comunidade acadêmica em suas lutas pela democratização da Universidade e por melhores condições de trabalho e de ensino.

Ao solidarizar-se com as demais entidades e com todas as vítimas da onda de violência e terrorismo que atinge o país, a ADUFPB-JP une-se aos anseios de toda a Nação no sentido de exigir que as autoridades constituídas apurem imediatamente a responsabilidade de tais atos.

No sentido de denunciar à sociedade civil atos terroristas dessa natureza, a ADUFPB-JP está divulgando o mais amplamente possível cópias da carta recebida.

Ferreira assume a superintendência da Polícia Civil

Tomou posse ontem, na Superintendência de Polícia de Campina Grande, o sr. João Ferreira de Farias, major reformado do Exército, em substituição ao sr. Ermirio Leite Filho, que renunciou ao cargo na semana passada. A posse do novo Superintendente foi presidida pelo secretário Geraldo Navarro, da Segurança Pública do Estado.

Durante o seu discurso, o coronel Geraldo Navarro incitou o novo Superintendente "a ser incomplacente com o crime e piedoso com os criminosos". Momentos depois, o Secretário concedeu entrevista coletiva, anunciando que em breve serão criadas na Paraíba 16 Delegacias Distrital, sendo 4 em João Pessoa, 4 em Campina Grande, 2 em Guarabira, 2 em Sousa, 2 em Patos e 2 em Cajazeiras.

Navarro também informou que já está em elaboração o anti-projeto instituindo o sistema de Polícia de Carreira na Paraíba, para delegados e investigadores, a ser implantado nos grandes centros do Estado. Os candidatos à Polícia de Carreira terão que frequentar, durante determinado período, curso na Academia de Polícia, para o qual terão que fazer curso de admissão. Os atuais investigadores entram na Academia sem necessidade de prestar exame de admissão.

A posse dos quatro novos Delegados de Campina Grande será efetuada na próxima semana, conforme informou o Secretário.

Neumanne e a
crise dos
jornais e dos
jornalistas

Página 8

Haverá um
novo homem e
um novo
jornalista?

Página 3

O jovem não
lê jornais
porque não
tem espaço

Página 8

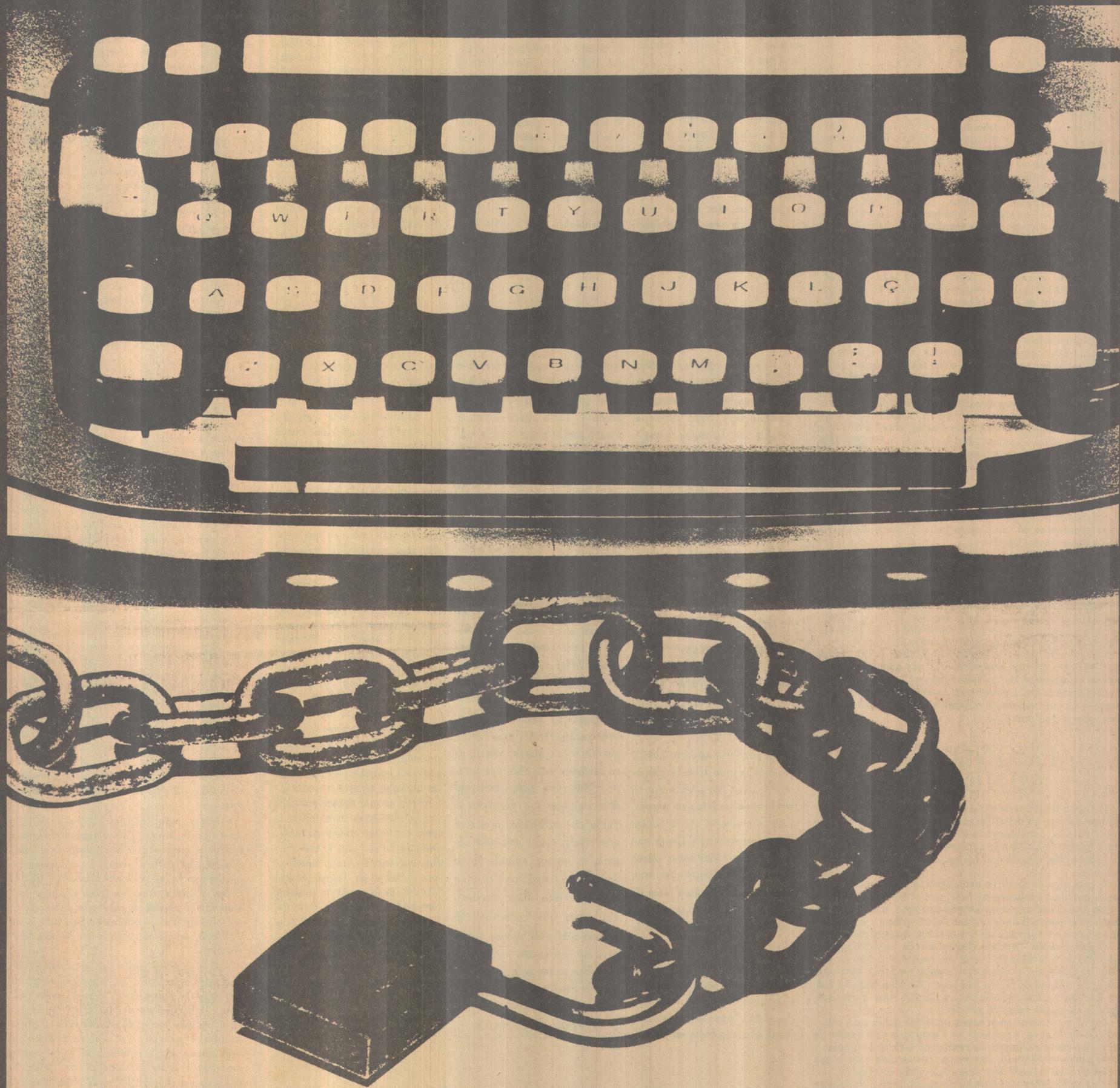
Fauvet: não
há morte de
um meio quando
o outro nasce

Página 6

AV
ESPECIAL

Quarta-feira, 10 de setembro de 1980

10 DE SETEMBRO · DIA DA IMPRENSA



**« Não compreendo democracia sem
imprensa livre e independente, que informe
corretamente a opinião pública. »**

Tarcísio Burity
Governador



A UNIÃO
 DIÁRIO CAPITAL GUARABARA DE FEVEREIRO DE 1961
A UNIÃO
 Fundado por Alvaro Machado

Não compreendo Democracia sem imprensa livre e independente, que informe corretamente a opinião pública.

Tarcísio Burity

O ESTADO E A SECA

O decreto-lei nº 200, que estabeleceu diretrizes para a reforma administrativa, atribuiu ao Ministério do Interior a assistência às populações atingidas pelas calamidades públicas. E posteriormente, através do decreto-lei nº 950, o governo federal instituiu o FUNCAP, Fundo Especial para Calamidades Públicas.

Para articular os esforços do Ministério do Interior com os demais Ministérios e com entidades públicas e privadas nesse campo, foi criado um Grupo Especial para Assuntos de Calamidades Públicas - GEACAP, ao mesmo tempo em que, no Nordeste, os Estados, com o apoio da legislação federal e a assistência técnica da SUDENE, criaram suas Comissões de Defesa Civil, no caso da Paraíba, a CODECIPA, órgão integrado à estrutura básica da Secretaria dos Transportes, Comunicações e Obras, encarregada de planejar, coordenar e supervisionar todas as medidas de prevenção, socorro e reparação, no território do Estado, em matéria de calamidade pública.

Na atual situação de seca, houve uma mudança de política com a transferência, para o próprio setor privado, de ações anteriormente desenvolvidas a nível de organismos governamentais. Ações desenvolvidas nas propriedades rurais, através dos proprietários e dos trabalhadores nelas residentes. Com isso, foram deslocados da CODECIPA para a Secretaria da Agricultura, através da EMATER, o acompanhamento, a coordenação e a fiscalização dessas ações a nível de propriedades rurais. A SUDENE atua em três setores básicos: abastecimento d'água, obras públicas e programas a nível de propriedades rurais. A CODECIPA está vinculada aos dois primeiros setores, cabendo à Secretaria da Agricultura e à EMATER colaborar com a SUDENE quanto ao terceiro.

A ação do Estado, como se vê, é meramente supletiva, de colaboração com o Ministério do Interior e a SUDENE, pois o Estado não dispõe de recursos próprios com que enfrentar problemas de tanta envergadura, como a calamidade da seca generalizada.

No que depende de suas possibilidades, porém, o Estado não tem regateado esforços para dar o máximo de colaboração possível, arcando, inclusive, a despeito da crise financeira que atravessa, com parte das responsabilidades financeiras da assistência às vítimas da calamidade, numa demonstração de que o governador Tarcísio Burity, sensível ao drama das populações assoladas, não mede sacrifícios para ajudá-las na luta contra o flagelo.

Não se pode, por isso, atribuir ao Estado ou ao governador Tarcísio Burity, omissões e falhas que ocorram a nível de organismos do governo federal, mesmo porque ninguém mais do que o governante paraibano tem sido tão veemente na formulação de críticas e sugestões que contribuem para a sua correção.

ECONOMIA MINERAL

O Curso Internacional de Economia Mineral Aplicada, a ser aberto, hoje, no Hotel Tambaú, é dos mais importantes para o Estado, considerando que a Paraíba dispõe de recursos minerais ainda não explorados na sua totalidade, o que poderá representar o curso para novos estudos e investimentos.

A presença de técnicos estrangeiros no trabalho, dará uma importância especial ao fato, sobretudo quando o curso vem de ser sediado num Estado pequeno, mas que pode ter grandes possibilidades com o futuro, dado a seriedade com o Governo enfrenta as áreas de pesquisas minerais.

O governador Tarcísio Burity dirá da importância de pesquisas de minérios no Nordeste, especialmente, na Paraíba, objetivando o desenvolvimento regional que vem marcando passos positivos em busca de uma posição que será das mais alvissareiras para o Estado com o aproveitamento da nossa reserva mineral.

De há muito que se procura ouro nos limites da serra do Vale do Piancó, enquanto se anuncia a existência de chelita e outros minerais na região de Catolé do Rocha e outras partes do Estado, o que tem despertado o interesse do Governo no campo das pesquisas mais profundas.

Um outro fator importante do curso, será o Fórum de Debates, com a participação de técnicos e autoridades ligadas à problemática da economia mineral, com uma conferência sobre o tema - Política Mineral para os Países em Desenvolvimento, quando serão analisados vários aspectos.

Serão, também, vistos e analisados os estudos e trabalhos sobre mineração em todo o Nordeste, quando a Paraíba se fará presente pela experiência já existente através dos projetos de economia mineral e as pesquisas que foram levantadas para o estudo das diversas regiões.

É possível, inclusive, que ao final desse curso, a Paraíba saia fortalecida para novos investimentos e novas pesquisas através do CDRM e venha a dispor de situação privilegiada num futuro não muito distante, tal a fé do Governo do Estado na área de mineração da Paraíba.

O Contra-senso

Ao anunciar na televisão o desembarque do feijão-preto importado da Argentina, no Rio, o ministro da Agricultura, Amauri Stábile, disse que o produto seria vendido a preço baixo e destinado à população mais carente do país.

A notícia alvissareira me fez gritar para a família:

- Tai, pessoal, quem disse que a gente não ia comer mais feijão se enganou. O governo acaba de receber o "preto que satisfaz" e vai enviar todinho aqui pra gente.

A empregada, mais que depressa, correu pra cozinha e tomando a lata maior do estojo de mantimento, quis arremessar todo o conteúdo de soja no lixo.

- Não, Odete, ainda não!

- Mas a senhora não disse que o presidente vai mandar feijão pra gente?

- Vai mandar, Odete!

- E quando ele vai mandar?

- Ah, isso só Deus sabe!

A julgar pelo que nos consta em cifras do IBGE e Institutos

afins o Nordeste é tido como uma das regiões mais pobres dessa "Pátria amada, idolatrada". A julgar ainda por tudo quanto li e ouvi desde criança acerca do desenvolvimento do Sul do país em relação ao Nordeste, tinha comigo que nós nordestinos éramos realmente muito pobres.

Mero engano, meus senhores.

Aqui tem muita gente escondendo o leite. O feijão custa 70 cruzeiros e todo mundo compra; temos o pão (massa branca) mais caro do Estado e ninguém reclama. O leite sumiu e quando aparece é vendido às escondidas só pra se pagar mais caro; somos a segunda cidade do Brasil em número de veículos por habitantes. Quer dizer, gastamos gasolina adocicado e pra nós a Sunab pode tabelar como quiser os produtos.

Ninguém teve a preocupação

Wilma Wanda

Aprendendo com a criação

Já estão no mercado aviões comerciais com uma curvatura de asa modelada segundo a de uma ave. Uma firma de produtos de borracha experimenta uma pele artificial, aerodinâmica, para barcos, copiada de mamíferos marinhos. Um novo indicador de velocidades para aviões foi projetado segundo o olho de um besouro. Uma câmera de TV simula o mecanismo do olho do limulo. Em 1979, pela primeira vez, foi feita uma transfusão usando-se sangue artificial.

Não há dúvida de que o homem moderno, mais do que nunca, procura aprender da natureza e, inconscientemente, aceita o convite feito pelo patriarca Jó há quase 4.000 anos: "Mas, pergunta agora às alimárias, e cada uma delas te ensinará; e às aves dos céus, e elas te farão saber; ou fala com a terra, e ela te ensinará; até os peixes do mar te contarão. Quem não entende por todas estas coisas que a mão do Senhor fez isto, que está na sua mão a alma de tudo quanto vive, e o espírito de toda carne humana?" (Jó, 12: 7-10).

A sabedoria divina está evidente em toda parte e os homens a reconhecem, quer queiram, quer não. Tanto as patas dianteiras como as traseiras do ele-

fante dobram-se para a frente, e nenhum outro animal possui essa particularidade. Deus dotou-o dessa característica para facilitar a um animal tão pesado levantar-se com facilidade, o que não seria possível de outra maneira. Os cavalos, para se erguerem, usam as patas dianteiras, e as vacas as traseiras. Em tudo revela-se a sabedoria do Criador.

Outras maravilhas do reino animal: o guaxe, ave da América Central, possui um meio de proteger seus filhos que até mesmo o mais inteligente homem reputaria ser um teste de sua capacidade cerebral. "Os gatos-do-mato, os lagartos-gigantes e os guaxinins poderiam todos, com facilidade, dar uma batida nos ninhos do guaxe, mesmo os construídos bem alto, nas árvores. Mas, tais aves frustram seus inimigos por conseguir a ajuda de um aliado, mas sem convidá-lo: constroem uma colônia de ninhos, amiúde 50 ou mais, num único ramo de uma grande árvore, mas escolhem um ramo que contenha um grande ninho de vespas tropicais. As vespas não parecem ficar aborrecidas com os ninhos, ou pela atividade das aves, mas

Abraão de Almeida

Inverno previsto

Pesquisas recentes indicam que o Nordeste não viverá os cinco anos de seca como fora previsto pelo Centro de Estudos e Pesquisas de São Paulo o ano passado, o que veio a provocar um estado de expectativa generalizado em toda a região, sobretudo quando se vivia um ano de seca que seria o primeiro.

As pesquisas recentes divulgadas pela imprensa vêm desfazer aquele estado de alerta em que ficaram todos os Estados do Nordeste e servem como um lenitivo para quantos vivem da agricultura, têm sua maior esperança nas precipitações pluviométricas, o que garante plantio de culturas regionais.

A serem verdadeiras as notícias auspiciosas que foram transmitidas, e a funcionar o programa de construção de açu-

des e pequenos poços nos diversos municípios atingidos pela estiagem, é de se prever que o resultado será dos mais positivos.

E o resultado será dos mais positivos, tanto pelas chuvas que são esperadas, como pelo que vem sendo feito na construção de açudes pequenos e poços que irão acumular as águas necessárias à sobrevivência dos que dependem de água para atingir sua missão numa região castigada pela seca, secularmente.

Acreditamos, ainda, que além das medidas hoje adotadas, outras serão tomadas pelo Governo regional, pela SUDENE e pelos próprios agricultores,

Benedito Mala

ção de pedir ao Ministro um puco do feijão argentino pro Nordeste. Cadê a reclamação sobre o preço do macassar? Região carente? Se é pobre não consta no mapa de Mário Andrezza.

Sem essa de mandar feijão-preto a 25 cruzeiros o quilo porque a gente não compra não. A não ser que passem a cobrar 60 cruzeiros por quilo.

E eu fico me perguntando onde diabo essa gente vai buscar dinheiro pra gastar pois em casa é soja na mesa e tickets no bolso para o ônibus, isso se quiser ver, à noite, no preto e branco, as filas do feijão nos supermercados do Rio.

Só quero ver mesmo a cara do presidente do IBGE, Jessé Montello, quando concluído o Censo-80 ele constatar que aqui, ao contrário do que se diz, é um Nordeste Maravilha e tudo não passou de um contra-senso. (Doações para mim aos cuidados deste jornal).

ai do intruso que alcançar esses ninhos!" (Última Hora, Rio, 4/1/79).

Finalmente, este interessante exemplo: o pequeno peixe antilhano, tipo *trahoto*, gosta de alimentar-se de migalhas que flutuam na superfície da água, mas tem de vigiar, tanto a superfície como abaixo desta, alerta aos inimigos. Isso seria impossível, não fosse os olhos bifoais que possui! Por meio de duas pupilas, esse peixe pode ver acima da água, através do foco superior das lentes, e, sob a água, pelo foco inferior. Por este meio, ajusta-se ao fato de que a luz viaja a velocidades diferentes no ar e na água. E para manter sempre úmidas as pupilas superiores, de vez em quando ele mergulha a cabeça.

São abundantes, em todo o reino animal, as provas de que o homem ainda tem muito que aprender da criação. Morcegos e golfinhos orientam-se por meio de vibrações de alta frequência, e foi no estudo destes animais que os cientistas inventaram o sonar e o radar. Diante de tanta ordem e beleza nas coisas criadas, um teólogo assim parafrazeou o texto de Isaías, 44:24: "Ontem, hoje e sempre, eu sou e permaneço o criador; é sobre mim que descansa o equilíbrio do mundo e a firmeza do Universo".

"Ontem, hoje e sempre, eu sou e permaneço o criador; é sobre mim que descansa o equilíbrio do mundo e a firmeza do Universo".

para que o ano de 1981, sendo de inverno normal possa oferecer condições que recuperem os prejuízos vividos durante 1979 e 1980.

Urge no entanto, que algumas medidas acauteladoras sejam tomadas, para que as águas a cairem no ano vindouro possam ser aproveitadas na sua totalidade, pois só assim, será possível, o reaproveitamento de áreas danificadas e os trabalhadores rurais terão a certeza do êxito dos próximos invernos.

É possível até, que a política de financiamento dos bancos venha a melhorar um pouco, considerando a necessidade extrema de financiamento para a maioria das culturas que são exploradas em nossa região, o que garante bons negócios em favor dos que trabalham e do resto da população regional.

Tarcísio Holanda

Ainda vem mais

Brasília - A conferência que o general Golbery do Couto e Silva pronunciou, há cerca de dois meses, na Escola Superior de Guerra - publicada, por coincidência, com exclusividade, pela revista *Veja* - constituiu um roteiro seguro para quem deseja compreender o que pretende o governo com o projeto de abertura política e quais as razões que o justificam. O ministro-chefe do Gabinete Civil afirma, com toda a clareza, que a abertura, a começar pela quebra do bi-partidarismo, tem o objetivo de quebrar o monolítico bipartidarismo, e evitar que crescesse um movimento de oposição que terminaria com a derrubada do governo e do sistema.

Ainda que se possa afirmar que o principal objetivo do governo, que era a atomização das oposições, não tenha sido atingido, a verdade é que a estratégia conseguiu criar uma imensa gama de complicadores no lado da oposição. Com a reorganização dos partidos, o governo fomentou a discórdia latente entre as correntes oposicionistas, confundindo o seu adversário, ainda que a custo de algumas perdas não tanto significativas. Tanto que manteve na Câmara uma maioria de 222 deputados, que funcionou muito bem na aprovação da emenda Anísio de Souza.

X.X.X.X

O governo prossegue em seu projeto, cujo objetivo principal é manter o poder nas mesmas mãos que o detém desde 1964, com uma natural mudança de homens. O líder da maioria na Câmara dos Deputados, sr. Nelson Marchezan, já anuncia a simpatia do sistema com o distrito, o voto majoritário, pelo qual o governo eliminará a transferência de votos dentro da legenda, que beneficia, principalmente, os partidos da oposição. Como já verificou que o voto distrital suscita reações dentro do Congresso, o governo examina a hipótese de um meio-termo, o distrito, através do qual chegaria ao voto majoritário e voto proporcional.

X.X.X.X

Como o eleitorado das grandes cidades, a começar pelas capitais, se incline fortemente em favor da oposição, o governo conseguiria reduzir significativamente esse potencial de fogo impedindo a transferência de voto dentro das legendas. Assim, se o sr. Miro Teixeira repetir sua façanha de 550 mil votos, não ajudaria a eleger alguns outros de seus companheiros, como o sr. Brizola, que, candidato no Rio de Janeiro, poderá ter até meio milhão de votos e não elegerá ninguém além dele próprio.

O deputado Joaquim Coutinho, do PDS de Pernambuco, já foi estimulado pela sua liderança a apresentar a proposta de emenda constitucional introduzindo o voto majoritário, no que já se convencionou chamar de distrito. É uma emenda que poderá contar com o apoio não apenas do governo e de seu partido, mas de parlamentares de partidos oposicionistas, ao que acredita o sr. Nelson Marchezan.

O que parece claro é que o Palácio do Planalto não desistiu de estabelecer o voto distrital, disposto a negociar a fórmula com os políticos. Como as reações contrárias ainda são significativas dentro do próprio PDS, o governo admite opções táticas, como a do distrito, sem desistir daquele objetivo. O que se tem em mira é conservar o poder nas mãos dos que o detêm com o mínimo de consentimento popular.

X.X.X.X

Para isso, terão que ser efetuadas as alterações que foram consideradas necessárias na legislação eleitoral. E é claro que essas modificações visam a beneficiar as condições eleitorais do partido do governo e prejudicar os seus adversários da oposição. A adoção do voto voluntário, objeto de um projeto do deputado Hebert Levy, é outra possibilidade.

Se o voto deixar de ser obrigatório, o governo é quem lucra. O seu eleitorado está no interior e é um eleitorado que os chefes políticos se encarregam de levar às urnas, o eleitorado da oposição, pelo contrário, está nos grandes centros urbanos, é um eleitorado independente, se o voto não for obrigatório, preferirá a comodidade da abstenção.

Enfim, o roteiro que o general Golbery deu na ESG ainda conhecerá novas etapas, para desespero dos oposicionistas. Com a votação da emenda Anísio de Souza, o PDS reafirmou a sua linha de fidelidade, em nada diferente da velha e sofrida Arena.

A UNIÃO • Diretor Presidente: Nathanael Alves • Diretor Técnico: Gonzaga Rodrigues • Diretor Administrativo: Eulânio Campos de Araújo • Diretor Comercial: Francisco Figueiredo • Editor: Agnaldo Almeida • Secretário: Arlindo Almeida • Chefe de Reportagem: Lena Guimarães • Redação: Rua João Amorim, 384 Fones: 221.1463 e 221.2277. • Administração e Oficinas: Distrito Industrial, Km 03 - BR-101. Fone: 221.1220. Caixa Postal 321 - Telex 832295 • SUCURSAIS: Campina Grande - Rua Maciel Pinheiro, 320. Ed. Jabre - Fone: 321.3786 - Cajazeiras - Rua Pe. José Tomás, 19 - Fone: 631.1674 - Patos - Travessa Salom de Lucena, S/N - Fone: 421.2268 - Guarabira - Praça João Pessoa, 77 - Fone: 478 - Sousa - Rua André Avelino - nº 25 - Fone: 621.1219 - Itaporanga - Rua Getúlio Vargas, S/N - Fone: 325 - Catolé do Rocha - Rua Manuel Pedro, 574.

ENTRE A TECNOLOGIA & A PAIXÃO

surgirá o novo jornalista?

Walter Galvão

dos alunos do curso de Comunicação Social da UFPB

O JORNALISTA é um ser terminal. A trajetória do jornal desde o primeiro a circular em 1566, para atender explicitamente às necessidades dos comerciantes de Veneza, é regada pela emoção de descobrir o novo, de informar, de contradizer os caminhos que a sociedade trilhou nesses últimos séculos.

A organização social, como definiu Freud, se embalo sob a Força, e assim, hoje, a aventura do jornalista, de questionar valores, de garimpar o moderno em contato íntimo com a fonte de transformação, está reduzida a uma luta no mercado de trabalho estagnado e a uma frustração de não ser o instrumento da Verdade como assim se convencionou a contribuição dos que participaram, de alguma forma, na transformação do homem em um animal político consciente da sua própria liberdade para definir sua posição ante os valores estratificados da conformação social.

Haverá a um novo jornalismo ou um novo jornalista? A dúvida está em conexão com a indagação: haverá um novo homem? O *homo faber* está com suas forças exauridas pois o que se convencionou, no mundo ocidental, como a linguagem ideal para o desenvolvimento, o Capitalismo, reduziu numa camisa de força, passaporte para a escravidão e a involução. O jornalismo no Brasil, hoje, sofre de um "imbroglio" histórico mais grave do que ocorre em outras regiões como nos Estados Unidos principalmente porque não tem instrumentos críticos para avaliar sua colocação ante a sociedade. É claro que há profissionais que exercitam a crítica do jornalismo mas em nosso país ela não é frutífera principalmente porque é uma função dependente de modelos exteriores e profundamente dominada pela oscilação de um sistema econômico alienígena.

Poderíamos discutir o jornalismo limitando-o ao universo das redações e às suas contradições formais? Certamente que não se levarmos em consideração que os homens que fazem a imprensa trazem, ao sentarem pela primeira vez diante de uma máquina para produzir uma tarefa essencialmente jornalística, a vivência de um universo cultural que moldou a sua consciência impondo-lhe um método de atuação dentro do engenho da comunicação.

O jornalismo no Brasil não tem instrumentos para avaliações

Claro que essa é a uma das diferentes linhas que poderemos conduzir a discussão quando perguntamos se haverá um novo jornalista. Talvez ele já exista trabalhando aqui ao meu lado na redação de "O Norte". Talvez o novo jornalista seja o colega angustiado com a possibilidade da perda do emprego. Talvez o novo jornalista seja o saído da universidade acreditando que assumirá logo o seu cargo de Chefe de Redação intimamente ligado com o partido de vanguarda que promoverá a reformulação do mundo com dois ou três editoriais mais inflamados e carregados pelas verdades históricas que comandam a emancipação intelectual da nossa civilização, esse liquidificador de emoções e raras dispares.

Pelas esquinas, identifico uma discussão que pode ser transferida para o âmbito da nossa. Os apaixonados pelo futebol perguntam se Zico poderia ser o novo "Pelé". Haverá um Pelé branco? Ele seria Zico ou Pelé seria um signo do nosso futebol agora sepultado, engolfada a sua significação pela mediocridade que parece dominar todos os campos da atividade humana? Existirá "O Novo jogador"?

Novamente afirmo-o o jornalista é um ser terminal. Ele vive uma situação limite. O surgimento do jornal atendeu não à necessidade de estratificar um instrumento cultural mas como exacerbamento dos valores comerciais. Se a linguagem do comércio hoje é esmagadora, obviamente o jornalista de agora, que herdou uma tradição libertária da atividade jornalística européia, principalmente, sofre com o colapso que as estruturas que garantem o desenvolvimento econômico do modelo político que o sustenta e tende a se extinguir.

"Já não quero dicionários/consultados em vão/Quero só a palavra que nunca estará neles". O poeta Carlos Drummond de Andrade reflete nesses versos do seu poema "A Palavra" a alma do jornalismo: a exigência do novo. Não me refiro aqui à necessidade da notícia, o feijão lógico da atividade, o alimento quente que move a impressora, que divulga idéias, que produz novas posições, que acalenta egolismos e que recheia os bolsos dos empresários que dominam a empresa jornalística.

Mas o posicionamento filosófico revolucionário que o jornalista adquire no seu relacionamento com a fonte dos fatos - ou que pelo menos deve adquirir. A exigência

do esclarecimento faz parte da função orgânica do corpo de um jornalista. As suas aspirações estão ligadas à verdade e no nosso país não se pratica a verdade como condição indispensável a um bom relacionamento entre as forças sociais.

A posição que o jornalista deve assumir hoje dentro das redações é a de um ecologista pois é uma espécie em extinção pelo menos nesse ciclo atual do capitalismo que expressa a sua vontade esmagadora de garantir o controle da informação para assegurar a sua manutenção, já que alguns poucos são profundamente beneficiados com a concentração de rendas.

Quem será novo? o jornalismo, o jornalista, ou o homem?

A história da imprensa no Brasil está marcada pelo atraso. Demorou aproximadamente 300 anos para que o nosso país iniciasse a publicação de um periódico desde o aparecimento do primeiro na Europa. E mesmo o primeiro jornal foi tatuação do símbolo bolorento do oficialismo. As primeiras redações foram impetadas pelos nobres medrosos que fugiram, com D. João VI, da sanha conquistadora de Napoleão. Porque esses atrasos? Portugal sempre teve a certeza que a imprensa serviria para a emancipação da colônia milionária que sustentava a ostentação de suas damas acatinadas.

A colonização brasileira foi feita de forma grotesca e radicalmente distanciada de qualquer postura crítica. Darcy Ribeiro repete sempre, em conferências e artigos por todo o país, que a colonização dos Estados Unidos foi iniciada com anos depois da nossa e estamos hoje com quase isso de atraso em relação ao paraíso da Coca-Cola.

Isso tem alguma coisa a ver com a crise que a imprensa brasileira atravessa hoje? Acredito que sim. Pouco mudamos nesses últimos 400 anos. Somos ainda uma colônia dependente de um senhor que agora fala inglês e nos cobra uma dívida de mais de 30 milhões de dólares. No caso dos jornais, aqui em João Pessoa a única coisa nacional que produz as notícias que o público saboreia todas as manhãs são os jornalistas mesmos. O resto vem de fora e o preço do papel está emagrecendo as edições e talvez com esse encolhimento dos cadernos comecemos a pensar em jornalismo do terceiro mundo, abolindo as formas estratificadas de escrever, a técnica pasteurizada do norte-americano que nos foi e está sendo imposta através da perpetuação da dominação econômica e cultural. Quanto mais estreitamos nossos laços com a poderosa e esmagadora rede de dominação das grandes potências mais nos afastamos da possibilidade de resolvermos nossos próprios problemas.

A imprensa brasileira e a de João Pessoa não tem liberdade de expressão. Por que isso? Primeiro porque os jornais são do Governo ou representam os interesses de grupos econômicos, o que dá na mesma coisa. Depois, há outro fato. Aqui na Paraíba a falta de liberdade é maior porque os jornais não têm leitores. "O Norte" "circula" com sete mil exemplares e podemos calcular que quinze mil pessoas diariamente procurem em suas páginas alguma coisa que lhes sirva. Isso é um número reduzido de leitores se levarmos em consideração o que a televisão em cada caso e os rápidos toques que dá em cada assunto considerado pela sua direção como importante.

Os jornais de João Pessoa não têm mais leitores também porque não oferecem mais exemplares e não podem isso porque os custos são altos e a maior parte da população não pode negar Cr\$ 20 por um jornal. Houve então uma inversão de valores: o anúncio em detrimento da notícia. O anunciante hoje é visto como a salvação do jornal porque ele não vende bem. Virou, então, um veículo de propaganda comercial e não cultural e/ou ideológico.

A trajetória do jornal é regada pela emoção de encarar o novo

Encaramos o jornalismo, então, como uma função de suporte à venda de produtos, a massificação de uma imagem determinada de governante a ou b, a desertificação da criatividade e do questionamento da função do homem na sociedade. Há outro choque que permeia a imprensa hoje: o do aluno

de comunicação que enfrentará a profissão com uma visão estabelecida nos bancos da escola, totalmente diferenciada da verdadeira barra das redações. Não acredito ser coerente a crítica que se faz ao jornalista que sai da Universidade porque a especialização é necessária para que se crie um método de acomodação de uma categoria, definindo-a socialmente e depois pela necessidade do aprendizado técnico que possibilitará um profissional com conhecimento maior da tarefa que irá executar o que não ocorre com "os formados no batente", entre os quais me incluo. Conheço as minhas limitações.

Mas voltando ao comunicólogo: em João Pessoa, ele já sente que os jornais não lhe oferecerão nada porque o mercado de trabalho é estrangulado. Então, já há uma tendência, no curso da UFPB, de se preparar para trabalhar em televisão. Em rádio não. Há um preconceito que não se entende muito quando o campo poderia ser enriquecido com técnicos saídos da Universidade.

Acontece que não há televisão em João Pessoa e esse profissional terá que procurar outro mercado de trabalho, em outra cidade, criando problemas para a população profissional para onde ele se dirija. A alternativa então, será o emprego oficial, a atuação nos órgãos de comunicação social do Governo. Essa corrupção da função do jornalista tira a possibilidade de que ele se apresente como tal se transformando está em funcionário público.

Ser funcionário público, porém, difere de ser jornalista porque no Brasil os interesses do Governo são inteiramente diferentes dos interesses do Povo. O Governo atua como veículo de opressão e o jornal, pelo seu comprometimento com o fato, que só é gerado pela modificação dos interesses da maioria, contrariando-a ou não, deve assumir a liberdade das populações pois só elas asseguram a sua existência.

O jornalista novo terá que despir-se do tecnicismo

Há deformações substanciais em torno dessa colocação porque os sistemas dominantes da comunidade ocidental manipulam os dados, as informações de maneira a desvirtuarem os acontecimentos em que suas propostas são bombardeadas e muitas vezes os veículos de informação servem à alienação histórica do cidadão que acredita naquilo que lhe é imposto pela fonte de notícias que ele consome normalmente.

Haverá um novo jornalista? O jornalista de hoje, a maioria que se encontra na plenitude da criatividade, se acredita membro de uma carta especial que merece deferências também especiais. A tendência de modificação desse posicionamento é iminente principalmente porque a difusão da profissão, o modismo que a envolveu nas duas últimas décadas, proporcionou o surgimento de militantes mais adaptados à necessidade de se promover, com o jornalismo, a crítica do comportamento social baseado na continuidade de uma idéia política, de um sistema político qualquer que negasse a alteração de propostas.

O jornalista que se acredita um ser especial e não um trabalhador como qualquer outro que enfrenta, no Brasil, o mesmo aviltamento que os outros e sofre, se perde na sarabanda que o poder proporcional com as mordomias à sua disposição. Então, ocorre que o jornalista é amigo íntimo do deputado, que vem de uma casta geralmente, rural, feudal, acostumado ao subjugamento dos seus prepostos, apenas porque serve de instrumento dos ataques narcisistas desse parlamentar. Esse raciocínio é simplista mas ilustra objetivamente uma inversão de valores que é feita por certos profissionais que acreditam no jornalismo como um passaporte para um aboletamento junto aos donos do poder.

O estudante de comunicação, no entanto, preservará mais a sua individualidade profissional pois a ética que lhe é administrada na faculdade está impregnada dos valores da independência que o jornalista deve ter quando no exercício de sua função ou não, responsável que é pela transmissão, à posteridade, de um universo de acontecimentos que significarão o estágio de consciência de uma época.

Os grandes jornais incentivam indireta e diretamente a corrupção do seu empregado jornalista porque avilta o salário e se comporta empresarialmente de acordo com toda a indústria. Só que o produto final de sua linha de montagem não representa mais um artefato tecnológico descartável mas uma informação que significará, para muitos, a morte de esperanças ou a emancipação política e consequentemente uma modificação em toda uma escala de valores. Vale sempre lembrar que Nixon caiu por força de uma reportagem.

Vale lembrar, no entanto, que não foi a força do jornal que o derrubou mas sim a força do fato registrado. Descobri-lo, assim, cabe ao jornal; mas essa não é uma função especial mas a sua simples e única utilidade: desmascarar os engodos.

Vale dar uma rápida olhada na posição da empresa e o seu posicionamento diante daquilo que chamamos liberdade de imprensa. Normalmente, diversas matérias são censuradas não por forças policiais ou casuísticas do regime mas pelo beneplácito dos proprietários dos jornais que querem parecer dóceis aos olhos de quem aquela matéria afetaria mais diretamente.

Ora, com esse comportamento, o empresário é burro o suficiente para dar um golpe na credibilidade que o seu jornal poderia ter com mais aquela denúncia. A empresa jornalística, sob a ótica comercial, produz mais lucros quando oferece notícias mais "quentes" aos seus leitores. Esse cerceamento se repete com frequência e arma toda uma cadeia de contra-informações que setora da comunidade, comprometidos com a repressão e o falseamento de fatos, manipula em troca de uma "proteção" aos que, dentro do jornal, compactuam com essa postura desonesta.

A Rede Globo de comunicação é um sistema muito afeito ao esvaziamento dos fatos mais graves que enfrenta a nação. Quando da greve do ABC, em 79, os jornalistas, radialistas e teleoperadores divulgaram um manifesto que, entre outros pontos, afirmava o seguinte:

"Nós, jornalistas da Rede Globo de Televisão em São Paulo, manifestamos nosso inconformismo diante da maneira com que a direção da emissora vem divulgando o movimento grevista do ABC (...). Ao contrário de contribuir para o esclarecimento da opinião pública, nosso exaustivo esforço tem sido sabotado de tal modo que o que vai ao ar nada tem a ver com nosso trabalho, constantemente deturpado, cortado e manipulado pela empresa".

Esse, um episódio elucidativo do que ocorre em todo o território nacional. Aqui, o Governo do Estado, quando da greve dos professores estaduais, no ano passado, ordenou aos seus órgãos de comunicação que adotassem um comportamento semelhante, falseando as informações sobre o movimento.

Quando João Calmon acusava Carlos Lacerda de promover o imperialismo estrangeiro nos órgãos de imprensa brasileira, através dos acordos firmados entre o grupo Time-Life e a TV Globo ele fazia a defesa da sua usina de comunicação que, à época das primeiras acusações, já ameaçava falir. Faliu porque a liberdade não era a prata de lei utilizada na ornamentação das tendências imprimidas aos Diários Associados que apoiaram o golpe militar de 64, uma usurpação dos direitos populares.

Qual a saída para o nascimento do novo jornalista? O que não sofrerá na pele essas mazelas que a repressão burliava em seus quartos bolorentos? O golpe militar foi decisivo para esmagar o jornalismo como força crítica da sociedade. As redações foram invadidas por censores analfabetos, jornalistas foram torturados, mortos, "desaparecidos" e a verdade foi excluída das colunas.

Decrete-se a falência do jornal que não fala a verdade

O público foi perdendo a hábito de ler a análise dos problemas já que tinha a televisão para hipnotizar, com o seu brilho estelar, as ilusões dos angustiados pelo clima de insegurança e inflação. Se um jornal não pode falar a verdade, decrete-se a sua falência. Se o jornalismo brasileiro está minado pela corrupção e repressão urge uma nova ordem que resgate a dignidade do jornalismo comprometido com a isenção e a clareza.

Os alternativos contribuem com o que para o surgimento do novo jornalista? Há uma preocupação com a chamada imprensa nãica principalmente por conta da sua ferocidade e a fome de verdade que carrega em suas entranhas. O terrorismo de direita já credenciou junto aos setores de vanguarda da sociedade esses jornais como força fundamental para o exercício da crítica. Mas mesmo os alternativos sofrem um impasse: pode haver liberdade se o jornal não é dos jornalistas?

Geralmente os alternativos estão comprometidos com uma tendência política e assumem uma posição radical da defesa das suas propostas. Lógico que há uma união contra a ditadura, no caso, o surgimento dos alternativos nos anos 70 como *Em Tempo*, *Versus*, *O Trabalho*, entre outros, mas eles não articulam programas alternativo, como representantes das forças progressistas. Se resumem à crítica, o que função essencialmente jor-



nalística, mas negam o aprofundamento sociológico que a imprensa deve dar em seu posicionamento diante da História.

A imprensa de João Pessoa não tem liberdade de expressão

Talvez nessa ausência de um programa comum resida a discussão em torno de "patrulhas ideológicas". Paulo Francis, que se define um *niilista* e prefere se embriagar com o ar pestilento de Nova Iorque, escreveu há poucos dias, na "Folha de São Paulo" um artigo sobre livremente publicado no país, "Patrulhas Ideológicas", Marca Registrada" (acho que é esse o título) onde questionava o poder de informação das esquerdas e o seu nível de propor uma alternativa para dirigir a política do Brasil. Há um fracasso entre a esquerda porque ela é preconceituosa e dogmática não admitindo criticar os seus postulados básicos, os fundamentos deixados por Marx com base em uma situação do trabalhador que hoje se encontra totalmente alterada pois a revolução internacionalista não foi feita e a cultura do mundo ocidental ostenta mecanismos de lazer que embotam com superficialidade o vírus de uma "revolução permanente". Não há espaço para discutir o pensamento de um Colletti ou mesmo de Luiz Carlos Prestes e as suas posições sobre Stálin, Eurocomunismo ou o purismo edificante de Gramsci, sempre esquecido nos debates sobre os caminhos da esquerda.

Poderemos citar como jornais alternativos o "Quem-Me-Quer" e a "Moçada Que Agita". Eles são alternativos porque não estão vinculados ao sistema industrial dos outros jornais de João Pessoa. Mas a leitura que eles fazem da sociedade também é obtusa uma vez que imprimem uma linguagem convencional a uma elite sem questionar nem os próprios padrões culturais dessa elite. Eles atendem às necessidades de uma imprensa alternativa sob a ótica do jornal indústria mas retrocedem quando não assumem nenhum compromisso com a liberdade e abrigam em suas páginas o racionário farfalhar das tensões flutuantes da nossa urbe. Eles praticam, no entanto, mais agudamente a liberdade de imprensa do que os jornais "O Norte", "Correio da Paraíba" e "A União". O caso de "O Momento" merece um enfoque maior porque é um jornal onde a prática da liberdade é frequente entre os seus redatores mas é comprometido com uma facção política paraibana extremamente reacionária, comandada pelo ex-governador João Agripino, assessor do execrável Paulo Maluf.

O choque perdura até hoje, deflagrado por Locke e Hobbes, sobre qual o relacionamento que deve haver entre o Estado e o cidadão. O Leviata de Hobbes, no entanto, parece que está levando a melhor. Mas o pensamento liberal de Locke não nos parece o mais ajuizado para resgatar o homem, do mar de repressão que banha todos os continentes mundiais. E quando esse cidadão e jornalista o conflito se exaspera porque se trata da manipulação de idéias, a impressão da História captada a cada esquina do labutar diário de um repórter que despeja a sua paixão entre o vendaval da tecnologia que transforma a emoção da notícia numa filigrana a mais entre as contradições que alimentam a nossa batalha diária.

Alberto Dines, que Agnaldo Almeida lê, propõe, sempre, a retomada da paixão do jornalista como a melhor forma de conduzir o seu trabalho diário na cata das emoções que compõem os fatos. Dines também prega o combate. Ele, como professor de comunicação, está inteirado dos problemas que o jornalista de hoje enfrent-

ta mas alia o seu raciocínio libertador - conforme registra Fernandes Neto no seu eficiente livro *Jornalismo e Liberdade* - a outros de futurólogos e antropólogos como Alvin Toffler ("The Future Shock") e "The Third Wave") e Darcy Ribeiro que defendem como a nova caminhada do homem a retribuição de cidades, pequenos núcleos comunais em que as pessoas viveriam das suas produções diárias mas com o essencial para o desenvolvimento intelectual sob um corte civilizatório socialista-cooperativista.

Darcy Ribeiro propõe a "Utopia Brasileira", uma civilização-base para o terceiro mundo em que o intelectual e o jornalista, parentes próximos, poderiam ter um lugar de destaque executando honestamente a sua paixão de identificar o processo evolutivo dessa nova ordem econômica que superará, nos próximos anos, a sede de poder que encanta os donos do Capital derrotados pela crise de linguagem que deflagrará novos valores.

Agora mesmo, em Washington, há um profissional de comunicação trabalhando com um telé portátil, encurtando mais ainda as distâncias e dispensando uma série de outros fatores que há alguns anos seriam mobilizados para que a informação fosse transmitida. Nos Estados Unidos, Europa e Japão a televisão por cabo evoluiu, as primeiras experiências com noticiários transmitidos por sistemas televisivos, substituindo o jornal de papel, os computadores emitem soluções mais rápidas nas grandes cadeias informativas e o espectro do Intelsat para sobre as nossas cabeças agitando com acontecimentos a aldeia global tão sonhada e degustada pelo aposentado cientista canadense Marshall McLuhan. Em meio a essa parafernália terá o jornalista, o do papel impresso, alguma chance de disputar a paixão popular, num exercício da tolerância pura como definiu Herbert Marcuse, buscando um corte com todos esses valores, parindo a análise crítica sem a participação dos sistemas dominantes?

Como discutir o jornalismo só no universo das redações?

Parece difícil. Glauber Rocha desfilou em Veneza, na mesma cidade onde surgiu o primeiro jornal, a sua indignação pela corrupção ideológica que acometeu a imprensa européia e se recusou que os seus vitupérios fossem traduzidos para o inglês por ser esta "a língua do imperialismo". O novo jornalista terá que despir-se do tecnicismo que a universidade o revestiu e compor uma sonata moderna com os veículos de informação, trabalhando, junto ao sindicato, junto à comunidade e aos colegas para a criação de uma nova mentalidade que não esteja impregnada pela batalha do poder, da dominação e da competição.

Hermilo Borba Filho, antes de morrer deu uma entrevista à revista "Veja" afirmando que a única coisa nacional e autêntica que tinha era a sua mulher nua quando se deitava na cama. O novo jornalista deve pensar que a única coisa que ele poderá ter como autêntica será a sua capacidade de revolucionar o seu limitado espaço exaurido pela ferocidade do capitalismo descontrolado e pelo consumismo alienante. Um corte crítico com a força que vem de fora, com o esquentismo do "lead" e exílio constante concedido à política oficial pode ser o caminho inicial para que enfrentamos o fim dos jornais de papel com a dignidade de uma batalha perdida mas com uma guerra ainda por vencer. Da comunicação com liberdade.

Pessoas fazem "guerrilha", diz Aloysio

O secretário da Saúde, médico Aloysio Pereira, admitiu, ontem, em carta enviada aos jornais da capital, de que existem pessoas interessadas e que se escondem no anonimato visando a criar uma "guerrilha" entre a Secretaria da Saúde e a Direção do INAMPS na Paraíba, através de notas infundadas publicadas nos jornais do Estado.

- Não acredito que consigam, uma vez que o Secretário da Saúde e Superintendente Regional do INAMPS-Pb, têm dado inúmeras provas em colocar os interesses públicos e de saúde acima de quaisquer outros". Alega o médico Aloysio Pereira. Na íntegra, a carta enviada aos jornais:

Acerca da notícia publicada neste jornal sob o título "ALOYSIO PEREIRA DENUNCIA A ADMINISTRAÇÃO DO INAMPS", datado de 07/09/80, esclarecemos:

1 - A 19 de Julho de 1979, a Secretaria da Saúde encaminhou à Superintendência do INAMPS - Pb uma proposta para assinatura de um convênio que permitia ampliar a assistência ao doente de tuberculose, baseado na experiência da Secretaria com orientação do Ministério da Saúde.

2 - O senhor superintendente, Dr. Marcos Aranha, em entendimento com a Coordenação de Saúde, foi informado que a Secretaria da Saúde/FUSEP não dispunha de imediato, de leitos hospitalares para os casos de tuberculose, sendo aqueles existentes no Hospital Clementino Fraga, mantido pelo Convênio Sec. Saúde/UFPB. Apesar disto, a Secretaria/FUSEP enviariam esforços no sentido de, gradativamente suprir a falta de leitos em seus hospitais.

3 - No final de julho último, realizou-se em Maceió uma reunião de técnicos especialistas em tuberculose - do Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social-INAMPS e Secretaria de Estado da Saúde - com o objetivo de modernizar o esquema terapêutico específico. Nessa oportunidade, os técnicos da nossa Secretaria presentes ao referido Encontro, foram informados que no 2º Encontro dos Secretários de Saúde do Nordeste, que se realizaria na semana seguinte também em Maceió, ocasião em que seria assinado convênio entre o INAMPS e todas as Secretarias presentes, havia sido excluído o Estado da Paraíba.

- Sabedores disto, procuramos averiguar junto à Superintendência Regional do INAMPS-Pb o motivo desta exclusão, ao que o Sr. Coordenador de Tuberculose do INAMPS-Pb informou que dera parecer contrário - cujo rascunho manuscrito ainda não estava anexado ao Processo -, baseado em fiscalizações feitas aos Centros de Saúde de Cruz das Armas, Cabedelo e Bayeux, que não correspondiam, naquela oportunidade, às expectativas do referido convênio, embora tivesse notícia de que em todos os demais serviços da Secretaria se desempenhavam satisfatoriamente as funções de combate à tuberculose.

4 - De posse dessas informações chegamos a Maceió onde, em reunião com os demais Secretários de Saúde do Nordeste, assessores do Ministério da Saúde e do INAMPS - Dr. Bataglia, Dr. Alfredo e Dr. Germano, manifestamos veementemente protestos pelo fato da Paraíba não estar incluída no convênio. Alegamos que, apesar da proposta ter sido encaminhada há mais de um ano, a mesma não foi respondida e somente às vésperas daquela reunião é que viemos a saber do parecer existente do Coordenador de Tisiologia do INAMPS-Pb, fato este que nos pareceu estranho mesmo porque aquele médico é plantonista e consta dar expediente em Casa de Saúde Privada de doenças pulmonares. Dito isto, não fizemos reserva nenhuma do caso, uma vez que se tratava de defender os interesses do Estado e da Secretaria da Saúde, em consonância com a nova orientação dos Ministérios da Saúde e da Previdência Social, propondo a integração do setor saúde. Afirmamos que admitíamos tratar-se de uma "guerrilha" movida por interesses outros e que "quem for podre que se quebre", o que teve ampla divulgação pela imprensa local e em parte distorcida, mas também afirmamos e deixamos claro a integridade do Sr. Superintendente do INAMPS-Pb, Dr. Marcos Aranha e do Secretário de Serviço Médico, Dr. José Moura, de quem somos amigos pessoais e com quem mantemos o melhor relacionamento-fato que não é ignorado pelos Ministérios e que não foi publicado pela imprensa alagoana presente ao Encontro.

5 - A notícia veiculada pelo jornal "O Norte" e baseada em extratos que a imprensa alagoana transmitiu há mais de um mês prova que a "guerrilha" continua, isto é, que existem pessoas interessadas e que se escondem no anonimato para intrigar o Secretário da Saúde com os dirigentes do INAMPS nesta Capital. Não acredito que consigam uma vez que - Secretário da Saúde e Superintendente Regional do INAMPS-Pb -, têm dado inúmeras provas em colocar os interesses públicos e de saúde acima de quaisquer outros.



Ademar de Medeiros, Ivo Emmanuel Henrique e Martins Vicente Moreira: os novos delegados

Novos delegados tomam posse em Campina Grande

Tomarão posse na próxima segunda-feira, os novos delegados de Campina Grande que ontem pela manhã se deslocaram até a Secretaria de Administração, onde foram apresentar as documentações necessárias e oficializar suas nomeações pelo Governo do Estado.

Eis os nomes dos delegados que encerraram seus cursos na próxima sexta-feira, juntamente com demais compa-

nheiros: Ivo Emmanuel Henrique de Souza, da Vigilância Geral e Costumes; Manuel Idalino Matias Vicente Moreira, de Acidentes; Martins Vicente Moreira, de Homicídios; e Ademar de Medeiros Batista, de Roubos e Furtos.

Patrocinado pela Secretaria de Segurança Pública, o curso para delegados visa preencher alguns cargos que estão vagos na Capital e cidades interioranas,

e dos onze bacharéis que participam dele, a maioria será aproveitada.

Destes delegados que participam do curso, um também - que vai ser aproveitado é o capitão João da Mata, já nomeado para ocupar o cargo de delegado da Polinter da Paraíba, em substituição do bacharel Adalberto Targino, que deverá assumir a Superintendência de Polícia de Guarabira. A sua posse será, possivelmente, na próxima semana.

COMARCA DE SANTA RITA Cartório de Registro Geral de Imóveis "Ángelo Maria de Souza" "EDITAL DE LOTEAMENTO" José Nuno de Araújo Pinheiro, Oficial Substituto do Cartório de Registro Geral de Imóveis da Comarca de Santa Rita, desta 2ª. de da Paraíba, na facha de lei, etc)

AGRO MERCANTIL URTIGAS S. A. "AMUSA" SANTA TEREZINHA PARAIBA C.G.C (MF) Nº 09.273.145/001-30 Capital AutorizadoCr\$ 40.000.000,00 Capital SubscritoCr\$ 23.345.231,00 Capital IntegralizadoCr\$ 23.345.231,00

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA Pelo presente Edital, ficam convidados os senhores acionistas da Agro Mercantil Urtigas S.A. "AMUSA", a se reunirem em sua sede social na Fazenda Urtigas, Município de Santa Terezinha, Comarca de Patos, deste Estado da Paraíba, no dia 22 (vinte e dois) de setembro do ano em curso de 1980 (hum mil novecentos e oitenta), às 10 (dez) horas, em Assembléia Geral Ordinária e Extraordinária, a fim de deliberar sobre a seguinte Ordem do Dia: ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA - 1ª - Tomada de contas dos Órgãos da Administração, exame, decisão e votação das demonstrações financeiras relativas ao exercício social encerrado em 30 de junho de 1980; 2ª - Aprovação da Correção Monetária do exercício e sua consequente destinação; 3ª - Outros assuntos do interesse da Sociedade. ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA - 1ª - Retificação do capital; 2ª - Aumento do Capital Social Autorizado de Cr\$ 40.000.000,00 (quarenta milhões de cruzeiros); 3ª - Reforma parcial dos Estatutos Sociais; 4ª - Outros assuntos de interesse Social. Santa Terezinha (PB), 02 de setembro de 1980. ASS. RIMÍDIA GAYOSO NOGUEIRA - PRESIDENTE DO CONSELHO. BAZILIANO LOPES LOUREIRO NETO - MEMBRO - AVISO AOS ACIONISTAS - Em cumprimento ao art. 133 da Lei nº 6.404 de 15.12.1976, acham-se à disposição dos senhores acionistas, na sede social da Empresa, cópias das demonstrações financeiras referentes ao exercício social objeto do presente Edital - Santa Terezinha, 02 de setembro de 1980. ASS. RIMÍDIA GAYOSO NOGUEIRA - PRESIDENTE DO CONSELHO. BAZILIANO LOPES LOUREIRO NETO - MEMBRO.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL LOTERIA ESPORTIVA Resultado provisório do concurso teste nº 511, apurado em 08/09/80. Total líquido a ratear: Cr\$ 218.818.354,80 1.335 apostas ganhadoras com 13 pontos, cabendo a cada uma Cr\$ 163.908,88 DISCRIMINAÇÃO DE APOSTAS GANHADORAS POR ESTADO: Alagoas 6 Amazonas 17 Bahia 68 Brasília 35 Ceará 21 Espírito Santo 54 Maranhão 6 Mato Grosso 12 Mato Grosso do Sul 9 Minas Gerais 110 Pará 32 Paraíba 3 Paraná 53 Pernambuco 10 Piauí 3 Rio Grande do Norte 4 Rio Grande do Sul 74 Rio de Janeiro 215 Santa Catarina 14 São Paulo 577 Sergipe 5 De acordo com o artigo 19 da norma geral dos concursos de prognósticos esportivos, haverá um prazo de 10 dias, contados a partir desta data, para reclamações, as quais deverão ser apresentadas na Av. Camilo de Holanda, 100 - João Pessoa, até o dia 19.09.80. Não serão aceitas reclamações por via postal. Os números dos bilhetes vencedores no Estado da Paraíba são os seguintes: Cod. Rev. Nº Cartão 13-00010 734806 13-10001 1314914 13-10009 1143445 A partir de hoje, os portadores dos cartões relacionados no presente Edital já poderão se apresentar na sede da Loteria Esportiva no endereço acima, ou em qualquer agência da Caixa Econômica Federal no Estado. O pagamento dos prêmios só será efetuado após a ratificação ou retificação deste resultado.

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS - DO - DR. VALDEVINO GREGÓRIO DE ANDRADE C.R.F. 0001 - Analista credenciado do INAMPS - A. Patronal - Banco do Brasil, IPEP - ASCB - JOHNSON & JOHNSON - SAELPA - Hospital do Grupamento de Engenharia - ASPLAN - O NORTE - IAA - ASSEX - A UNIAO Análises completas de Sangue, Urina, Fôma, Teste Imunológico para Gravidez, Provas Funcionais, Cultura com Antibiograma, Etc. LABORATÓRIO Rua Santos Dumont, 145 - Térreo (Próximo a Lagoa) - Telefone 221-5016

"COMPANHIA AGROPECUÁRIA SANTA ROSA" CGC. M.F. Nº 09.134.628/0001-54 CAPITAL SOCIAL AUTORIZADO Cr\$ 80.000.000,00 CAPITAL SUBSCRITO E INTEGRALIZADO Cr\$ 36.342.593,00 "RELATÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO" Colocamo-nos à disposição dos Senhores Acionistas para quaisquer esclarecimentos que julgarem necessários. João Pessoa (PB), 31 de dezembro de 1979. A ADMINISTRAÇÃO

RESUMO DO BALANÇO PATRIMONIAL - POSIÇÕES EM 31.12.1979 E 31.12.78 (EM CR\$)	
ATIVO	EXERCÍCIO/1979 EXERCÍCIO/1978
ATIVO CIRCULANTE	448.941,29 441.795,15
DISPONÍVEL	25.479,29 280.195,15
CAIXA	1.394,53 857,89
BANCOS	24.084,76 279.537,26
ADIANTAMENTOS A FORNECEDORES	35.000,00
ESTOQUES	388.462,00 161.400,00
ATIVO REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	95.661,43 95.661,43
OUTROS CRÉDITOS E VALORES	95.661,43 95.661,43
ATIVO PERMANENTE	31.543.480,72
INVESTIMENTOS	272,48
PARTICIPAÇÃO EM OUTRAS EMPRESAS	272,48
IMOBILIZADO	43.297.945,25 23.543.209,28
TERRENOS RURAIS	4.237.003,27 2.878.594,52
OBRAS DE ESTRUTURA BÁSICA	6.915.027,64 2.585.768,97
CONSTRUÇÕES RURAIS	3.434.245,85 1.990.991,50
INSTALAÇÕES AGROPECUÁRIAS	2.565.796,42 1.117.413,54
COMUNICAÇÕES	30.915,96 21.004,12
MÁQ. APAR. E IMPL. AGROPECUÁRIAS	194.037,76 775.694,65
INSTRUM. FERRAMENTAS E APETRECHOS	48.726,16 21.767,19
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	171.270,46 116.360,12
VEÍCULOS	957.490,58 150.570,02
SEMOVENTES	183.949,84 124.974,42
PASTAGENS	11.231.479,40 6.031.304,63
REANIMO DE REPRODUÇÃO	12.330.001,91 7.659.004,60
ADIANTAMENTO P/INVERSÕES FIXAS	70.000,00
ATIVO DIFERIDO	7.842.803,75 4.260.106,24
GASTOS DE ORGANIZ. E ADMINISTRAÇÃO	5.168.644,57 2.940.585,68
GASTOS FINANCEIROS	1.466.288,22 755.695,43
ESTUDOS, PROJETOS E DETALHAMENTOS	125.693,24 85.195,23
CORREÇÃO MONETÁRIA	1.094.293,06 475.516,90
PROVISÃO	-1.212.614,34
TOTAL DO ATIVO	51.687.351,72 28.341.133,58
PASSIVA	51.687.351,72 28.341.133,58
DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO	EXERCÍCIO SOCIAL DE 1979 E 1978
COMPONENTES	CAPITAL SUBSCRITO E INTEGRALIZADO RESERVAS DE CAPITAL CRÉDITOS DE ACIONISTAS TOTAL
SALDO EM 31.12.1977	8.010.770,00 106.025,82 780.618,00 8.897.413,82
1. Aumento do Capital Social por Subscrição de RECs. Próprios..	1.650.000,00 - (734.149,00) 915.851,00
2. Aumento do Capital Social com Recursos FINOR.....	1.840.300,00 - 1.840.300,00
3. Correção Monetária Especial..	- 3.693.670,30 3.693.670,30
4. Correção Monetária de Balanço	- 12.428.619,86 12.428.619,86
5. Provisão.....	- 38.423,76 38.423,76
SALDO EM 31.12.1978	11.501.070,00 16.266.739,74 46.469,00 27.814.278,74
1. Aumento do Capital Social por Subscrição de Recs. Próprios.	8.109.000,00 (6.321.000,00) (46.469,00) 1.741.531,00
2. Aumento do Capital Social por Subscrição do FINOR.....	13.906.375,00 (6.906.375,00) - 7.000.000,00
3. Aumento do Capital Social de Recursos Artigos 34/18.....	2.826.148,00 (2.826.148,00) - -
4. Correção Monetária do Balanço	- 14.575.423,19 - 14.575.423,19
5. Provisão.....	- (144.449,58) - (144.449,58)
SALDO EM 31.12.1979.....	36.342.593,00 14.644.190,35 - 50.986.783,35

"NOTAS EXPLICATIVAS DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS" 1. O presente Balanço Patrimonial, bem como as Demonstrações Financeiras foram elaborados com observância das disposições legais da Lei nº 6.404/76, do Decreto-Lei nº 1.598/77, e demais normas pertinentes a espécie; 2. Foi procedido a Correção Monetária do Balanço de acordo com as normas em vigor e todas as rubricas espelham no balanço reflexos com acatado física e financeira os componentes patrimoniais ativo e passivo; 3. O capital Social Subscrito e Integralizado de Cr\$ 36.342.593,00 está representado por 36.342.593 ações nominativas assim distribuídas: 12.341.000 Ações Ordinárias, de ações preferenciais classe "A" 5.517.716 e classe "B" 18.483.875. João Pessoa (PB), 31 de dezembro de 1979

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA Antônio Régis de Brito Maria Zuleide Fernandes Régis Antônio Carlos Fernandes Régis Quintino Régis de Brito Neto CONTADOR Edith Maria de Oliveira - CRC-PB 521 Técnico em Contabilidade

"PARECER DO CONSELHO FISCAL" De abaixo assinados, membros do Conselho Fiscal da COMPANHIA AGROPECUÁRIA SANTA ROSA, examinaram cuidadosamente o Balanço Patrimonial, as Demonstrações Financeiras, bem como todos os atos, papéis e documentos referentes ao exercício encerrado em 31 de dezembro de 1979, e são de opinião que aqueles documentos refletem fielmente a situação dos negócios sociais, devendo, por isso, serem aprovados pela assembleia Geral. João Pessoa (PB), 31 de dezembro de 1979 Francisco de Assis Fideles de Oliveira Belmonte Renato Guerra Antonio Paz Bezerra

"PARECER DO AUDITOR" Aos Acionistas, Conselheiros e Diretores da "COMPANHIA AGROPECUÁRIA SANTA ROSA" Examinamos o Balanço Patrimonial da CIA. AGROPECUÁRIA SANTA ROSA, levantado em 31 de dezembro de 1979 e as correspondentes demonstrações financeiras do exercício findo nessa mesma data. Nosso exame foi efetuado de acordo com os padrões reconhecidos de auditoria, incluindo revisões parciais dos livros e documentos de contabilidade, bem como, aplicando outros processos técnicos de auditoria no estender que julgamos necessários segundo as circunstâncias. São de parecer que as referidas demonstrações foram elaboradas de conformidade com os princípios contábeis geralmente adotados e consistentemente aplicados em relação ao exercício anterior e traduzem satisfatoriamente a posição financeira da empresa, naquela data. João Pessoa (PB), 31 de dezembro de 1979. HUBERTO LUZA - CRC-PB nº 1034 CFC. nº 021.259.804-JR

Contra-ataque

A crise do Botafogo

O Botafogo não teve nenhum mérito em conquistar o primeiro turno, o que na verdade se pode afirmar é que tudo isso foi fruto do imprevisível futebol, embora os torcedores e dirigentes das outras agremiações digam que os juizes colaboraram com o tricolor. Isso podemos dizer que não aconteceu, pois, como falei num comentário bem recente, juntando os quatro times que disputaram o quadrangular decisivo do primeiro turno, não dá para formar uma boa equipe.

Se o futebol brasileiro atravessa uma fase péssima, onde existe apenas o grande interesse financeiro dos cartolas e o rebolado irritante dos jogadores, compreendemos que não existe classificação para o futebol paraibano, este, sim, sempre foi a maior bagunça. E se a torcida exige, ela tem toda razão, pois, não se pode admitir que um time que fez uma campanha daquela na Taça de Ouro, hoje, se encontre nessa situação.

A culpa de tudo está nos cartolas. Lembro que o Campinense fez aquela grande campanha no Brasileiro, mas logo que o certame terminou, o time acabou. E vem a velha explicação: o Campeonato Paraibano é deficitário e não podemos sustentar uma grande equipe. Para pagar com que? Então, fechem as portas, pois o grande erro vem de muito tempo. Não houve um trabalho de base.

Muita gente não gosta quando digo, mas faço questão de repetir: o maior erro de Ernani Sátyro foi ter construído esses dois estádios, pois, a Paraíba ainda não estava preparada para recebê-los. O dinheiro gasto num dos dois, deveria ter sido empregado na construção de escolas para dirigentes de futebol.

Outra coisa que o pessoal se enraivece, é quando se pergunta pelo dinheiro. Mas nisso não quero mais falar. O fato é que além de não ser fácil dirigir um clube, algo de bom deve existir, porque, não fosse assim, não havia tanta briga quando se fala em mudança de diretoria, sobretudo no Botafogo, onde o nome de Zé Flávio tem causado polémicas arrasadoras.

Em meio a esse clima, o Zé Santos acaba perdendo a paciência e abre o jogo. Nessa hora digo que o supervisor tem razão, principalmente que, depois da bonança, no clímax da crise, jogaram a batata quente em sua mão e, ele ficou na cela de ou tudo ou nada. E se ainda não fosse o Zé Santos, que faz tudo no Botafogo, o clube não teria levantado o primeiro turno, mesmo como uma migalha que sufoca a fome de quem já está cataplasmático.

Foi a maior decepção que senti domingo: ver um time ganhando o turno sob o som irritante das voais da torcida e, na medida que o tempo ia passando o carretel de palavras era desatado sobre os ouvidos do supervisor José Santos, o grande "bode expiatório", na melancólica crise do Botafogo.

A inquietação da torcida nas arquibancadas chegava a mexer com meus nervos. De repente uma mistura de pensamentos passava em minha mente, e me deixava triste: "vi este estádio super-lotado numa noite de Internacional. Era um palco iluminado. No fim, o time saía ovacionado pela galeria. Agora, campeão do turno, sob voais e palavras".

O pior é que o remédio para essa doença é muito caro e ninguém se compromete em ajudar. Então, porque não aparecem os grandes torcedores, os chamados homens do dinheiro. Apareçam, comprem craches, paguem as luvas, coloquem os salários em dia e vamos dar o que a torcida exige. Do contrário, deixem o barco ir a pique, pois ele foi de encontro a uma pedra muito grande e o seu casco já está furado, há muito tempo. Olhem o barco afundando, olhem o barco afundandoooooo...!

Tarcisio Neves

Cabo Branco jogará com América-RN

A equipe juvenil do Cabo Branco, campeã paraibana de futebol de salão da temporada 80, vai receber a visita da América de Natal, em data a ser marcada, numa promoção do industrial José Flávio Pinheiro Lima, candidato a diretor de esportes do Cabo Branco na chapa do deputado Assis Camelo.

O amistoso interestadual, servirá para que seja feita a entrega das faixas dos atletas campeões juvenis do Campeonato Paraibano de Futebol de Salão promovido pela Federação Paraibana da modalidade.

Amanhã, os jogadores do alvirubro de Miramar, categoria adulto, estarão retornando aos treinamentos sob o comando técnico de Walter Castelo Branco, visando as disputas do certame temporada 80.

José Flávio chegará na próxima semana de São Paulo, a fim de oficializar a sua candidatura, na chapa de Assis Camelo. Uma das grandes preocupações dos dois ilustres desportistas é com o sistema de iluminação do mini-campo das quadras de tênis e da própria piscina, que serão recuperadas, caso se confirme a sua eleição.

Berto será o treinador do selecionado

O diretor de futebol da Federação Paraibana, Ary Volta, confirmou neste início de semana o nome do ex-jogador Berto para dirigir a Seleção Paraibana de Junior's, que disputará o Campeonato Brasileiro no final do ano, uma competição promovida pela Confederação Brasileira de Futebol.

A PFF vai começar a analisar os jogos do certame de Junior's para fazer a convocação, pois, este ano, nosso Estado está querendo entrar para brilhar neste certame, ao contrário do que aconteceu nos anos anteriores, quando a Paraíba foi uma verdadeira decepção.

O nome de Berto é, sem dúvida, o mais indicado, pois trata-se de um homem que conhece tudo de futebol, especialmente no setor de juvenis aqui em João Pessoa. Esperamos que ele possa fazer um bom trabalho e para isso a PFF vai lhe dedicar total apoio (adiantou Ary Volta).

Anteriormente, pensou-se em Antônio Américo de Lima para o cargo de técnico, mas este não aceitou, pois quer voltar a integrar o quadro de Árbitros da Federação Paraibana de Futebol.



Problemas da diretoria não preocupam o elenco

JOÃO MÁXIMO QUER O TÍTULO DE 1981

TJD reúne-se e julga protesto dos trezeanos

O Tribunal de Justiça Desportiva da Federação de Futebol reúne-se oficialmente amanhã para resolver o protesto do Treze contra o Nacional de Patos, pelo quadrangular decisivo do primeiro turno do certame estadual, onde a utilização do atleta Clivandir provocou todo o problema.

O caso perdeu todo o seu interesse em razão dos resultados de domingo, apontando o Botafogo como campeão do primeiro turno. Mesmo assim, o TJD confirmou a reunião, pois o problema deveria ter sido solucionado semana passada, mas foi adiado a pedido dos trezeanos.

Emílio de Farias, defensor do Treze, pensou em cancelar o protesto, a fim de evitar que o atleta Clivandir fosse prejudicado, pois, segundo ele, o jogador estava mesmo jogando ilegalmente aqui na Paraíba. Porém, os dirigentes do Nacional continuam afirmando que os documentos do Treze são fraudulentos.



João Máximo otimista

Juvêncio diz que não fica mais no Bota

Depois de desentender-se com o supervisor José Santos, o diretor Juvêncio Andrade pediu renúncia do Botafogo Futebol Clube, onde ocupava o cargo de diretor do departamento amador e respondia pelo departamento de futebol profissional, na ausência de Aldro Gresi. Juvêncio fez uma carta ao presidente Alvaro Magliano, explicando as razões de sua decisão:

- Tudo aconteceu no jogo de domingo, quando o técnico José Santos dirigiu-se à torcida com gestos obscenos. Eu, por exemplo, estava no Almeidão com a minha família e achei uma grande falta de respeito. Desci ao túnel para repreendê-lo e ainda fui mal recebido (disse Juvêncio).

O ex-dirigente botafoguense participou ontem de uma reunião, oportunidade em que

ventilou-se a possibilidade de se contratar um treinador. O nome do pernambucano Nereu Pinheiro surgiu como a primeira opção, devendo até o final da semana tudo ficar decidido. Alvaro Magliano, presidente do clube, vai ainda tentar convencer Juvêncio a permanecer, pois, depois de sua entrada, o Botafogo organizou-se internamente, especialmente no departamento amador.

José Santos coloca cargos à disposição da diretoria

Ao ouvir as declarações do diretor Juvêncio Andrade, ontem, num programa esportivo da Rádio Tabajara, o supervisor/técnico José Santos telefonou para a emissora, colocando os seus cargos à disposição da diretoria, afirmando:

- Se o problema do Botafogo sou eu, os cargos de supervisor e treinador estão à disposição da diretoria. Estou aqui há alguns anos e já passei por fases boas e

ruins. Lembro até o ano em que os clubes de Campina Grande ficaram de fora do Campeonato e nós ficávamos concentrados na antiga churrascaria, passando todo o tipo de privação. Agora, o Botafogo tem um patrimônio e aparece todo o tipo de gente querendo ser diretor e acaba complicando o nosso trabalho. Repito: se o problema do Botafogo é José Santos, eu entrego o cargo agora.

O supervisor/técnico, no entanto, talvez

sentindo o peso de suas declarações, afirmou mais adiante:

- Só fico no Botafogo se os jogadores pedirem. Terei uma reunião com o elenco nesta quarta-feira e depois decidirei tudo.

Ao dizer isso, José Santos mais uma vez confundiu totalmente as suas atribuições no clube, como se os jogadores mandassem mais no Botafogo do que a própria diretoria.

"Tivemos pouco tempo para formar uma equipe verdadeiramente competitiva, mas, mesmo assim, o Auto vai dar trabalho a muita gente neste segundo turno" - foi o que disse o médico João Máximo Malheiros, ontem, analisando as possibilidades do Clube do Povo no segundo turno do Campeonato Paraibano.

João Máximo, que tomou posse domingo último, garantiu que, mesmo sem dispor de tempo suficiente para se dedicar ao Auto Esporte, organizou a sua

diretoria da melhor maneira possível, a fim de que os jogadores tenham toda a assistência necessária.

- O vice-presidente Manoel Raposo responderá por mim, quando estiver ausente. Trata-se de um grande automobilista e, com ele, estaremos tranquilos. Terei também a colaboração de Heroldo Navarro, meu amigo particular, com quem deverei contar durante todo o mandato. Aliás, quando aceitei me candidatar à presidência do Auto, deixei claro que só vol-

taria a trabalhar pelo clube se tivesse ao meu lado o incansável Haroldo (disse J. Máximo). O novo presidente automobilista ressaltou ainda que, ao contrário da vez anterior, sua administração terá também a total cobertura da torcida e do Conselho Deliberativo.

- Finalmente, acabaram-se todas as alas do Auto Esporte e, se não formos um time para ser campeão este ano, a torcida pode ficar certa de que, em 81, ninguém terá condições de nos segurar (finalizou).

Haroldo quer regularizar os novos reforços do Auto

Até a próxima sexta-feira os novos jogadores do Auto Esporte estarão perfeitamente regularizados para a estreia no segundo turno do Campeonato Paraibano, domingo, contra o Santa Cruz de Santa Rita, no Estádio Almeidão. Pelo menos é o que espera o diretor Haroldo Navarro:

- Os atletas Mundinho, Tiquinho e Mano vieram do Ceará e do Rio Grande do Norte e, de acordo com o contato que tive com os presidentes das federações dos dois Estados, a documentação estará chegando na PFF, no máximo, até quinta-feira (disse Haroldo).

Os jogadores do Clube do Povo voltaram a treinar ontem pela manhã, com o professor Ernani Freitas, depois da segunda-feira de folga. O coletivo pronto será sexta-feira, no campo do Vera Cruz, no bairro de Mandacarú, quando José Lima definirá tudo com relação a escalação da equipe.

Jogada Nacional

Geraldo Varela

FUMANCHU

O Flamengo contratou o ponta direita Luís Fumanchu ao América do México, por 12 milhões de cruzeiros, sendo 6 milhões serão pagos no ato da transação e o restante em janeiro de 81. O jogador que já jogou no Vasco e Fluminense, disse que recebeu com a maior empolgação a notícia de sua venda para o rubro-negro da Gávea, sobretudo que era o grande sonho de sua vida e tinha certeza que somente o Mengo poderia realizar essa proeza. Outro que também foi contratado pelo Mengão é o zagueiro Luís Pereira que chega hoje ao Rio de Janeiro, acompanhado do vice de futebol, Joel Tepep para assinar contrato com o mais querido.

MÁRCIO BRAGA

O presidente do Flamengo, Márcio Braga disse ontem que as contratações

de Luís Pereira e Fumanchu não iria abalar a situação financeira do clube e explicou: "Não estou preocupado com o alto investimento, pois a torcida do Flamengo sempre respondeu a estas investidas e não será agora, justamente na hora em que estamos imbuídos de conquistar o tetracampeonato carioca e a Taça Libertadores da América e ainda o título de campeão mundial inter-clubes que ela iria nos abandonar. Tenho certeza que para o clássico contra o Fluminense, já poderemos mostrar o porque investimos nestes dois craques", finalizou.

CARIOCA

O Campeonato Carioca prosseguirá hoje à noite, com as seguintes partidas: Campo Grande x Goitacás, em Ítalo Del Cima; Americano x Bangu, em Campos, no Godofredo Cruz; América x Volta Redonda, em São Januário; e Flamengo x Niterói, no Maracanã. A rodada será complementada amanhã com o jogo entre Vasco e Olaria, em São Januário. O Fluminense lidera a competição com sete pontos ganhos, seguido do Botafogo e Bangu, na segunda colocação com cinco pontos ganhos. O artilheiro do certa-

me é Cláudio Adão, do Fluminense, com seis tentos assinalados. O Campeonato Estadual rendeu até o momento, em 17 jogos disputados, a importância de Cr\$ 16.158.980,00 com um total de 134.576 pagantes.

PAULISTA

O Campeonato Paulista prossegue hoje à noite, com a realização de seis partidas: Portuguesa de Desportos x Internacional de Limeira, no Canindé; Palmeiras x São Bento, no Parque Antártica; Santos x Marília, na Vila Belmiro; Taubaté x Ponte Preta, em Taubaté; Comercial x Ferroviária de Araraquara, em Ribeirão Preto e Francana x América, em Franca. A rodada será complementada amanhã, com o jogo entre São Paulo x Botafogo, no Morumbi. O São Paulo continua liderando a competição com 13 pontos ganhos.

PROBLEMAS

O treinador Zagalo está preocupadíssimo com as seguidas contusões dos jogadores vascaínos. Para o jogo de quinta-feira, contra o Olaria, o técnico tricampeão mundial não poderá contar com Paulinho Pereira, Brasinha e possivelmente Roberto Dinamite que deixaram o campo, domingo, contundidos.

Zagalo vai esperar a revisão médica de amanhã, para então poder definir a equipe para o segundo compromisso no Campeonato Estadual. O ponteiro esquerdo Silvinho, do América carioca, poderá ser o mais novo reforço do Vasco para o certame, as negociações estão bem adiantadas e hoje os dois clubes poderão chegar a um acordo.

MOTIVAÇÃO

"O Fluminense não está preocupado com as recentes contratações do Flamengo. Se o clássico já estava motivado pela boa performance do tricolor na competição, agora, a coisa terá uma motivação muito maior, pois se de um lado o Mengo tem Fumanchu, nosso ex-jogador, do outro lado nós temos Cláudio Adão ex-Flamengo, pronto para responder. Acho que quem sairá lucrando são as duas equipes e a torcida sem sombra de dúvidas", estas foram as palavras do presidente do Fluminense, Sílvio de Vasconcelos ao ser interpelado sobre as novas aquisições do rubro-negro. Hoje, o treinador Nelsinho orienta um coletivo na parte da tarde e à noite ele vai assistir ao jogo Flamengo x Niterói, quando espera tirar algum proveito.

Jacques Fauvet:

“A notícia é produto de um juízo”

Jacques Fauvet nasceu em 9 de junho de 1914, em Paris, Começou sua longa carreira jornalística como redator de L'Est Republicain até que a guerra lhe interrompeu atividades. Entrou no jornal Le Monde em julho de 1945, passou a chefiar a seção política em 1948, e, em 1958, foi nomeado redator-chefe adjunto, em janeiro de 1963 redator-chefe e finalmente diretor do jornal em dezembro de 1969.

Publicou uma série de obras relativas à política francesa, entre as quais se destacam *Les forces politiques en France* (1947), *La France déchirée* (1957), *La VI e République* (1959), *La Fronde des généraux* (1961), e *Histoire du Parti Communiste Français* (1964-65).

Que gênero de informação é considerada como notícia?

- Isso depende do jornal, do meio de informação. Conforme se trate do órgão de um partido, de um órgão confessional, ou de um órgão de informação, as notícias não terão a mesma importância relativa.

Para um jornal de informação como Le Monde, uma notícia importante é aquela que tem valor universal, nas duas acepções do termo:

- uma inundação no Paquistão que cause 10.000 mortos tem mais importância para nós que o rompimento de um conduto de águas numa pequena localidade francesa. No entanto, verifica-se frequentemente que a notícia local passa, na imprensa, por cima da notícia universal. Trata-se, pois, do estabelecimento de uma hierarquia dentro da informação;

- quanto à segunda acepção, uma notícia, ainda que menor, pode ter um significado universal, uma força humana, um sentido social, um valor filosófico ou religioso.

Hoje em dia, as pessoas sentem menos indiferença pelo que acon-

tece em lugares, remotos, pois viaja-se mais, existe a televisão, o rádio, etc., mas ainda é verdade que são mais sensíveis ao que acontece perto delas.

Nós, no Le Monde, inclinamo-nos a reduzir os acontecimentos às suas justas proporções em função do respectivo conteúdo e significado.

Quais as características de uma notícia?

- Deve, sobretudo, ser o mais exata possível. É isto o mais difícil - dada a diversidade, multiplicidade e precariedade das fontes e a frequente impossibilidade de os jornalistas serem testemunhas presenciais do acontecimento.

Esta dificuldade deve-se a razões técnicas e psicológicas que derivam da própria natureza da imprensa.

Nós realizamos um trabalho de verificação entre as diversas fontes e outro de confronto entre a notícia e aquilo que o jornalista crê verdadeiro em função do que ele conhece do país, do problema, dos homens, etc. O jornalista deve ser bastante competente e perspicaz para descobrir as inexactidões. Os redatores devem ser suficientemente especializados para se não perderem no meio da autêntica confusão de informações que recebemos, de múltiplas origens; agências noticiosas, correspondentes no estrangeiro, nas províncias..., fontes informativas próprias de cada redator..., e também a correspondência ou depoimentos dos leitores.

Quais os escalões de base, os primeiros passos, na cadeia da informação?

- Entre o acontecimento e a sua divulgação existe uma série de fases de ordem técnica e psicológica. Entre o momento em que os observadores presenciam um acontecimento, em que o jornalista, o correspondente recolheram o seu testemunho, o momento em que a agência noticiosa faz uma seleção à saída e à chegada, o momento que, no jornal, se leva

também a cabo uma seleção, existe uma série de operações, intervindo em cada uma delas um elemento de ordem psicológica, de seleção e sistematização.

O que é interessante, importante ou significativo para uma agência, um redator ou um jornal, pode não ser para outros.

Bernard Voyenne disse: “A notícia não é um objeto, mas o produto de um juízo”. Em cada fase do processo de informação intervém um juízo, quer dizer, um elemento subjetivo.

Que tipo de manipulação podem sofrer as notícias? É possível evitá-lo?

- É aí onde se exprime a índole do jornal. Um jornal a serviço de um partido, de uma ideologia, de uma confissão ou de certos interesses causa uma distorção mais forte na notícia porque a sua escala de valores está em função da ideologia, da causa que serve.

O chamado jornal da informação é diferente, mas, de qualquer modo, é um jornal de opinião. Ainda que tenha o dever de se libertar dos seus preconceitos, não pode sair da escala de valores que herdou do seu patrão, dos seus progenitores, da sua história. O jornalista não é uma máquina registradora. A distorção deve ser o menos forte possível, mas é inevitável.

Que diferença há entre o tratamento que se dá às notícias políticas e o que se dá às científicas e culturais?

- O processo é idêntico:

1º Determinação da autenticidade.

2º Esclarecimento do documento ou do acontecimento, que, sem isso, não tem amplitude nenhuma sentido ou o tem oculto. Assim, deve tornar-se a situar a notícia dentro de um conjunto, num contexto. É preciso apresentar as coisas de forma compreensível, colocá-las de novo no seu lugar e reduzir o problema a seus elementos essenciais e atuais.

3º O comentário, que é livre e pode ser inspirado por uma opinião, uma filosofia.

Como se obtém uma notícia?

- Hoje em dia, os métodos alteraram-se muito. Antes de 1945 não havia reuniões ou conferências de imprensa, nem as inúmeras entrevistas ou declarações que hoje se fazem, quer para a imprensa, quer para a televisão. O jornalista tinha muito mais necessidade de procurar a informação. Atualmente vivemos numa sociedade de comunicação e que tem a informação sente-se muito mais incitado que antes a oferecer-lá ao público.

Mas tem-se de aprofundar ainda mais a informação preparada desta maneira e descobrir a que se oculta. É difícil, porque quem oferece aquela não dá, em última análise, mais do que quer que se torne público.

Como se apresenta uma notícia em função do meio de difusão que a transmite e do público a que se destina?

- Para os grandes meios de informação que chegam à milhões de pessoas, tal como a televisão, deve-se acima de tudo simplificar a notícia, ainda que mais não seja, devido aos períodos de tempo concedidos. Pelo contrário, os jornais com tiragem menor, as emissões destinadas a um público mais restrito, mais exigente, tratarão a notícia de forma diversa.

Temos em Le Monde uma norma que consiste em limitar um artigo, mesmo importante, a três colunas. Para além disso, nós julgamos que o leitor, inclusive o atento e experiente, perde interesse. Além da preocupação em oferecer uma informação o mais completa e clara possível, existe o interesse em tornar a leitura agradável.

Há alguma diferença de tratamento entre as notícias nacionais e estrangeiras?

- No Le Monde procuramos não reduzir a informação à do “Hexágono”. É certo que, com as notícias do estrangeiro, existe um problema de língua, de tradução. Mas, paradoxalmente, falamos mais de países longínquos, da Ásia por exemplo, que da própria Europa.

Como se adquire a prioridade ou a exclusividade de uma notícia?

- Graças, sobretudo, à rede de relações do redator ou do correspondente. Em política, se ele tem boas relações com a maioria ou a oposição, desfrutará de certo grau de confiança.

Na França, contrariamente ao que acontece nos EE.UU., verifica-se certa retenção de informação por parte dos poderes políticos, económicos, privados... É mais fácil obtê-la, por exemplo no terreno dos escândalos, nos EE. UU. que na França. Aqui, as pessoas hesitam em dar elementos que possam prejudicá-las ou ser utilizados contra elas... O jornalista deve ser bem formado, conhecer perfeitamente o ofício, saber fazer falar as pessoas. Torna-se necessária a existência de confiança entre ele e o seu informador.

No terreno económico existe o segredo comercial, que os franceses levam muito mais longe que os anglo-saxões, por exemplo.

Qual o futuro da informação a mais longo prazo?

- É um problema de civilização e de sociedade. Os homens sentem uma necessidade de saber simultaneamente não arranjam tempo para isso. Vêm-se constantemente agitados, são cambiantes, móveis. Cansam-se de tudo muito rapidamente.

Espero que esta espécie de ritmo, um tanto sem sentido, da vida de toda a gente, esta procura de novos produtos, de novas formas de expressão, de novos horizontes, há-de parar. Uma civili-

zação mais tranquila voltará de modo natural à palavra escrita.

Noutro tempo, e para citar um caso extremo, a morte de Napoleão foi conhecida na França com três meses de atraso. A pressa atual obriga a dar imediatamente uma explicação, às custas de logo retificar; põe-se o título “O complot contra Nixon” e, uma hora depois, “Talvez não se trate de um complot”.

Certo diz George J. Pompidou disse: “A cultura é a leitura”. O Rádio e a Televisão são, creio eu, estimulantes da cultura. Para milhares de pessoas, na Europa e principalmente nos países em vias de desenvolvimento, ouvir rádio ver televisão, em especial nas regiões rurais cujo horizonte não ia além do fim dos seus caminhos, é um despertar. Mas somente a palavra escrita pode alimentar a cultura. Também aí os órgãos são complementares.

No entanto, ainda é preciso que os responsáveis pela leitura (das editoras e dos periódicos) tornem mais fácil a difusão dos jornais e dos livros.

Se a nível profissional primeiro, e a nível governamental e também internacional depois, houvesse consciência de que unicamente a leitura dá acesso à cultura, seriam mobilizados muito mais meios para o serviço da leitura em toda a sua diversidade. A imprensa independente chocasse contra o totalitarismo dos Governos, mesmo os liberais, pelo menos quanto ao auxílio e difusão dela. Pensam que a imprensa diz demasiado, crítica, e que isso prejudica os interesses nacionais. Ainda que com sua diversidade, seus elementos de oposição, a notícia seja um meio de despertar a consciência e a cultura. Sobre um acontecimento reflete-se, indaga-se. Os poderes preferem controlar os meios audiovisuais, que têm um efeito sobre as massas, e deixam de atender à imprensa. Com isto, e o que eles fazem é não atender à cultura.

ESTE DIA TAMBÉM NOS PERTENCE

O Dia da Imprensa também nos diz respeito. Saem de nós, do que vendemos, todo o material sem o qual não seria possível aparecer nas páginas dos jornais as fotos que revelam o dia a dia dos nossos costumes, da vida da nossa gente.

Comungamos, portanto, da alegria desta data, a que nos associamos, integrantes que somos desta imensa legião que trabalha para manter o mundo sempre bem informado.

Sinay Neves & Irmãos Ltda.

Rua Gervásio Pires, 280
Recife-Pe.

Verdades e inverdades

Sebastião Lucena

A chamada “Lei de Imprensa” sempre foi muito utilizada e, por sinal, de maneira errônea, por culpa dos próprios fazedores de jornal que, com o objetivo de evitar maiores polémicas ou aborrecimentos, aceitam as ponderações dos que se julgam injustiçados, abrindo-lhes os espaços necessários à defesa, talvez para cultivar a política da boa vizinhança. O repórter, na maioria das vezes, é quem sai perdendo. Acusações de “leviano informante”, “vendido”, “mentiroso” e outros adjetivos do gênero, são incluídos nos famosos desmentidos, quando na realidade o que acontece, em 99 por cento dos casos, são tentativas dos que tiveram suas conveniências descobertas, de encobrir a verdade, mesmo à custa da desmoralização do profissional do jornalismo.

Casos deste tipo se registram diariamente nas redações dos jornais. Sei de muitos e, particularizá-los seria tarefa menor, pois o mais importante é observar o problema de um plano mais amplo, principalmente porque a enumeração dos casos não concorreria para acabar os tradicionais segredinhos contados pelos informantes aos repórteres, acompanhados sempre da advertência: “olha, isto aí não é para publicar”.

Mas, mesmo tentando não pormenorizar, sou obrigado a narrar um fato acontecido aqui, na redação de A UNIÃO. Um conhecido engenheiro criticou os projetos da Sudene e, no dia seguinte, procurou a chefia de reportagem para, apelando para a tão decantada “lei de imprensa”, divulgar uma nota onde afirmava ter sido o seu filho quem falou e não ele. Depois se soube o “porquê” da pressa com que o respeitável cidadão correu ao jornal a fim de fazer a “correção”: ele tinha projetos tramitando na Sudene e não podia assumir as críticas por temer perdê-los. Como se sabe, mesmo com a desvalorização atual, o dinheiro é ainda capaz de fazer até mesmo um homem considerado sério, esquecer a dignidade.

A partir daí, o repórter fica enfrentando um sério problema: continuar comprometido apenas com a verdade, aquela verdade perseguida também pelos que lêem jornal, ou silenciar na maioria dos casos, a fim de não contrariar os interesses dos que gostam de aparecer nas manchetes mas se irritam e se exaltam quando as notícias vão de encontro às suas conveniências. Essas pessoas possuem duas verdades distintas: as que pensam e falam em confiança, e aquelas

que divulgam, sempre acompanhadas de objetivos inconfessáveis.

Quando entrei pela primeira vez na redação de um jornal, levado pelas mãos de Frutuoso Chaves, trazia ainda a cabeça povoada pelas fantasias do adolescente que conhecia imprensa através dos filmes, onde o jornalista faz de tudo: é o repórter, o detetive, o mocinho que sempre sai vencendo e o mais inteligente entre os que vivem a história. Depois é que fui descobrindo, pouco a pouco, que a coisa era diferente, que o trabalho do jornalista é tão pesado quanto o de qualquer outro e com um agravante: além do corre-corre diário em busca da notícia, dos famosos “chá-de-cadeira”, da procura incessante à informação mais detalhada, o repórter é obrigado também, a passar por mentirosos.

Eu acno que não adianta tentar mudar esse estado de coisas, mesmo porque seria tarefa árdua e inútil. Enquanto existir o gravatado possuidor das duas verdades, o que não gosta de ver divulgadas as trapalhadas que pratica pela vida, o desmentido será sempre uma arma muito utilizada.

E no dia em que ele desaparecer, ninguém tenha dúvidas de que será substituído por outro tipo de repressão, mas violento e condenável.

Jantar

- O próximo jantar-asmbléia do Centro Paraibano de Relações Públicas irá contar com a participação de figuras ligadas à vida de Cajazeiras. Quem está à frente da iniciativa é o deputado estadual Edme Tavares, que recebeu autorização do presidente do CPRP, bacharel Marcos Souto Maior.
- A figura central do próximo encontro da entidade que reúne os "public-relation" será o médico Francisco Carneiro Braga, cazeirense de nascimento e Comodoro do Iate Clube da Paraíba.
- O local do jantar festivo do CPRP será o restaurante do Iate Clube da Paraíba.

Iatista

- O conjunto do pianista Sampaio está contratado até dezembro para todas as sextas-feiras tocar no jantar-dança do Iate Clube da Paraíba. O associado, com esta providência do departamento social, tem agora lugar certo para passar momentos agradáveis todo final de semana.
- Segundo ainda deliberação da diretoria social iatista, as mesas nada custarão aos seus ocupantes, que terão, apenas, de exibir suas novas identidades na portaria. O mesmo procedimento deverá ser adotado pelos dependentes.
- O primeiro jantar-dança será depois de amanhã.

Sociedade

WONALDO CORREIA



MARIA AUGUSTA, PRESIDENTE DA SOCILA/RIO

"En petit comité"

- Na coluna de domingo dissemos que "um raro prazer que um grupo de pessoas pode ainda se permitir é jantar na companhia de Carneiro e Ligia Braga". E o fato pôde ser novamente comprovado na noite de segunda-feira passada quando os dois reuniram no restaurante do Iate Clube para um jantar à americana.
- Um detalhe chamava logo a atenção dos que vinham chegando: as mesas bem postas, entalhadas, decoradas com flores e cada uma oferecendo lugares para seis pessoas. O trabalho foi de Maria José Barbosa, que também esmerou-se no arranjo da grande mesa central.
- Ligia, aniversariante, estava muito bem num modelo escuro. Carneiro Braga, de blazer azul, foi outro que não parou e ainda encontrou tempo para operar algumas fotografias à cores. O uisque servido era o J&B, o vinho um cabernet de boa safra. No cardápio: stroganoff, camarão e lagosta.
- Assim, pode ser catalogado como irrepreensível o jantar orquestrado anteriormente por Ligia e Carneiro Braga na sede do Iate, reunindo um grupo muito próximo dos dois, como, entre outros, o Cel. e sra. Ivanilo Fialho, o Capitão e sra. Mauro Magalhães, o desembargador João Pereira Gomes (sem Sílvia, mas com João Júnior), os médicos e sras. Océlio Cartaxo, Péricles Vilhena, Eduardo Cunha, Danilo Maciel, José Ewerton Holanda, João da Silva, os advogados e sras. Manuel Guimarães, Geraldo Freire, Joás de Brito Pereira, os engenheiros e sras. João Paulo Querette, Aluisio Monteiro, Laudemiro Braga, Ednaldo Tavares e Ferrer.
- Ainda presentes com as esposas, o colonista Abelardo Jurema Filho, Nildon Soares, Djair Nóbrega, Edipo Freire, Gerson Gadelha, Albino Martins Ribeiro, Garibaldi Cattadino e Mathias Tavares. Também circulando estavam Catarina Guimarães, Ilzeny Freire, Angela, Carmem Bandeira, Paulo Tarcísio Lima, José George e Paulo Carneiro Braga, Donato Braga, Gilvaldo Dantas, Marcelo Braga, Germano Soares, Suplicio Moreira e Paulo Brasil Siqueira.

Adesões para campanha

- A Campanha "Pingo D'Água" continua ganhando novas e importantes adesões. As quatro últimas foram dos alunos do Colégio e Curso 2001, do Colégio N.S. de Lourdes, do Colégio Pio X e do Lyceu Paraibano.

- Dona Evelina Limeira foi quem deu a notícia.

Inscrições para festa

- O Cabo Branco abriu inscrições para a Festa dos Casais e fixou o próximo dia 20 para a sua realização, na buate da sede de Miramar.
- O clube contratou uma orquestra do Recife e avisa que não cobrará taxa nenhuma, nem para inscrição nem para as mesas ocupadas.

CONFORME esta coluna já havia noticiado, o restaurante da sede central do Cabo Branco fechou para reforma interna, oportunidade em que Borges aproveitou para conceder férias coletivas a sua competente equipe de auxiliares.

- A reforma do simpático restaurante cabobranquense, foi uma iniciativa do presidente Assis Camelo, que tem dado todo apoio na conservação do patrimônio do clube, além de premiar a selecionada freguesia que Newton Borges cativa há muitos anos.



ALUNAS DO CURSO DA SOCILA OUVEM A PROFESSORA PINA

Altemar e Jessé

- O diretor social Péricles Carneiro Vilhena, do Iate Clube da Paraíba, confirma mais duas grandes atrações para o mês de outubro vindouro. A primeira delas será a presença do grande seresteiro Altemar Dutra que dará um "show" durante a festa dançante marcada para a noite do dia 10 daquele mês.

- O segundo contratado da diretoria social iatista será o cantor Jessé, eleito o melhor intérprete do Festival da Nova Música Popular Brasi-

leira, recente promoção da Rede Globo de Televisão. Jessé - somente como título ilustrativo - vem ocupando os primeiros lugares nas paradas com a sua música "Porto Solidão". Ele virá a João Pessoa no dia 31 de outubro.

- Como o quadro social do Iate Clube pode ver, ao lado das construções internas que a agremiação realiza, a sua comodidade não se descuidada da parte social oferecendo bons encontros dançantes. O Iate continua disparado.

SUCESSO DE CURSO

- Com o sucesso e brilhantismo esperados - e ainda com um alto índice de aproveitamento - foi encerrado o Curso de Atualização da Mulher, uma iniciativa vitoriosa de Dona Glauce Burity, desta vez premiando figuras femininas da sociedade de João Pessoa. A reunião final foi no Jangada, decorado pela Flora Falcone, com um desfile de modas.

- Maria Augusta e Pina Fernandes (fotos), presidente e professora da Socila/Rio, ganharam flores da Primeira Dama Glauce Burity. No sorteio do relógio "Baume & Mercier" a ganhadora foi a dentista Cândida Sarmento. Flores também ganhou de D. Glauce a aluna Márcia Rolim, que estava fazendo 15 anos.

Avaliação eleitoral

- Circularam rumores na sede central do Cabo Branco que o grupo opositor do alvi-rubro irá proceder importante reunião quando seria feita uma avaliação eleitoral dos candidatos a diretores, além de definirem se haverá ou não remanejamento na atual composição da chapa.

- Sabe-se, por outro lado, que o procurador Antônio Tavares de Carvalho, embora insistentemente sondado, não deverá aceitar os oferecimentos opositoristas, permanecendo fiel ao sistema liderado pelo deputado Assis Camelo.



ANINHA E RICARDO

Cat Club

- Com presença maciça dos admiradores do esporte náutico, o Cat Club, à frente o incansável comodoro Itamar Monteiro promoveu domingo último uma concorridíssima regata nas classes Hob-Cat (14 e 16), além de Laser e Dinning.
- As competições prolongaram-se até as primeiras horas da tarde do domingo, com o tempo ajudando ao maior brilhantismo da iniciativa do "mais fechado" clube náutico do Estado, cuja sede fica na praia de Camboinha.



PINA FERNANDES

farmácia PADRÃO ZÉ

UMA ORGANIZAÇÃO JOSÉLIO PAULO NETO
AGORA TAMBÉM EM TAMBÁU

Rua Carlos Alverga, 23 - Fone: 226-1132

FAÇA SEU VARILUX E ULTRAVUE COM QUEM ENTENDE

ótica MIAMI

Rua Duque de Caxias, 295-A
Fones: 221-2259 e 221-8729

MOVELARIA PERNAMBUCANA
Uma Loja Com Personalidade

MATRIZ: Praça Pedro Américo, 71 - Fones: 221-4575 e 1031

FILIAIS:

- Loja II - Rua Cardoso Vieira, 123 - Fone 221-4488
- Loja III - Rua Duque de Caxias, 298 - Fone 221-5205
- Loja IV - Rua Duque de Caxias, 275 - Fones 221-4770 e 4068
- Loja V - Av. Epitácio Pessoa, 3001 - Fones 224-6381 e 5224

DEPÓSITO

- Loja VI - R. João Luiz Ribeiro de Moraes, 266 Fone 221-6840
- Loja VII - Parque Solon de Lucena, 263 - Fone 221-2961

Karine Bolsas

O complemento indispensável da mulher elegante, numa infinidade de bonitos modelos para cada ocasião.

Praca 1817, Nº 35-B
Fone: 083(221-8746)
JOÃO PESSOA - PB

Os estudantes de Comunicação não sabem. Eles enrolam os diplomas debaixo dos sovacos eruditos e discutem a "praxis" da barbiga de Trotski, aquele brilhante jornalista planfletário da Revolução Soviética. Mas não sabem que aquele diplominha charmoso concedido à sua sapiência pelas benesses de um sistema massivo de ensino superior está valendo pouco mais do que uma banana. Os brilhantes corporativistas dos Sindicatos elaboraram uma lei que regulamenta o exercício da profissão de jornalista, reservando o mercado profissional aos diplomados. Mas, na lei, eles se esqueceram também de inventar o mercado. O mercado existe, mas as definham.

A imprensa brasileira, jovens eruditos sovacos, cujo suor abriga todos os argumentos literários que fazem a festa dos sub-maxistas infanto-juvenis, está em crise. Se esses estudantes de Comunicação lessem jornais e tivessem a capacidade de avaliá-los já saberiam disso. Os jornais têm emagrecido a olhos vistos, inclusive os grandes, porque o papel custa caro e sobrecarrega a balança de pagamentos da nação. Os anúncios publicitários, que alimentam a coluna de "Haver" da contabilidade das empresas jornalísticas escasseiam porque o Brasil enfrenta uma inflação galopante e todo mundo quer se garantir antes da recessão. As primeiras despesas a serem cortadas são as de publicidade e, por isso, os jornais dançam.

Por motivos que lhes escapam também por ignorância, os rapazes não sabem que os jornais vivem uma crise de qualidade séria. Os títulos já não são mais tão criativos, os textos são deficientes em clareza, em tratamento do vernáculo e sem sabor, as fotos não têm mais aquela busca da angulação original com beleza plástica, os assuntos são cada vez mais frios, mais burocráticos. E, no baixo Leblon, os alunos da PUC estão reclamando dos editoriais, cada vez puxando o pêndulo da opinião para a direita, segundo eles. Os editores de política não conseguem rever os tempos vividos no nascedouro da abertura, quando publicar uma matéria sobre tortura significava acrescentar uma úlcera a mais no estômago, mas vê-la publicada no dia seguinte dava aquela sensação gostosa da vaca lambendo sua cria, o jargão expressando exatamente o sentimento de gratificação absoluta que o autor do texto vivia. As editorias de economia não conseguem mais achar tanta graça no liberalismo dos empresários privados que mereceram tanto espaço na segunda metade da década passada. Tudo passou a ser um "deja vu" incrível. Até o noticiário de futebol perdeu a graça, com os redatores sendo obrigados a comentar cada gol de Zico e cada novo título do Flamengo, uma espécie de versão carioca do glorioso Campinense Clube.

Os beócios falarão no índice de analfabetismo que assola o país. E até os beócios têm o direito de falar com razão. Os lúcidos dirão que os jornais brasileiros têm a mania de grandeza e resolvem tirar exemplares volumosos para mercados raquíticos, só para ter também tantas páginas quanto os norte-americanos que se comunicam com consumidores gordos em estatísticas cheias de zelo à direita. E os beócios terão que concordar que mais uma vez os lúcidos têm razão.

Os argutos de sempre dirão que a crise econômica é geral para chegar ao filé com fritas dos jornalistas já fez com que o diabo amassasse com o rabo o pão digerido diariamente pelo operário braçal. Que argúcia hein? Os sorletes dirão que a televisão veio para acabar com Gutenberg e o povo, embasbacado, nem espera o fim do argumento de tamanha solerzia, uma vez que o comercial acabou e vai começar mais um segmento de sua novela preferida no "ecran" colorido de cada dia.

No ano passado, o Brasil formou mais de sete mil candidatos ao desemprego, saídos da ignorância geral dos cursos de Jornalismo das pomposas escolas de

EU QUERO UMA AUDIÊNCIA, DOM JOSÉ

José Neumann Pinto

Comunicação de nossa deficiente escola superior pública. Em compensação, o maior mercado do Brasil fechou, no mesmo período, a oportunidade para 306 profissionais que já trabalhavam, diminuindo a oferta de emprego ao cortar esse número de vagas em suas redações. Este ano, o antígamente florescente "Diário de São Paulo", a locomotiva que puxava a grandiosa cadeia de rádios, emissoras de televisão e jornais dos associados, sucumbiu à própria incompetência, levando de roldão um dos mais tradicionais períodos da imprensa brasileira, o vibrante "Diário da Noite". Do silêncio da Alameda Barão de Limeira que abriga a sede da "Folha de São Paulo", brotou a notícia do falecimento do ilustre "Última Hora", título que já honrou as melhores tradições do jornalismo brasileiro, nos velhos tempos de Vargas e Samuel Wainer. Evidentemente, o mercado não floresceu e quem duvidar passe em qualquer redação de jornal, grande ou pequeno, durante os partos semestrais dos reajustes da nova lei salarial. A palavra de ordem é "salve-se quem puder acomodem-se todos". As demissões são apenas uma apavorante rotina.

O mercado, para o jornalista tupiniquim, é um arquivo morto

Meninos, a maré está brava. O pessoal da extrema direita resolveu dar sua estúpida colaboração ameaçando de morte os jornais da imprensa alternativa ou nanica fazendo a corda quebrar, mais uma vez, no lado mais fraco, ou seja o dos jornalistas. A providência do terrorismo cego e bocal não pode, contudo, servir de peneira para tapar o sol. Se a grande imprensa está vivendo dias críticos, certamente não estão sendo tão azuis os balanços contábeis das pequenas empresas que servem de sustentáculo a esses jornais tablóides de opiniões fortes, mas de fraquíssimo conceito nas agências de publicidade, que fazem a "mídia".

Diz a revista "Veja" que o maior jornal do país, "O Estado de São Paulo" está vergado sob sua própria dívida internacional. "O Estadão" retruca com negócios duvidosos do grupo de motéis da Quatro Rodas, na clara intenção de sujar o currículo da Abril, no momento em que o grupo poderoso de publicações entra na luta por uma rede de televisão, a mesma em que se engalfinham - entre outros menos votados - o JB, a "Visão" e os indefectíveis membros do clã dos Bloch.

A verdade é que, caso o Jornal do Brasil e a Editora Abril ganhem mesmo, como todos esperam, as concessões das duas redes, a batalha será incrível. A



Rede Globo de Televisão é um monopólio de audiência e não quer ser desbancado tão cedo, apesar de todas as declarações de "concorrência saudável" etc. Quem conhece os métodos empregados pelo grupo proprietário dos canais de televisão na indústria fonográfica, que participa com dois títulos, a Som Livre e a RGE, sabe que o negócio é mais embaixo. E, se não houver concorrência para valer, na tela pequena da luzinha colorida, das 20 às 22 horas, nos lares dos cidadãos brasileiros, a tendência do mercado profissional para o jornalista Tupiniquim é se transformar num imenso arquivo morto. Os jornais não pertencentes ao monopólio não passarão de versões mais modernas e atualizadas do célebre "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro, o maior exemplo de fragilidade de empresa jornalística já dado pela história do Brasil. Correto?

Pois bem, ninguém está levando vantagem nessa crise da imprensa brasileira, privilegiados sovacos da cultura nacional ambulante dos "Campi" Universitários. Chicago é um pintinho inocente diante do que tem acontecido por aí e o "crack" da Bolsa de Nova Iorque é um cavaleiro do Apocalipse que se desenha em nossos corações. Gostaram da metáfora, hein?

Pode parecer cômico, mas é trágico. Quem duvidar passe um dia comigo vendo a precissão dos desempregados a chorar suas mágoas em busca de um emprego qualquer numa redação também qualquer no Eldorado paulista. Ou me acompanhe a algum bar da moda em que, aterrorizados com os atentados que a direita resolveu armar no Rio e em São Paulo, os jornalistas de esquerda traçam planos mirabolantes de apoio à estabilização do governo Figueiredo. Trágico também é dar um passeio pelas escolas de Comunicação do país e descobrir que não há uma em que a crise seja sequer arranhada. No mundo de faz de conta da Universidade brasileira, realidade é apenas um substantivo bonito para ser usado em argumentação vazia. A crise do sistema capitalista mundial, aguarda com ansiedade "Maktubica" pelos habitantes das alienadas cidades universitárias brasileiras, impede que se veja o que está diante dos olhos e dos estômagos de todos: a crise presente, o momento atual, a realidade das ruas.

O charmoso diploma vale pouco mais do que uma banana

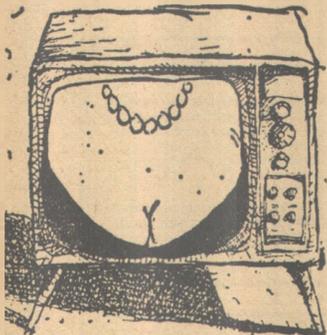
Na espera da crise do capitalismo internacional foi gerada a greve dos jornalistas de São Paulo, cujos resultados imediatos foram demissões em massa, união do patronato para enfrentar a borrasca com o mínimo de interferência nas despesas com folhas de pagamento e descoberta de que havia jornalistas demais para tão pouco competente jornalismo neste Brasil que se aproxima de comemoração da primeira metade de seu milênio de vida com uma dívida externa assustadora, uma incapacidade enorme de esfriar a febre inflacionária e uma tremenda vocação para a gestão burocrática e, consequentemente, desastrosa de seus problemas.

Resumindo grosseiramente, senhores, não há outra solução. A única possível é queixar-se ao Bispo. Antes que sua profissão também seja regulamentada.

José Neumann Pinto é repórter especial da sucursal do Jornal do Brasil em São Paulo. Paraibano de Uiruaína, é também crítico de Música Popular da revista Somtrês e ganhou o prêmio Esso de informação econômica de 1976.

Porque os jornais de hoje são de ontem

AGNALDO ALMEIDA



Jacques Favet, diretor do *Le Monde*, diz que os atuais meios de comunicação não são competitivos, mas complementares e, portanto, o surgimento de um não implica na morte do outro. E para ilustrar sua opinião ele simplifica as funções de cada meio: A TV mostra, o rádio anuncia e o jornal explica.

Se as coisas são realmente assim - e parece que não há dúvida - é significativo examinar porque um meio se sobrepõe a outro, no caso de estarem sendo consumidos por diferentes grupos sociais, culturais e etários. Simplificando: Por que, por exemplo, os jovens não lêem jornais, quer dizer, não procuram explicações, e se contentam com a superficialidade da TV? E mais: por que isso ocorre exatamente com eles, e não com os velhos que, teoricamente, teriam maior respaldo, mais back-ground, para se contentar com a superficialidade do espelho mágico?

A resposta parece fácil. Entretanto, tem sido essa uma das maiores dores de cabeça dos teóricos da Comunicação, a partir do próprio Marshall MacLuhan, cuja tirada maior - o meio é a mensagem - pretende explicar porque o garoto que liga a TV não é igual ao garoto que seu pai foi e que, sem TV, ligava o rádio. MacLuhan foi o primeiro teórico a ver que, apesar da semelhança gestual, ligar um aparelho de televisão é completamente diferente de ligar um rádio, porque revela uma postura diversa. Foi daí que ele concluiu que a mensagem estava

exatamente no meio. Um meio que tem uma relação simbiótica com o homem, servindo-lhe até de extensão corporal.

A primeira tentativa de resposta, como se vê, seria a de imaginar que, sendo a televisão o meio mais moderno, mais contemporâneo, a juventude correria pra ele por uma questão até de identidade natural. Se isso fosse verdadeiro, se fosse assim que as coisas acontecem, então desembocamos na pergunta fatal: por que motivo terá o homem evoluído no sentido de criar um meio que não explica, mas apenas mostra? Por que temos nós caminhado na direção da não-reflexão, precisamente no momento em que os problemas aumentam e quando se faz mais necessário refletir sobre eles? Provavelmente, nem MacLuhan sabe. Nem Freud explica.

O óbvio, nisso tudo, é que também a tecnologia acentua o conflito de gerações. E, daí, surgem os radicalismos e as incompreensões. Pais e filhos já não são os mesmos e, nisso, Ortega e Gasset já havia pensado: "O pai, como indivíduo determinado que é, dirige-se a seu filho, que é outro indivíduo determinado e único também. E formam o que deveria chamar-se companhia ou comunicação - um mundo de relações inter-indivíduos".

Tais incompreensões levam o velho a pensar que só no livro, um meio com o qual ele conviveu, pode haver esperança de um aprimoramento intelectual. Apegado aos seus conceitos e defasado pela velocidade com que as coisas ocorrem,

ele comete um erro de ótica e tenta impor isso ao jovem.

Tais incompreensões levam o novo a pensar que o livro é careta, é maçante, é coisa do tempo em que papai só fazia com mamãe. Movendo-se no caracol da velocidade com que as coisas ocorrem, ele comete um erro de ótica e recusa a palavra escrita. Até aí, tudo bem. Tivesse a TV condições de substituir as informações que ao seu pai lhe foram passadas em letras de forma, não haveria problema e não haveria este artigo.

Mas o problema existe e, em parte, é preciso reconhecer que, no caso dos jornais, a sua origem é mais uma questão de marginalização do que de preferência. Quer dizer: os meninos não têm nos jornais o espaço que conquistaram na própria sociedade. No caso do Brasil, a situação é mais grave ainda: tem-se uma população jovem, que avança e interfere em todos os setores, mas não se tem, na imprensa convencional, um espaço compatível com a dimensão deste segmento da sociedade.

Como esperar, então, que o índice de leitura de jornais possa crescer, se não há da parte dos meios nenhuma concessão a esse pessoal?

A imprensa nanica, que não chega a ser uma alternativa concreta porque assume todos os vícios da imprensa convencional, consegue, entretanto, atingir uma faixa de leitor (o universitário), porque há entre os dois, leitor e jornal, um mínimo de identidade necessária.

Que identidade é essa que os jornais não conseguem manter com o público jo-

vem? A pergunta lembra a piada de um presidente de clube de futebol, que, insatisfeito com os resultados da equipe, chamou o técnico em seu gabinete e cobrou vitórias, porque já havia feito várias contratações, atendendo a todos os pedidos. O técnico respondeu que ele tivesse paciência, pois o que faltava era entrosamento. "E por que nós não compramos ele também?" - perguntou o presidente, irritado.

Pois é. Os jornais não podem comprar uma identidade que não está à venda. No caso, adquirir essa identidade com tão grande público seria mudar a linguagem, mudar os compromissos, assumir nova postura. Em suma: inaugurar um novo jornal.

Na Paraíba, não há nenhuma indicação de que se pretenda inaugurar nenhum novo jornal. Os convencionais - *O Norte*, *A União*, *o Correio da Paraíba* - usam um tema e uma linguagem tão antigos quanto preconceituosos. O que se passa na Assembléia Legislativa é, para tais órgãos, infinitamente mais importante do que o que acontece na beira da praia, ainda que lá se reúnam dez mil pessoas para assistirem uma cantora dar seu show. E, segundo a mesma ótica Ulisses Guimarães vale muito mais como notícia do que Glauber Rocha. Dá-se todo o espaço possível ao campeonato de futebol e nega uma cobertura digna a um campeonato de surf.

Mais grave, nessas coisas, é que qualquer tentativa de modificação desse quadro não apenas não é encarada como coisa séria, mas chega até a ser confundida com picaretagem, para usar o jargão profissional. O que se passa não é um problema específico dos jornais. Esse comportamento não se restringe a um meio de comunicação. Ele revela o próprio jogo do poder, da dominação de um grupo sobre o outro, o mesmo jogo que preside os interesses da indústria cultural.

Por que os jovens não lêem os jornais de hoje? - Ora, porque ninguém lê jornal de ontem.